

Diário de Lisboa

FUNDADO EM 1921 ANO 70 Nº 23237

DIRECTOR MÁRIO MESQUITA DIRECTORA ADJUNTA DIANA ANDRINGA

QUINTA-FEIRA 10 MAIO 90 60\$00

EDITORIAL

A máquina de projectar

O PSD acusa a oposição de criticar uma lei eleitoral que não conhece, mas, em rigor, foi o primeiro-ministro que tomou a iniciativa de adiantar, em jeito de «balão de ensaio», certos dados acerca das intenções do partido do Governo nesta matéria.

Não admira, assim, que a oposição, mesmo sem conhecer a proposta, tenha tomado as suas distâncias, enquanto o PSD, cultivando a redundância, se apressava a garantir aquilo que, afinal, a Constituição já garante: a proporcionalidade. A procissão vai no adro, mas seria preferível que o primeiro-ministro tivesse divulgado a proposta de lei e os estudos que a precederam, convidando o País a debatê-los.

Os sistemas eleitorais não são neutros, nem se limitam a registar a opinião do país ou da região em causa: são ao mesmo tempo, segunda a metáfora de Duverger, «máquinas fotográficas» e «máquinas de projectar». Não reproduzem passivamente o estado da opinião. Ajudam a configurar o sistema partidário.

Basta comparar o papel desempenhado, no pós-guerra, por dois partidos liberais europeus: o britânico e o oeste-alemão. O partido alemão participou no Governo com pouco mais de 5 por cento dos votos, enquanto o seu congénere britânico tem sido sistematicamente arredado do poder (mesmo quando atingiu, aliado aos sociais-democratas, votações superiores a 20 por cento).

Na perspectiva da ligação do deputado com os eleitores, a proposta governamental poderá ser positiva. A redução dos círculos eleitorais e a coexistência de uma lista nacional com listas regionais valorizam a relação personalizada entre o parlamentar e o eleitor, embora ainda fiquemos longe do sistema de «duplo voto» alemão (que combina a proporcional com o escrutínio maioritário uninominal), referido, como possível modelo, pelo Presidente da República (entrevista à «Risco», em 1989).

Na óptica do sistema par-

Mário Mesquita
continua na pág. 5

Macário Correia ao DL

Empresas tabaqueiras historicamente condenadas

O secretário de Estado do Ambiente admite, embora num futuro longínquo, e como hipótese teórica, a ilegalização do tabaco

Pág. 14

Manoel de Oliveira em Cannes



O Festival de Cannes começa hoje com Portugal representado na selecção oficial com um filme extra-concurso, o último de Manoel de Oliveira, «Non ou a vã glória de mandar». É a História de Portugal pelo olhar do nosso maior cineasta, um filme de génio que o «DL» já viu.

Págs. 20 e 21

França condenada no caso Greenpeace

A França foi condenada pela sua actuação no caso do afundamento do navio «Rainbow Warrior», pertencente à organização ecologista Greenpeace, numa sentença de um tribunal internacional de arbitragem que vem pôr fim a cinco anos de diferendos com a Nova Zelândia. O tribunal apreciou também a repatriação não autorizada dos dois agentes secretos franceses responsáveis pela sabotagem, que causou a morte a um fotógrafo de origem portuguesa. Neste caso, a razão foi dada à França. Esta decisão, considerada conciliadora, foi aceite pelos neo-zelandeses e livra os franceses de maiores punições.

Pág. 10

Liderança portuguesa em edifícios inteligentes

Dentro dos próximos dez anos, Portugal deverá poder contar com 50 prédios preparados para serem transformados em edifícios inteligentes. A inovação deste conceito consiste na tentativa de proceder a uma integração total de serviços. A ideia, que vem sendo desenvolvida desde 1987 pelo INESC, é absolutamente pioneira, não só em Portugal, mas a nível mundial. Na realidade, já existem, noutros países, edifícios qualificados de inteligentes. No entanto, estão apetrechados

para fornecer apenas serviços bem específicos. Neste momento, os cientistas portugueses estão a trabalhar com base nas necessidades de um edifício de escritórios, embora considerem que o sistema pode ser aplicado a qualquer tipo de utilização de imóveis. Uma das grandes vantagens diz respeito à possibilidade de reduzir consideravelmente as despesas em energia, através de uma maior rentabilização dos recursos.

Pág. 15

Confrontos com a polícia italiana

Estudantes da Pantera corridos à cacetada

Pág. 10



O marketing
ao serviço da política Pág. 2 e 3

Sinais de abertura
na Albânia Pág. 10

CP sai de uma greve
e já se prepara outra Pág. 13

A sentinela do desfiladeiro
das águias Págs. 16 e 17

Japoneses querem condições
para investir em Portugal Pág. 18

Suplemento Literário

Os persuasores do Ocidente ensinam as técnicas eleitorais às novas democracias

Budapeste - Os rapazes da Rua Paal de 1990, são atrevidos como Boká, agressivos como os irmãos Pasztor ou miúdos como Nemecek, mas já não se batem pelo controlo do pequeno campo de futebol na antiga artéria húngara: o ponto de encontro é a Praça dos Heróis, a extensão de colunas e estátuas viris onde foram comemoradas as vítimas da revolta de 56. Andam de skate. Um pequeno estrado cobre os degraus, que lembram séculos de história magiar e daí os actuais rapazes da Rua Paal tomam o balanço, cabelos ao vento, escorregam sobre as suas tábuas com rodas e fazem piruetas no ar, arriscando-se a partir a espinha, como se cavalgassem ondas ha-waianas em vez do asfalto.

Do lado oposto da praça, uma trintena de americanos, máquina fotográfica ou vídeo ao pescoço, os guias turísticos da Fodor's na algibeira, olham-os satisfeitos. Das calças de ganga às camisolas «California California», até ao skate board, a Rua Paal parece a estrelinha número 51 sobre a bandeira yankee. Os jovens, preocupados com as suas evoluções com o skate, nem sequer se dignam olhar os senhores de idade e as elegantes senhoras que os mimam como movidos com o olhar. Mas fazem mal, porque não se trata de vulgares turistas, atraídos para a Europa de Leste depois do «Triunfo da Democracia» e das mudanças favoráveis. Estes são os melhores consultores políticos americanos, em viagem entre a Hungria, Checoslováquia e Polónia para «ensinar como se faz política na civilização de massa» aos que, por último, chegaram ao universo eleitoral.

Um candidato elege-se com dinheiro

Organizada pela revista «Campaigns & Elections», a viagem dos especialistas da política americana teve escalas em Budapeste, Bratislava, Praga e Varsóvia, com seminários, intermináveis e muito concorridos, para explicar aos herdeiros de Lech Walesa e Vaclav Havel que, depois da revolução, um candidato elege-se com dinheiro, imagem e televisão. «Somos um exército de mercenários, mas com uma ponta de idealismo», brinca o jovem técnico de estatística Filipe Nogueira que trabalhou para o triunfo eleitoral de Violeta Chamorro na Nicarágua e que veio até aqui antes de voar para a Alemanha de Leste para os últimos retoques na vitória dos conservadores.

Nas bagagens, trazem videotapes com as cassetes de todas as campanhas eleitorais americanas, do sorriso de Kennedy às caretas de Bush; o computador com os programas eleitorais de Sal

Guzzetta, «nem um dólar nem uma hora de tempo perdido numa campanha eleitoral»; manuais para aprender «a estar sentado, falar, sorrir e gesticular na televisão». James Dwinell, presidente do curso, não se faz esperar: «Vocês têm paixão. Invejamo-os. No nosso país, o cinismo triunfa. Mas, sem os nossos métodos, a vossa esperança sairá derrotada.»

Sorriam, sorriam, sorriam

Durante dez dias, o encontro entre a arrogância da «Política como business» e as incertezas das revoluções pós-estalinistas marcará professores e alunos, para além do que cada um possa ter esperado. «Vim para ensinar e aprendi» admitirá, ao partir de Varsóvia, Lee Miller, veterana de sete eleições presidenciais, de Barry Goldwater, em 1964, até George Bush, em 1988. Em Bratislava, no antigo palácio onde Mozart tocou aos seis anos, transformado pelos comunistas em «Escola de Propaganda», os homens de Ian Budaj, líder do movimento «Povo contra a Violência», escolheram simbolicamente a sala onde se ensinavam os quadros políticos do anterior regime para ouvir a lição de Chris Lapaille, jovem e bonita ex-jornalista de Chicago, sobre: «Como utilizar a televisão numa campanha eleitoral.»

Chris abana a cabeleira loura, explicando com gestos que é necessário sentar-se curvado de alguns graus porque «a televisão esmaga». Lembra o ponto crucial: «Não respondam às perguntas dos jornalistas, reforcem a ideia que vos interessa. Se vos pedem para falar do racismo e vocês querem falar de escola, não percam tempo e falem de escola. Mas, sobretudo, sorriam, sorriam, sorriam. O sorriso é a pontuação do político». E sorri.

O público parece perturbado. Um senhor com a camisola de lã grossa feita em casa, com os dedos amarelados de nicotina à intelectual operário, pergunta, educado mas firme: «Desculpe, mas, se nos sorriremos muito, as pessoas dirão: O que é que vocês têm para rir? Aqui tudo é um desastre e vocês riem-se? E lembre-se que nós não temos dentaduras cintilantes como as vossas.» Em Budapeste, nas salas da Universidade Karl Marx, iluminadas pela luz do Danúbio, o estudante Peter Bokor, cabelos curtos e o-culinhos à John Lennon, levanta a mão: «Estou a escrever a minha tese sobre as próximas eleições na Hungria e, depois, tenciono ser consultor político, como vocês. Mas tenho uma

dúvida: ensinando aos vossos candidatos a não responder às perguntas e iludir os problemas, a jogar tudo sobre a imagem televisiva, não nos estão a propor, no fundo, ser desonestos? Não nos estão a propor aldrabar o eleitorado?»

Desde o tempo em que o menino da lenda berrou «o rei vai nu», vendo o monarca a passar de cuecas, a verdade não criava tanto embaraço. Peter tem à sua frente Ginnie Kontnik, a mulher que produz os spots tel-

evisivos para o Partido Democrático Americano: «Talvez sim - admite, mas contra-ataca - mas é sempre melhor do que ver eleito o teu adversário, não?» São as regras da luta livre televisiva, é o Manifesto da Política Electrónica, ame-o ou deixe-o.

Vendam tudo

Em Praga, aos dirigentes que lhe pedem para explicar como recolher algumas coroas para os seus cofres vazios, o consultor Randy Gilliam, especializado em «fund raising» - leia-se como cravar dólares aos apoiantes - ensina: «Vendam tudo. Vendam pedaços da cortina de ferro. Vendam na América camisolas com a

cara de Havel impressa, lembranças da revolução. Mandem as velas que recolheram na Praça São Vencelau. Lembrem-se que cem gramas do Muro de Berlim custam 14 dólares, em Nova Iorque. As pessoas na América têm uma enorme simpatia pelo que se passou e se está a passar no vosso país, mas têm que agir depressa: a nossa memória é tão efémera quanto a da televisão.

Enquanto os virem no telejornal da noite, sentirão afecto por vocês e terão vontade de enviar fundos. Depois, esquecer-se-ão. Nos auscultadores da tradução simultânea zune incrédula a voz dos intérpretes. Querem vender a cortina de ferro!

Pouco depois, um aluno de Bratislava, dirigente de «Povo Contra a Violência», chega arrastando uma cruz enorme, envolvida em arame farpado. É «cortina de ferro» autêntica, com fotografia histórica. Não a quer vender, «Eu dou-a como testamunho». A relíquia é guardada por Lindsay Mattison do International Center for Development Policy de Washington. Não é uma pequena oferta: no regresso, nos jornais americanos, veremos a publicidade de pedacinhos de cortina de ferro, cinco centímetros por 256 dólares.

Que a democracia, suada ao longo de 40 anos, seja uma espécie de feira, impressionante, desperta a curiosidade e, no fim, inquieta pola-

cos, húngaros e checos. «Nós ganhámos com a pureza das ideias - obstina-se Joseg Magala - as pessoas estão habituadas a reparar apenas nos comunistas com muito dinheiro para a propaganda. Se somos demasiado opulentos desconfiarão de nós e os adversários dirão: 'de onde vêm aqueles fundos?'». O professor Gilliam é prático: «Josef, se tu tens o dinheiro e os teus adversários não, como é que eles conseguem pagar uma campanha para atacarte?»

Aquilo que é brutal é racional: Os futuros candidatos da Europa que foi comunista aplaudem os mágicos da política americana, convidam-nos a voltar, passam com eles horas às voltas sobre a moviola, montando e desmontando um Reagan que passeia pelas searas com a mulher, Nancy, ou um George Bush nos planos de jovem piloto que desce em picado sobre o Pacífico contra os japoneses.

Corando, voltam a passar os seus spots, vultos trágicos e patéticos com os olhos fixos no chão, magniloquentes músicas de fundo com tocatas em ré menor de Bach, opulentas camponesas estilo reclam e da margarina.

Os únicos a passar o exame são os Jovens Democráticos Húngaros, que montaram os seus spots seguindo o modelo dos videomusic - raparigas de minissaia, banda sonora punk, slo-

GRANDE ANGULAR



Aos políticos do leste europeu estão, tudo indica, reservados os principais papéis...



... em bem montados espectáculos eleitorais decalcados do show televisivo das campanhas americanas

gans incisivos. «Muito bem, muito muito bem. Foram os alemães que vos fizeram este spot?» perguntam os incredulos americanos, como o professor à frente do Luizinho, que tira um 20 na redacção. «Produzimo-los sozinhos» respondem picarescos os húngaros. Os «Jovens Democráticos» sabem fazer campanha à americana: sobre a enorme estátua de Marx, na universidade, pin-

taram o emblema do seu partido na lapela.

O novo credo não conhece hesitações: «Inútil queixar-se das regras, as regras eleitorais as faz quem ganha. A prova disso é que 96 por cento dos nossos parlamentos são sempre reeleitos? As pessoas pensam em política em média 5 minutos por semana, e não os podem gastar com as vossas queixas», declara Dwinell.

Os neófitos da democracia enchem de apontamentos os cadernos, levantam a mão, agradecem. Só em Praga, a lição de Phil Noble, consultor de Atlanta, é interrompida. Ao docente que incita «organizem-se quando alguma coisa corre mal e há um problema; não fiquem de braços cruzados, organizem-se», um estudante de democracia replica, impacientado: «Mas

isso é o mesmo que nos diziam os comunistas!».

Na parede, pende ainda um melancólico retrato de Marx velho: tem o sobretudo apoiado sobre as costas e o chapéu na mão, como quem está prestes a retirar-se.

Uma ovação saúda os americanos.

Glanni Riotta

Exclusivo «DL»/

Corriere della Sera

Trad: Alessandra Balsamo

Tudo mudou em dezasseis anos

Das palavras de ordem à eleição de Soares

No princípio era a mensagem, tão cheia de ideologia e de programa que a própria palavra de ordem mal cabia nos cartazes. Comícios e sessões de esclarecimento à cunha davam a medida da ânsia por novos horizontes transmitidos por outras palavras. Nas paredes da cidade os murais cada vez mais sofisticados substituíam os slogans pintados durante as noites da grande noite de que o País saíra.

Todos os jornais «gritavam» nos títulos e não havia papel suficiente para imprimir tanto panfleto. Na televisão, como na rádio, a transmissão em directo de militância aliava-se a reportagens ao vivo sobre ocupações de casas e até sobre um golpe de Estado, o 11 de Março.

Assistia-se à propaganda, fazia-se propaganda, devorava-se propaganda.

Vivia-se propaganda. Quando a Revolução passou e os tribunos do Rossio ficaram sem audiência, enquanto as tiragens dos jornais caíam em flecha, apenas as cores vibrantes dos cartazes recordaram, durante pouco mais tempo, a era em que as paredes chamavam à acção.

A música de todas as emissoras deixava de ser de inter-

venção e, na época da estabilização da democracia, conseguimos ouvir o hino da Maria da Fonte nos juramentos de bandeira do Regimento de Comandos e nas emissões televisivas do PPM e da UDP. Ainda aqui, a revolução comandava os gostos.

A chegada dos peritos

Depois, os comícios passaram a ser demonstrações de força e as manifestações revelavam, através dos respectivos serviços de ordem, uma preocupação permanente em ocultar clareiras em crescimento acelerado. À concentração da rua como prova real sucederam-se as sondagens como indicador virtual.

Já não se tratava de trazer pessoas atrás mas sim de ir atrás dos anseios das pessoas. A imagem triunfou sobre a mensagem. Os políticos foram para a prateleira dos detergentes. E peritos vindos do estrangeiro inauguraram por cá o marketing político, expressão que ainda há poucos anos faria corar de vergonha quem dela se reivindicasse.

A vitória da cor laranja foi fruto do desbotar dos vermelhos e NEGRO da fase heróica do PREC, entretanto substituídos por verdes,

azuis e amarelos esbatidos que prometiam dias claros, estáveis e uma vida feita à imagem e semelhança dos cartazes das agências de viagens. A ideologia ia de férias. O confronto entre a ADE e a FRS nas eleições legislativas de 1980 deu o tom novo que desembocaria na abelhinha risonha da CDU.

Nas eleições de 25 de Abril de 1983, o CDS utilizou pela primeira vez a mensagem telefónica, inaugurando o marketing directo, que a seguir se reproduziria através de um leque diversificado de meios de ir ao encontro de cada eleitor, desde o mailing até à propaganda porta a porta. Não se tratava de aliciar para uma tarefa conjunta, mas sim de responder aos pequenos e médios anseios individuais.

Mesmo assim, a abstenção não deixou de crescer.

O salão das artes

A última campanha presidencial foi o salão das artes mediáticas, desde logo porque os debates televisivos conseguiram restaurar a polémica ainda não esquecida do tempo em que a política era assunto de transporte colectivo, de que-rela familiar e de mobilização no emprego. A televisão substituiu o comício a

que já muito poucos iam.

Freitas do Amaral fez a primeira campanha de estilo norte-americano, carregada de símbolos inteiramente alheios ao debate político, como o chapéus de palha à Maurice Chevalier e os sobretudo verdes de corte escocês.

Atrás de todos nas sondagens, Mário Soares surgia na TV, logo no primeiro minuto de cada emissão eleitoral, com as imagens de uma multidão no Pavilhão dos Desportos, a voz vibrante de um locutor que o anunciava e a Marcha de Pompeia e Circunstância em música de fundo. Quem tivesse chegado de outro planeta diria que ele já estava em Belém logo no primeiro dia da campanha da primeira volta.

O cartaz de Cavaco Silva nas eleições de 6 de Outubro de 1985, com o líder enquadrado por manifestantes eufóricos de todas as idades e condições sociais (de vestuário) tinha já anunciado as virtudes do estilo triunfalista, com grafismo à moda da Revolução Cultural chinesa. O importante passou a ser o parecer vencedor.

Porque dos fracassos não reza a história do marketing político.

João Isidro e Paula Sá

COMENTÁRIO

A sociedade da persuasão

Com a experiência adquirida nas sociedades democráticas ocidentais não admira que os técnicos do marketing político encontrem agora um campo propício à sua actividade nos países de Leste onde as relações eleitor-votado vão ganhar uma dimensão decisiva nos processos de democratização.

Quando nos finais dos anos 50, nos Estados Unidos da América, Vance Packard aparece com um livro, "The hidden persuaders", a demonstrar que os presidentes da República ou os deputados ao Parlamento vendem-se como se vendem os sabonetes ou as marcas dos automóveis, faz, por um lado, um «best seller», mas por outro um grande escândalo, pois, sustentar esta tese, para além de ser incómodo para os políticos, ao tempo, parece menosprezador para a democracia e talvez pouco estimulante para o pundonoroso dever dos cidadãos democratas.

Felizmente, um dos valores positivos da democracia é o favorecimento das condições que desenvolvem o sentido crítico a esse próprio modelo de sociedade e que no estudo e investigação das suas grandezas e misérias possibilitam a própria defesa e desenvolvimento deste regime de organização política.

Numa sociedade livre e de tendências pluralistas, como num mercado competitivo e não monopolístico, a estratégia da escolha, das opções, torna-se assim um problema importante e decisivo para as nossas próprias condições de vida.

Com um tom crítico, mas com oportunidade, diz Jean Baudrillard, que, sem deixarem de ser «as duas mamas do sistema», hoje em dia, o centro comercial e a cabine de voto são os dois lugares geométricos que definem o espaço da nossa liberdade individual.

Numa sociedade mediática, as ideias, tal como os outros produtos, o automóvel, a casa, o electrodoméstico, o espectáculo desportivo ou artístico, também se vendem.

Os eleitores dispersos nas sociedades ou nas diferentes comunidades, em segmentos diversificados conforme as suas classes sociais, os seus valores, as suas crenças e representações, também fazem a escolha da marca política consoante os objectivos em vista face ao desígnio dos seus interesses e dos seus desejos.

Explicar e convencer não é apenas o programa de trabalho dos publicitários ou anunciantes. É o ditame máximo dos políticos nas sociedades democráticas e pluralistas. Persuadir - inculcar convicção pelos processos mais simples ou mais sofisticados da comunicação de publicidade ou propaganda - persuadir os consumidores é uma tarefa comum do marketing político e comercial. A persuasão é uma estratégia de fundo para as sociedades de democracia mediaticizada.

Sem equívocos e sem complexos, os mecanismos de persuasão são tão importantes à democracia como ao desenvolvimento económico e social. Para bem da democracia e dos povos impõe-se que à lógica da manipulação se sobreponha a lógica da informação, criando condições ao crescimento e desenvolvimento da melhor democracia possível. Isto a Leste, como a Ocidente. Vá lá saber-se a democracia que estão a vender a Leste.



José Manuel Paqueta de Oliveira

POLÍTICA

Jorge Sampaio em vantagem

PS elege delegados



Embora as eleições para delegados ao Congresso do PS apenas estejam concluídas na Federação Distrital de Braga, os resultados já conhecidos dão grande superioridade à moção do secretário-geral socialista, que elegeu até agora 792 delegados (83 por cento), contra 164 de João Soares (17 por cento).

O melhor resultado de Sampaio foi em Braga, onde elegeu todos os 67 delegados que representam esta Federação. O pior foi em Beja, onde dos 35 delegados João Soares já elegeu 16 e Jorge Sampaio apenas nove.

Os resultados conhecidos até à hora de fecho desta edição eram os seguintes: Aveiro (91 delegados), 68 para Jorge Sampaio, 4 para João Soares; Beja (35), 9-16; Braga (67), 67-0; Bragança (29), 24-4; Castelo Branco (36), 33-0; Coimbra (90), 26-3; Évora (31), 23-2; Faro (57), 42-2; Guarda (24), 0-2; Leiria (51), 30-9; Lisboa (335), 165-74; Portalegre (39), 0-0; Porto (233), 163-24; Santarém (62), 13-5; Setúbal (98), 64-10; Viana do Castelo (44), 7-2; Vila Real (40), 25-0; Viseu (56), 0-0; Federação Regional do Oeste (25), 0-0; Madeira (33), 30-2; Açores (63), 3-1.

Apresentado projecto na Assembleia da República

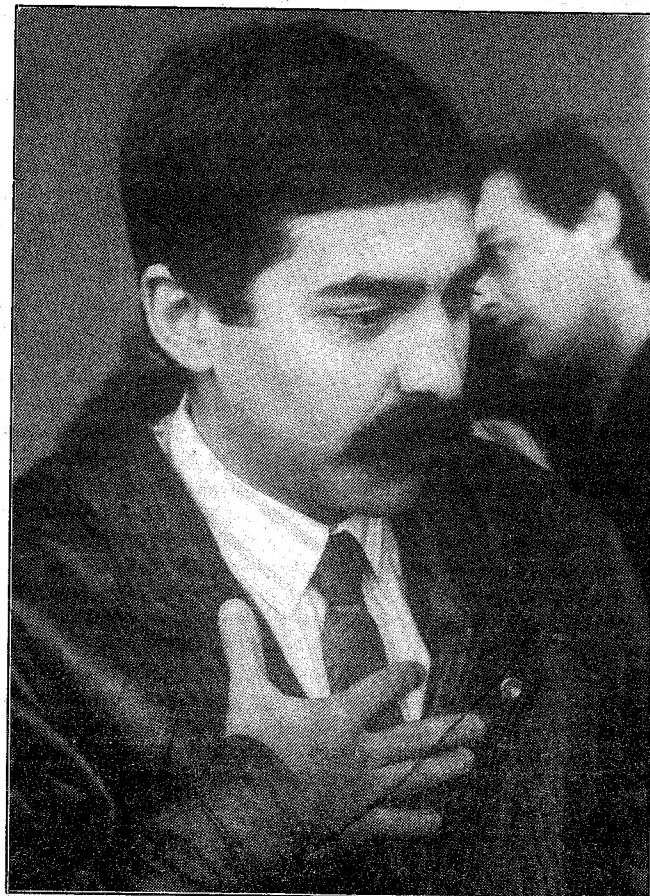
Reserva territorial espera objectores de consciência

Os cidadãos a quem tenha sido negado o estatuto de objector de consciência nos termos da Lei 6/85 que, pela primeira vez estabeleceu um regime legal sobre a matéria, ficam dispensados do serviço efectivo normal e passam à reserva territorial. Isto desde que tenham completado 25 anos ou não hajam sido incorporados no prazo de seis meses após decisão definitiva - propõe o projecto de lei do Partido Socialista sobre o estatuto de objector de consciência.

Este é um dos mais importantes dos trinta e um artigos do projecto, de que José Apolinário é primeiro subscritor. Trata-se de uma das muitas questões melindrosas, na transição entre o passado e o futuro, à luz das diversas iniciativas e movimentações para legislar entre nós em termos europeus sobre matéria que constitui problema em todos os países da CEE.

Exemplo concreto deste problema é o das testemunhas de Jeová, não só em Portugal como na Bélgica e a Holanda, mas que até ao momento se mantem envolto num manto de dúvidas e hesitações. Os interessados têm-se recusado a prestar serviço cívico por igual tempo ao do cumprimento do serviço militar, seja junto de instituições de solidariedade social a associações culturais, seja de autarquias e de ambiente, entre outras.

Acontece o mesmo em Portugal, onde dois objectores de consciência se encontram



Projecto de José Apolinário alarga áreas de prestação de serviço cívico

detidos às ordens dos tribunais de relação de Lisboa e Porto e dos 848 indivíduos que obtiveram o estatuto de objector, apenas 72 prestam serviço cívico.

É curioso entrar no universo geográfico/urbano dos objectores de consciência portugueses já legalizados, porque desses 848 há 253 do distrito de Lisboa, 134 do Porto, 79 de Setúbal e 60 de

Setúbal.

«Desde a primeira colocação de objectores em actividade de serviço cívico ocorrida em Março de 1989, tem-se verificado uma atitude de frontal recusa na prestação de serviço cívico por parte da maioria das testemunhas de Jeová», reconheceu já o gabinete do ministro adjunto e da Juventude.

Até ao momento -apurou

o «DL» -, e por via desse recusa, houve dezasseis condenações com penas que oscilam entre os quatro e os doze meses.

As juventudes do PSD e do PS têm tentado, nos últimos tempos, e em particular no quadro do Conselho Consultivo da Juventude, aportar a este problema as suas experiências e pontos de vista. O próprio Governo parece também empenhado na resolução do problema, preparando-se para propor uma espécie de amnistia aos cerca de dezasseis mil casos pendentes.

Não admira que assim seja, como salienta José Apolinário na nota justificativa do projecto do PS, considerando que o direito à objecção de consciência integra hoje o «núcleo duro dos direitos fundamentais do cidadão», quer no quadro da Constituição quer no quadro comunitário.

Neste contexto, assistiu-se, na última década, a um processo gradual de defesa dos direitos dos objectores, nomeadamente através de dois relatórios do parlamento Europeu: o de Macciochi, em 1983, e o de Schmidbauer, em Setembro passado.

Neles se diz que nenhum tribunal ou comité está em condições de prescrever a consciência de um indivíduo e que o serviço cívico alternativo não deverá ser considerado uma punição, não podendo a sua duração ultrapassar o tempo de serviço militar.

Júlio Rodrigues

B R E V E S

Soares na Madeira a convite de Jardim

O Presidente da República partiu hoje em visita oficial à Madeira, acompanhado pelo conselheiro de Estado, Gomes da Costa. O programa inclui a deslocação à Quinta Vila Passos, no Funchal, a convite do presidente do Governo Regional, Alberto João Jardim. No sábado, Mário Soares preside à sessão de encerramento do 55º Congresso Mundial do Pen Club Internacional, que reúne no Funchal cerca de 300 escritores, novelistas e ensaístas. Durante a estada na Madeira o Presidente vai receber o título de «Cidadão Honorário» da cidade do Funchal atribuído por unanimidade pela autarquia. O primeiro-ministro Cavaco Silva vai receber o mesmo título por ocasião da visita oficial à Madeira prevista para os dias 18, 19 e 20.

Novo provedor eleito terça-feira

A eleição do novo provedor de Justiça na Assembleia da República ficou agendada para a próxima terça-feira, segundo decisão dos líderes parlamentares. Na semana passada PS e PSD chegaram a acordo quanto ao nome de Mário Raposo para suceder a Almeida Ribeiro. Estão, por isso, assegurados os dois terços necessários para a eleição do provedor. Almeida Ribeiro deverá ser reeleito para a Comissão dos Direitos do Homem. Na terça-feira os deputados vão discutir no plenário a Lei da Alta Autoridade para a Comunicação Social, vetada pelo Presidente da República e contestada pelos partidos da oposição e pelos profissionais da informação.

De Klerk em Portugal segunda-feira

O Presidente da República da África do Sul inicia a visita oficial de dois dias a Portugal na próxima segunda-feira. Durante a breve estada em Portugal, Frederik De Klerk vai encontrar-se com o Presidente da República, o primeiro-ministro, o presidente da Câmara de Lisboa e também com o presidente do Governo Regional da Madeira.

Cavaco Silva em Neves-Corvo

O primeiro-ministro Cavaco Silva visita amanhã as minas de Neves-Corvo, acompanhado pelo ministro da Indústria e Energia, Mira Amaral. Durante a visita, o primeiro-ministro vai ouvir uma breve descrição sobre o «projecto do estanho». Amanhã, Cavaco Silva inaugura a 3ª fase do centro de exposições e do novo centro de congressos da Exponor, no Porto.

Oposição parlamentar quer esclarecer «caso Drexel»

A oposição parlamentar quer ver esclarecido o «caso Drexel». Depois de os comunistas terem apresentado um requerimento sobre o assunto, o PS solicitou, ontem, a realização de um debate envolvendo o próprio ministro das Finanças.

Os socialistas propõem-se, por esta via, «furar» o silêncio do Governo e do banco central. Acusam mesmo o Executivo de querer «abafar o escândalo», recordando que Tavares Moreira, governador do BP, se mostrou indisponível, quando ouvido pela comissão parlamentar, para enviar o relatório sobre a auditoria mandada instaurar para apuramento de respon-

sabilidades. Entretanto, o chefe do Grupo Parlamentar comunista, Carlos Brito, comunicou ontem aos seus pares, na conferência de líderes, a intenção do seu partido de efectuar uma interpelação ao Governo sobre o «agravamento das desigualdades» nos domínios social, económico e cultural. O PCP quer saber de que forma vai o Executivo fazer frente à proliferação de «fenómenos de marginalidade, discriminação e outras injustiças».

Tribunais Judiciais em discussão

A delimitação de competências dos tribunais de

círculo e de comarca é o principal objectivo da proposta do Governo de alteração à Lei Orgânica dos Tribunais Judiciais hoje em discussão no plenário.

O conteúdo do documento, que pretende pôr cobro a conflitos de competências susceptíveis de atrasar processos judiciais, foi ontem explicado pelo ministro Laborinho Lúcio aos deputados da Comissão de Assuntos Constitucionais.

Ontem, duas outras notícias merecem realce, entre as actividades parlamentares: a aprovação unânime, em sede de comissão, da lei sobre o referendo local e a «gazeta» de Tomás Taveira. No pri-

meiro caso, trata-se do culminar de um longo processo. O documento agora aprovado inspira-se, no essencial, em dois projectos, do PS e do PSD.

A concretização prática do referendo local, consagrado constitucionalmente após a revisão de 1982, abre caminho à possibilidade de vir a ser elaborada uma lei que permita a aplicação do mecanismo a nível nacional.

Tomás Taveira, ausente no estrangeiro, faltou à chamada da comissão parlamentar que o quer interrogar sobre a adjudicação dos terrenos do Júlio de Matos. Terá prometido comparecer na próxima quarta-feira.

POLÍTICA

PCP contacta autarquias de Lisboa

Ao entregar ontem ao presidente da Assembleia Municipal de Lisboa, João Amaral, o projecto de criação da Área Metropolitana da capital, o PCP iniciou a ronda das 17 autarquias abrangidas pelo documento divulgado publicamente em Abril passado.

«A Constituição prevê esta consulta quando se trata de projectos de lei sobre a criação de regiões administrativas, como a Autarquia Metropolitana é uma figura homóloga vama levar aos representantes dos eleitores esta matéria para ser analisada», disse ao Diário de Lisboa, Luís Sá.

Aquele dirigente comunista reafirmou a intenção política do seu partido de reforçar, com esta iniciativa, os poderes e competências municipais. «Os contornos deste projecto de lei são importantes porque tocam problemas graves como poluição, a marginalidade», acrescentou. Facto a destacar nesta apresentação à Assembleia Municipal de Lisboa do projecto-lei do PCP é o de João Amaral ser simultaneamente subscritor (enquanto deputado no Parlamento) e destinatário (enquanto presidente da Assembleia Municipal) do referido documento. «É, pelo menos, curioso que isto aconteça», comentou João Amaral. «De qualquer forma, pediram-me a audiência e concedo-a. Posteriormente o projecto de lei será analisado numa Comissão para Regionalização existente na Assembleia, composta por representantes de 10 forças políticas que vão elaborar um relatório sobre o assunto», acrescentou.

«Apesar de ser subscritor do documento vou fazer algumas perguntas sobre o seu conteúdo. Por exemplo, porque é que Torres Vedras não foi incluída na delimitação das fronteiras da Área Metropolitana?».

Redacção «DL»

Riquezas mineiras de Timor-Leste

Ingleses contestam negócio mineiro

Uma comissão de juristas especializados em direito internacional da Universidade de Cambridge considera inválido o tratado assinado entre a Indonésia e a Austrália sobre as alterações ao quadro legal que regulamenta a exploração mineira das riquezas naturais de Timor. Depois de aprovadas pelo Senado e a Câmara de Representantes do governo de Canberra tornará efectivo o acordo celebrado entre os dois países.

O parecer de juristas daquela universidade inglesa consta de um documento inédito, divulgado esta manhã em Lisboa por organizações de solidariedade portuguesas com Timor-Leste. Foi numa conferência de imprensa em que foi feito o ponto da situação, com a exibição de material audiovisual, recentemente chegado a Lisboa procedente de Timor.

Ana Nunes e Luís Paulo, das organizações «A Paz é possível em Timor Leste» e da Comissão dos Direitos do Povo Maubere, respectivamente, salientaram ser necessário «impedir que se tornem automaticamente efectivas as alterações ao código de explo-

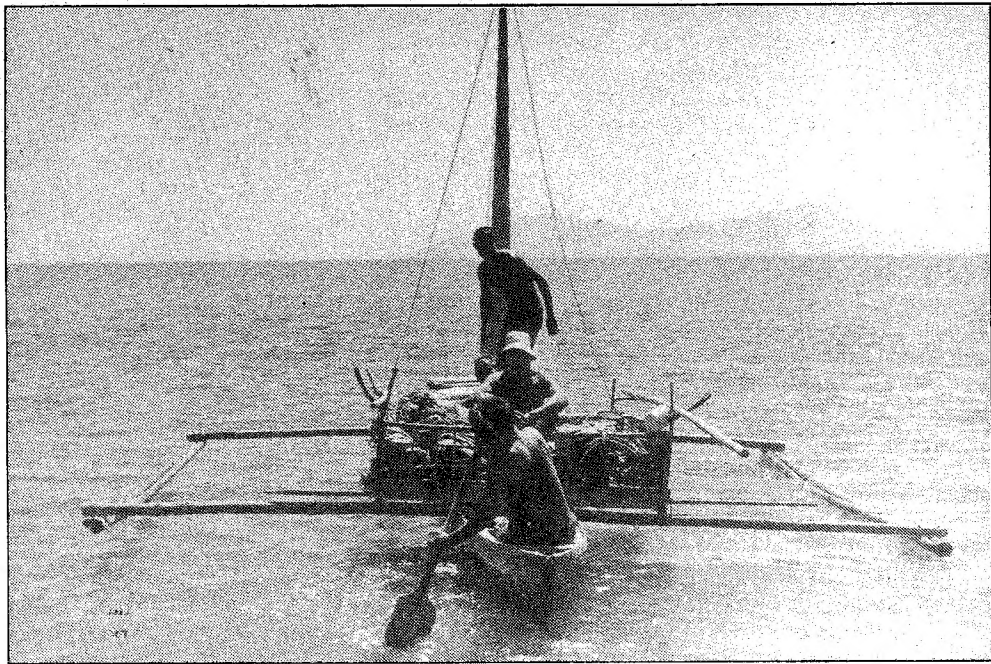
ração mineira» que o governo australiano pretende que o Parlamento aprove.

O governo do trabalhista Bob Hawke, primeiro-ministro e presidente do partido, quer que as alterações ao acordo com a Indonésia, sejam aprovadas durante esta sessão que se prolongará por duas ou três semanas, visando torná-las irrevogáveis.

Um dos elementos das organizações portuguesas de solidariedade com o povo de Timor Leste sublinhou ao «DL» que o primeiro-ministro australiano propôs, um dia depois das eleições que reiteraram a maioria parlamentar do Partido Trabalhista, a aprovação das alterações ao acordo com a Indonésia, com carácter de prioridade.

O parecer dos juristas da Universidade de Cambridge refuta os argumentos do governo australiano em quatro pontos: ilegitimidade do uso da força, não verificação dos direitos de autodeterminação, inclusão de «normas peremptórias» e a situação da Indonésia, considerada «Estado beligerante» neste conflito.

Redacção «DL»



Acordo Austrália-Indonésia é considerado inválido

EDITORIAL

A máquina de projectar

Continuação da 1ª página

tidário, as correcções propostas pelo Governo são menos pacíficas, na medida em que visam, aparentemente, corrigir o esquema quadripartido criado após o 25 de Abril, favorecendo uma lógica bipolar. CDS e PCP já puseram as barbas de molho. Logicamente. Como nos dizia, há anos, um parlamentar (trabalhista) britânico (acerca da eventual adopção da "proporcional" no seu país: «If I were a turkey, I wouldn't vote for an earlier Christmas») («Se eu fosse um peru, não votaria por um Natal antecipado»).

É conveniente distinguir entre uma bipolaridade criada através de uma evolução natural do eleitorado e uma deliberada e indesejável operação de desfocagem, por via da lei eleitoral, com vista a privilegiar os dois partidos «centrais»: PS e PSD.

Outro aspecto a ressaltar refere-se à possibilidade de manipulação dos círculos eleitorais, a fim de estabelecer um regime de partido dominante (o sonho de 19 de Julho de 1987) ou a favorecer um condomínio bipolar, mas, a partir dos dados fornecidos pelo primeiro-ministro, não é possível adiantar grande coisa nesta matéria.

Que efeitos terá a possível revisão da lei eleitoral sobre o semipresidencialismo vigente? Reforçará a componente presidencial ou a vertente parlamentar do sistema? Afigura-se-nos interessante recordar, a este propósito, que, recentemente, Mário Soares, talvez pensando num segundo mandato, afirmou: «Grandes partidos, pertencentes a grandes famílias políticas, existem apenas quatro. Não percebo qual a vantagem de os reduzir a dois» (entrevista ao «D L»).

Cavaco Silva, pelo contrário, percebia. Vítor Constâncio, aparentemente, também. Jorge Sampaio, distanciando-se do convite à valsa do PSD, mostra-se menos permeável à tentação do Tratado de Tordesilhas e mais sensível aos riscos de artificialismo de um sistema eleitoral fortemente «amplificador» dos grandes partidos.

Não será indispensável que o sistema eleitoral tenha a sensibilidade de um «sismógrafo», mas afigura-se-nos negativo que se constitua - mesmo que seja em nome dos valores sacrossantos da estabilidade - num factor artificial de distorsão ou num mero instrumento para alterar um sistema partidário de formação recente.

M. M.

Sampaio recebe jornalistas da RTP

O presidente da Câmara de Lisboa, Jorge Sampaio, recebe esta tarde as quatro jornalistas da RTP que foram processadas pela empresa com a acusação de pluriemprego. Na próxima segunda-feira as profissionais de informação, Diana Andriga, Maria Elisa, Margarida Marante e Maria Antónia Palla serão recebidas em Belém pelo Presidente da República. As jornalistas pediram também audiências ao Provedor de Justiça, à Comissão de Direitos Liberdades e Garantias e a todos os partidos da Assembleia da República.

A polémica subiu de tom quando Isabel Espada, deputada do PRD, fez uma intervenção no Parlamento denunciando situações de «ilegalidade contratual, privilégios e compadrios». Em resposta o Conselho de Gerência da RTP emitiu, ontem, um longo comunicado refutando as acusações.

A direcção da televisão diz

que «é falso que tenha remetido cartas intimidatórias a trabalhadores da empresa», nega que a Ordem de Serviço em causa «tenha por objectivo proibir o pluriemprego ou impor o regime de exclusividade», embora admita que o documento visa «impedir que os trabalhadores violem o dever legal de não concorrência à empresa».

O comunicado refere ser falso «que a informação da RTP seja produzida, em 60 por cento, por tarefeiros», que «o actual Conselho de Gerência tenha faltado alguma vez a reuniões convocadas pela Comissão de Direitos Liberdades e Garantias», assim como é igualmente falso «que os directores dos Canais 1 e 2 da RTP sejam sócios de uma empresa de publicidade».

As declarações da direcção da RTP foram já contestadas pelo presidente do Sindicato de Jornalistas, João Mesquita,

que garante que a estrutura representativa dos jornalistas tem elementos suficientes para reafirmar as acusações sobre o excessivo número de tarefeiros na empresa, alguns deles responsáveis pela apresentação dos principais noticiários.

A União Geral dos Trabalhadores, em comunicado, solidariza-se com a luta das quatro jornalistas e acusa a RTP de «violar a Lei de Igualdade de Trabalho no Emprego e esquecer os direitos constitucionais em matéria de direitos liberdades e garantias dos cidadãos».

Isabel Espada mantém todas as afirmações e o líder parlamentar do PRD, Hermínio Martinho anunciou que vai pedir um inquérito à RTP.

Por seu lado, a Comissão dos Direitos Liberdades e Garantias decidiu pedir a comparência de um membro do Conselho de Gerência neste órgão parlamentar.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
INSTITUTO POLITÉCNICO DE SANTARÉM
ESCOLA SUPERIOR AGRÁRIA
AVISO

A Escola Superior Agrária do Instituto Politécnico de Santarém torna público nos termos do Art.º 17.º do Decreto-Lei n.º 427/89 de 7 de Dezembro, que se encontra aberto concurso para admissão de pessoal em regime de contrato administrativo de provimento, para preenchimento dos seguintes lugares:

Lugares Descongelados	Carreira e Categoria	Remuneração	Requisitos habilitacionais	Condições de preferência
1	Operador estagiário da carreira de operadores de informática	58 200\$00	Curso complementar dos liceus ou equivalente	Maior grau de habilitação académica Experiência profissional
1	Ajudante de operador off-set da carreira de operário qualificado	40 800\$00	Escolaridade obrigatória	Idem
1	Aux. de Manutenção de 2.ª classe da carreira de pessoal operário não-qualificado	38 000\$00	Escolaridade obrigatória	Experiência profissional nas áreas de atendimento ao público, limpeza e conservação das instalações
1	Guarda-Nocturno da carreira do pessoal auxiliar	40 800\$00	Escolaridade obrigatória	Experiência profissional

As candidaturas devem ser dirigidas ao Presidente da Comissão Instaladora da Escola Superior Agrária, S. Pedro, 2000 Santarém, até ao próximo dia 11/05/90

Santarém 02/05/90

O Presidente da Comissão Instaladora
Prof. Doutor Joaquim da Silva Lourenço

Presidente de magistrados europeus ao «DL» «O juiz deve proteger os mais desfavorecidos»

«Constatamos parado-xalmente que nos velhos países democráticos, como a França, têm mais aceitação as tentativas de influenciar a magistratura que nas mais novas democracias como a portuguesa, a italiana e a grega», disse ao «DL» François Guichard, presidente da Associação dos Magistrados Europeus pela Democracia e as Liberdades (AMEDL), juiz francês de Instrução Criminal e crente na possibilidade de definir a acção dos juizes como Montesquieu a teorizou, ao formular a teoria da separação dos poderes.

François Guichard esteve em Lisboa para participar no último Congresso promovido pelo Sindicato dos Magistrados do Ministério Público e considerou que a nossa ordem jurídica confere um poder efectivo aos magistrados, ao invés do que sucede noutros ordens jurídicos e constitucionais.

As teses de François Guichard exprimem o sentir comum de sete associações de magistrados da Alemanha Federal (ainda só, por enquanto), Bélgica, Espanha, França, Itália, Grécia e Portugal.

Para quê a independência

O conceito clássico de independência do poder judicial é adoptado, no entanto, pelas mais diversas ordens jurídicas, desde as ditatoriais às democráticas. Nem basta dizer, à Orwell, que todos os magistrados são independentes, mas uns mais que os outros.

«A independência da magistratura não deve ser um

valor em si. Se existe, para que serve?» - questiona François Guichard, ao afirmar que o que distingue as associações simbolicamente reunidas em Estrasburgo, há cinco anos, para fundarem a AMEDL, foi a necessidade de definir esta organização através da demarcação face aos titulares do poder judicial que excluem «o plano social» das respectivas preocupações deontológicas.

Daí que, ainda segundo Guichard, «a instituição judicial deva ser mais que um contrapoder perante os restantes poderes do Estado, e sobretudo face ao Executivo e aos grupos económicos e sociais».

Para concluir: «O juiz deve proteger os que a Lei desfavorece».

Nova ordem na Europa

Uma vez esboçado o lugar novo que a magistratura pretende na organização do Estado, François Guichard passa à pedra angular da construção europeia, que na sua maneira de ver passa obrigatoriamente pelos direitos do Homem.

Aqui, as convenções internacionais vão mais à frente que as leis dos Estados. Daí a preferência da AMEDL pela tese que postula que uma lei interna não deve ser aplicada quando exista uma lei internacional superior.

«Sabemos que a CEE é uma outra ordem jurídica, mas os estatutos dos juizes, em cada Estado são bastante heterogêneos», porque «os Governos que influem na carreira dos juizes podem ser tentados a dar à lei internacional

uma interpretação interna bem diversa», na opinião de François Guichard.

«Há uma nova cultura jurídica baseada no cimento que nos une, os direitos do Homem, e que hoje está na ordem do dia no Leste europeu, na América Latina e em África», sublinha o presidente da AMEDL, ao definir a decadência do poder de Estado, «com as normas supranacionais por cima e as regras das regiões, por baixo» a consolidarem uma «nova ordem jurídica que se constrói».

Pela voz dos magistrados modernos da Europa em construção, fica comprometido o bom e velho Estado centralizado, que perante o exterior nega (com Hegel em apoio) a mera existência de um Direito Internacional redutor da soberania, ideia absoluta com muito de absolutista.

De servidores a criadores da Lei

A resistência do sistema judiciário francês a esta evolução é um dos temas favoritos de François Guichard. Confrontado com a falta de enquadramento moderno para as novas realidades com que as magistraturas europeias são obrigadas a lidar, o interlocutor do «DL» revolta-se contra a perspectiva que resume o juiz a «um servidor da lei, sem capacidade de criação legislativa».

Um ano depois das comemorações da Revolução Francesa, começa por referir que, «naquela altura, os juizes eram mais conservadores que o próprio rei».

Mas ao mesmo tempo

recorda que «a noção de abuso da maioria seria ridícula aos olhos dos revolucionários de 1789» e avança com um enriquecimento da democracia: «Está longe de ser apenas a lei da maioria».

Em plena V República, François Guichard salienta que, logo nos primórdios da actual Constituição francesa, se notou que «para De Gaulle a justiça não era um poder autónomo, dado que carecia de legitimidade popular. Resumia-se a uma autoridade».

Idílios a Leste

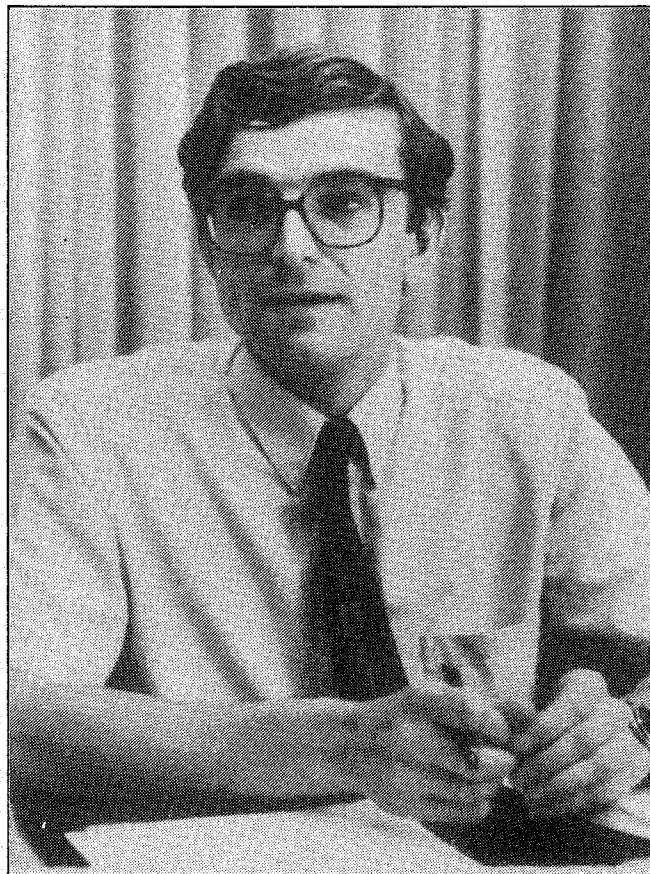
Depois de principados os contactos com magistrados dos países de Leste, o presidente da AMEDL verifica que «eles têm uma imagem um pouco idílica dos nossos sistemas políticos e judiciais».

«Vamos ter que falar muito com eles», profetiza Guichard, ao avançar uma opinião no mínimo revolucionária: a do respeito pelo pluralismo de conceitos em sistemas judiciais que tendem sempre a marchar em ordem unida. Não a Leste, mas nas democracias unidas pela CEE.

Por cá, «é de prever uma perda de confiança se o corpo social pensar que é julgado por uma magistratura monolítica», segundo o magistrado referido.

O SIS de Schengen

As reuniões de dirigentes policiais europeus em Schengen, no Luxemburgo, decidiram «à revelia do Parlamento Europeu, do Tribunal Europeu dos Direitos do Homem e do Conselho da Europa», como esclareceu



François Guichard: «A democracia está longe de ser apenas a lei da maioria»

François Guichard, nada menos que uma medida política de fundo, destinada a acompanhar a livre circulação de pessoas entre França, Alemanha Federal, Bélgica, Luxemburgo e Holanda, já durante este ano.

Nos termos da resolução adoptada em Dezembro do ano passado pelo Grupo de Schengen, um indivíduo considerado indesejável em qualquer destes Estados passaria a sê-lo em todos os restantes países representados, por obra e graça de uma providência policial decretada à margem de leis internas e europeias e apoiada no Sistema Informático de Schengen, um ficheiro com 800 mil nomes.

Um sistema que as autoridades comunitárias, em geral, e judiciais, em cada país, não controlam.

«Isto é sintomático do défi-

ce democrático existente na CEE», constata François Guichard, que vai mais longe ao revelar que se tratava apenas de um ensaio destinado a alargar-se aos restantes Doze, com o Mercado Único de 1 de Janeiro de 1993, e que Portugal já começou a participar nessas reuniões.

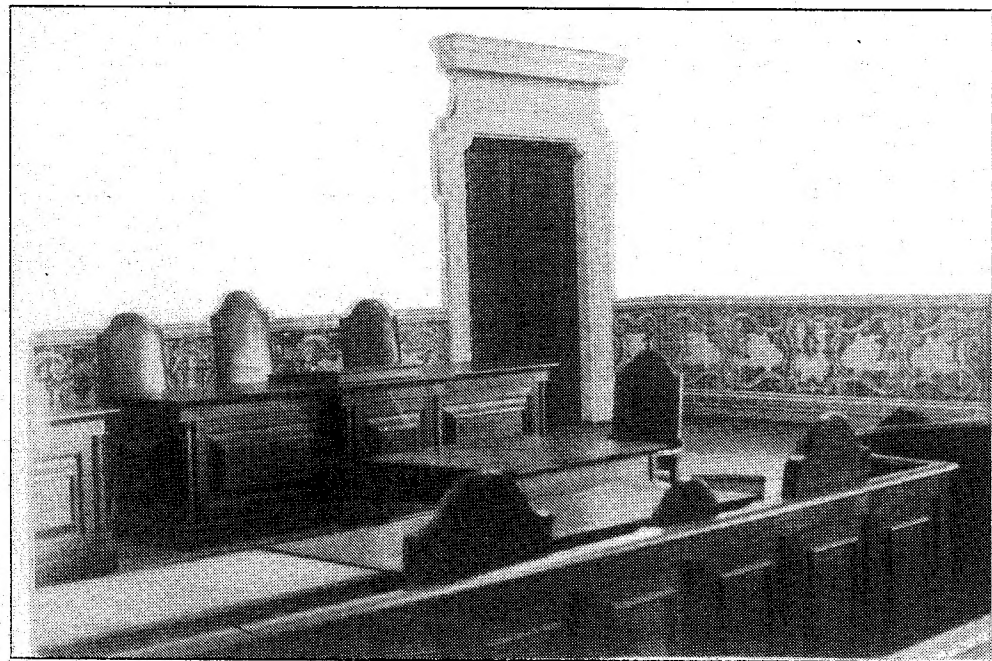
«Apesar dos protestos do Parlamento Europeu, o Grupo de Schengen ia conseguindo restabelecer o dever de apresentação de um visto cada vez que se cruzam as fronteiras comunitárias», frisou o presidente da AMEDL. Valeu a reunificação alemã em curso para que a política fizesse valer os seus direitos perante a polícia.

A cidadania é que foi muito mal tratada em todo este assunto.

João Isidro

Direitos do Homem na Europa

Protocolo adicional atirou barro à parede



«Os magistrados têm direito à greve»

«Sabemos que vai ser moroso e complicado, mas mesmo assim propusemos um protocolo adicional à Convenção Europeia dos Direitos do Homem», disse ao «DL» François Guichard, que no texto enviado a esta instância sublinha o desejo de independência dos magistrados perante o Poder Executivo e os interesses particulares.

Esta independência «deve ser garantida por um ou mais organismos eleitos, reflectindo o pluralismo do corpo social e dos magistrados», afirma a proposta da Associação dos Magistrados Europeus pela Democracia e as Liberdades, ao mesmo tempo que afasta a designação dos titulares da magistratura quer pelos Governos, quer pelo próprio poder judicial,

escapando desta forma à tentativa corporativa na selecção de quem vai administrar a justiça.

«A existência de jurisdições especiais e de excepção é proibida», sublinha o documento em causa, como que a recordar Clemenceau, segundo o qual «a justiça militar está para a justiça como a música militar está para a música».

Direito à greve

«Os magistrados como qualquer cidadão têm direito à liberdade de reunião e de associação, incluindo o direito de sindicalização. Têm direito à greve».

A lei prevê as modalidades de controlo dos cidadãos sobre o funcionamento da justiça. O serviço público deve res-

ponder ao princípio da transparência. Qualquer decisão judiciária deve ser fundamentada. A faculdade de expressão pública da posição minoritária deve ser prevista.

As limitações ao direito à crítica das decisões judiciais são restrições inaceitáveis à liberdade de expressão.

As instituições judiciais devem prestar contas ao corpo social efectiva e regularmente.

A lei deve favorecer a participação directa dos cidadãos na administração da justiça e na função de julgar», postula o texto enviado ao Conselho da Europa.

Trata-se de mais uma revolução, a Leste como no Ocidente. Depois do Antigo Testamento, está na forja um novo Livro dos Juizes.

J.I.

POLÍTICA

Revisão da Lei eleitoral

PS não quer negócios a dois

O PS não está disposto a assinar de cruz o projecto de engenharia eleitoral anunciado pelo PSD, mas ainda por explicitar nos seus pormenores essenciais. Os socialistas consideram que revisão da Lei Eleitoral é importante e até necessária, por força da revisão constitucional, mas querem ver primeiro os cálculos e fazer projecções sobre os resultados, apenas se mostrando disponíveis para as reformas que decorrem do novo texto da lei fundamental.

Marques da Costa, porta-voz do secretariado nacional do PS, afirmou ontem à tarde, em conferência

de imprensa que, «infelizmente, o PSD pegou nesta questão da pior maneira».

Perguntou pelos estudos «feitos por organismos oficiais e alterados em consequência da derrota do PSD em Dezembro», reafirmando que sem a divulgação imediata desses estudos «estão prejudicadas as condições para o diálogo».

O dirigente socialista referiu-se ao modo como o PSD respondeu «ao apelo ao consenso implícito no veto presidencial sobre a Alta Autoridade para a Comunicação Social», comentando que isso é a expressão clara da falta de disponibilidade

daquele partido para chegar a acordos com outros partidos em matérias de relevante interesse constitucional. «O que o PSD propõe agora é um negócio a dois contra os pequenos partidos. Não será nunca essa a perspectiva com que abordaremos a Lei Eleitoral», acrescentou Marques da Costa.

Na perspectiva dos socialistas, o PSD não está interessado numa reforma genuína dos sistema político, «está apenas a procurar uma reforma que evite maior derrota eleitoral em 1991».

Marques da Costa apontou como exemplos disso as reformas do Par-

lamento que o partido do Governo recusou, o debate sobre a Lei do Financiamento dos partidos «a que fez ouvidos de mercador», a lei das incompatibilidades dos cargos públicos «a que inicialmente deu o seu acordo, acordo que agora retira quando percebeu que ia perder as acumulações de cargos sem as quais não sabem estar na política».

Marques da Costa reafirmou que o seu partido só está disponível para um consenso alargado, nunca restrito e esclareceu que o PS é favorável à redução do número de

Marques da Costa

deputados, mas todas as demais alterações que não decorram de nenhuma imposição constitucional só serão analisadas à luz de três princípios: nenhuma violação da proporcionalidade, nenhuma violação das fronteiras das unidades administrativas actuais e nenhuma concepção técnica que na prática tenha como objectivo eliminar os pequenos partidos.

Redacção «DL»

PSD apela aos socialistas

O Partido Social Democrata mudou decisivamente de ritmo. Numa semana, os dirigentes do PSD reuniram por duas vezes a Comissão Permanente, não deixando sem resposta o PS, principal partido da oposição e adversário directo dos socialistas nas eleições legislativas.

Ontem, numa conferência de Imprensa que parecia ter sido arranjada à pressa, o secretário-geral, Falcão e Cunha confirmou a sua vocação para a engenharia e inabilidade para as leis.

O porta-voz da Comissão Permanente começou por trocar a Lei Eleitoral pela Lei da Revisão Constitucional, num lapso que durou alguns minutos. Justificou o círculo nacional com a defesa dos «princípios de eficácia da Assembleia da República e aproximação dos eleitos dos eleitores» e negou a existência de estudos prévios na elaboração da lei.

Confrontado com as declarações do primeiro-ministro, que anunciou a ex-

istência de estudos prévios na elaboração dos círculos locais, o secretário-geral disse que «não há estudos de geografia eleitoral como afirma o PS».

Falcão e Cunha manifestou o desejo de que o Partido Socialista assumia «as responsabilidades negociadas aquando da revisão constitucional» e reafirmou a disponibilidade do primeiro-ministro iniciar contactos com todos os partidos da oposição, embora não tenha sido adiantada uma data para a primeira ronda de negociações.

A Lei Eleitoral vai ser um dos cavalos-de-batalha políticos do PSD a avaliar pelo empenhamento do grupo parlamentar nos debates sobre esta matéria e da direcção do partido que, além das intervenções feitas nos órgãos de comunicação social, dedicou grande parte do noticiário do «Povo Livre» ao assunto, com destaque para o editorial do director do órgão oficial, Duarte Lima.

Redacção «DL»

Na Costa do Estoril

Cavaco Silva procura imagem ecológica

Doze milhões de contos é o investimento do Estado português para dotar toda a Costa do Estoril, entre Santo Amaro e o Guincho, de condições que nunca teve na área do saneamento básico. É uma iniciativa estreitamente ligada ao ambiente que parece interessar particularmente Cavaco Silva, em busca de uma imagem ecológica provavelmente para um futuro para «tempo de antena».

As obras de tão avultado projecto, em execução há cerca de dois anos, foram ontem visitadas, pela segunda vez desde Abril de 1988, pelo primeiro-ministro, que improvisou junto ao farol da Guia uma conferência de Imprensa.

Ficaram os portugueses a saber que as «praias da linha» poderão estar limpas, como nunca estiveram, no segundo semestre de 1991, ao longo dos catorze quilómetros por que as obras se prolongam, no quadro do Gabinete de Saneamento Básico da Costa do Estoril.

«É uma obra colossal cuja grandeza se traduz no custo da execução do projecto», salientou Cavaco Silva aos jornalistas, sentado no chão, nos rochedos junto ao mar e ao farol da Guia, em Cascais. O primeiro-ministro falou com os jornalistas (ladeado por vários ministros, entre eles o do Ambiente, e os presidentes das Câmaras de Cascais e Oeiras, George D' Argent e Isaltino Morais), depois de percorrer, de jipe, parte do túnel subterrâneo das obras.

Redacção «DL»/Lusa

Sistema Usado Seguro

EM ALFRAGIDE

Só no **Sistema Usado Seguro** o seu novo carro é verdadeiramente seguro. Modelos Fiat, Lancia e de várias outras marcas, rigorosamente seleccionados, com a garantia do **Sistema Usado Seguro**, crédito especial, recondicionamento programado, preço à vista e assistência total! Venha conhecer os seis pontos reais da qualidade e as modernas instalações do **Sistema Usado Seguro** na Fiat em Alfragide.

Sistema Usado Seguro

Fiat Auto Portuguesa, S.A.

Diário de Lisboa

Fundado em 1921
Editado por Renascença Gráfica, S.A.

Presidente do Conselho de Administração: António Ruella Ramos.
Administradores: Maria do Carmo Ruella Ramos, João Manuel Ruella Ramos, António Brás Monteiro e António Gomes da Costa.
Secretário-geral: Jorge Galamba.

Director Mário Mesquita
Directora-adjunta Diana Andringa

Exerceram anteriormente a Direcção:
Joaquim Manso (1921/1956)
Norberto Lopes (1956/1967)
António Ruella Ramos (1967/1989)

Chefe de Redacção
Acácio Barradas
Chefes de redacção-adjuntos:
José Leite Pereira, Paulo David, Rodrigues da Silva e Rui Camacho

Redactor-principal
João Paulo de Oliveira

Coordenadores de Secção:
António José Teixeira, Eurico Vasconcelos, João Galamba de Oliveira, José Luís Feronha, Maria Gulomar Lima, Neves de Sousa e Vítor Leitão

Repórter-coordenador:
Adelino Cardoso

Redactor-paginador
António Ribeiro Ferreira

Redacção e reportagem fotográfica:
Almeida Henriques, Alves Henriques, Ana Mafalda Inácio, Ana Paula Sá, Augusto Vilela, Carlos Campones, Céu Neves, Daniel Reis, Dina Soares, Duarte Calvão, Elsa Andrade, Emília Trindade, Ernesto Sampaio, Fernando Brederode Santos, F. Dias Brito, Gisela Oliveira, João Ildro, Jorge Ferreira, José Rui Cunha (Bruxelas), Júlio Rodrigues, Luísa Alexandra Botinas, Lurdes Féria, Maria Antónia Martinho, Maria João Martins, Maria João Rocha, Maria José Belo Marques, Marina Tadeu, Marina Tavares Dias, Paulo Martins, Pedro Alvim, Perla de Almeida, Rodrigues Borges, Rui Eduardo Paes, Rui Ferreira e Sousa, Rui Nunes e Rui Pacheco

Colaboradores permanentes da Redacção: Alessandra Balsamo, Daniel Oliveira, Francisco Paraiso, Isabel Joyce, Jorge Fallorca e Roby Amorim.

Cartoonistas: António Alfredo e José Bandeira

Grafistas:
Ribeiro da Silva (coordenador), Ermelinda Silva, Filipe Veríssimo e Luís Tenreiro

Paginadores:
Antonieta Teixeira, José António Carvalho, Jorge Santos, Pedro Pessoa, Oscar Figueiredo e Ricardo Magalhães

Secretária de Direcção
Maria Eduarda Soutello

Secretaria de Redacção:
José Agostinho (coordenador), António Lima e Maria Helena Matos

Chefe de Publicidade
Luísa Valadas

Gestor de Informática
Luís Cantelo

Redacção, Administração, Publicidade e Serviços Técnicos: Rua Luz Soriano, 44 - 1200 Lisboa. Telef. 3474870/9 - Telegrafas DIBOA - Telex 12363 DIAROP - Telefax 3467134. Impresso na Renascença Gráfica, SA - Rua Luz Soriano, 44 - 1200 Lisboa. Distribuído por Interpress - Rua do Norte, 115-1º - 1200 Lisboa - Telef. 322100/322204/320784. Depósito legal nº 1426/82. Preço do jornal: no Continente, 60\$00; na Madeira, 75\$00; nos Açores, 85\$00.

FORUM

público e privado

SE LER É BOM, MELHOR AINDA É LER SEM ENTENDER

São duas as maneiras de escrever: uma, límpida, clara, precisa, de fácil compreensão; outra, obscura, complicada, difícil, muitas vezes empolada.

A primeira alcança-se pensando e repensando, escrevendo e reescrevendo; a segunda, aviltando, empregando jogos de palavras, baralhando os conceitos e repetindo-os. A primeira é uma estrada aberta, a segunda, uma rede intrincada de becos que leva a todo o lado e a lado nenhum. É no entanto a maior parte das pessoas, incluindo gente culta, os próprios intelectuais, preferem muitas vezes o segundo tipo de escrita. Porquê?

Dizer que o fazem por estupidez ou snobismo nada adianta. Deve haver, seguramente, razões mais sérias. A primeira parece-me ser esta: o escrever confuso é preferido porque é trocado por um outro. Porque é um reflexo de dois estilos difíceis e importantes.

Existem, de facto, disciplinas que requerem uma longa aprendizagem e uma linguagem própria, como, por exemplo, a matemática, a física, a química e certas partes da biologia.

Por outro lado, existe a revelação poética, científica, religiosa; neste caso,

o autor não se encontra em posse da linguagem, mas procura-a, cria-a. A intuição vai abrindo caminhos através de súbitos lampejos, aparições fugidias e depois confunde-se. Exprime-se por imagens e metáforas, comunica por meio de sugestões e emoções. Muita gente, ao ser confrontada com um texto hermético, e não o compreendendo, tem a impressão de estar perante uma obra, ou muito específica, ou muito criativa. Mas existe uma segunda razão. No decurso de milénios as pessoas foram dominadas, manipuladas por classes sacerdotais que usavam positivamente linguagens sibilinas, ininteligíveis. No mundo greco-romano prosperavam oráculos e mistérios, circulavam livros eruditos. Ao longo de toda a Idade Média até à Idade Moderna, o clero e os sábios usaram uma língua misteriosa, o latim, que a gente comum não entendia, mas que admirava e respeitava com devoção.

Abandonado o latim, os filósofos criaram de novo uma barreira devido ao emprego de uma gíria específica, uma linguagem enigmática reservada às suas próprias escolas. Há uns vinte anos atrás, não mais, o mestre abso-

luto da sociologia era um confuso e aborrecidíssimo professor americano, Talcott Parsons. Não se podia abrir a boca sem que alguém o nomeasse, não se podia abrir um livro sem o ver citado e comentado continuamente. Nos anos setenta, no campo da psicanálise, o venerado era Lacan: os seus sacerdotes interpretavam-lhe o obscuríssimo pensamento em círculos restritos e de alto prestígio. Hoje, estes senhores foram esquecidos mas outros lhes usurparam o lugar.

Há ainda um terceiro motivo que leva a preferir o que é difícil, contorcido e arrevesado. Quem lê estas obras caóticas deixa que o pensamento flutue numa neblina impalpável agarrando aqui e ali uma ideia, uma emoção. Na realidade, não lhe interessam conceitos distintos, mas tão-somente impressões, vibrações, solicitações intelectuais. Deste modo revive, em si mesmo, uma paródia do pensamento criativo, uma sua imitação modesta. Mas para muitos é o suficiente: têm a impressão de ser inteligentes, profundos, por

vezes até abissais. É esta palavra, abissal, que nos leva à quarta e última razão da preferência pelo pensamento confuso. A necessidade de tocar o desconhecido, aquilo que não pode ser captado com clareza, mas que é só entrevisto: o divino, o sagrado. Na linguagem fugaz, na perseguição de imagens desordenadas e imperceptíveis, no retorno esborado dos conceitos, ressoa o eco da língua sagrada, incompreensível para os humanos, o murmúrio indistinto da Pítia que revela o segredo dos deuses.

Quatro motivações, por conseguinte: o respeito pela linguagem especializada ou criativa, a reverência para com o sacerdote, o prazer de fantasiar e a necessidade de misticismo. Quatro razões fortes. E encontra-se sempre quem esteja disposto a satisfazê-las e a manipulá-las. Algumas vezes agindo de boa fé, na maior parte dos casos trapaceando.



Exclusivo «DL»/
Corriere della Sera
(trad. de Manuela
Ferreira de Almeida)

DOIS+QUATRO=UM

Durante o último fim-de-semana, quatro das cinco potências que integram o Conselho de Ministros dos Negócios Estrangeiros - a instituição criada na cimeira de Potsdam, em 1945, para elaborar os tratados de paz - reuniram-se com os representantes da Alemanha (dois, uma vez que formalmente continuam a existir dois Estados alemães) para, quarenta e cinco anos depois do fim da Segunda Grande Guerra, definirem o quadro em que esta pode finalmente terminar.

Esta primeira reunião, realizada em Bona, foi assinalada por uma querela semântica, característica inevitável de todas as questões alemãs. De facto, parece existir uma certa hesitação sobre a denominação da conferência. Do lado das quatro potências vencedoras, a designação lógica, inscrita na sua proposta inicial, chamava-lhe Quatro+Dois: os quatro membros do Conselho de Ministros, em bloco, tratavam com a Alemanha (os dois Estados alemães) para determinar o seu futuro, problema que ficara em aberto em todas as sucessivas reuniões do Conselho desde 1945. Do lado alemão, por proposta do ministro dos Negócios Estrangeiros da República Federal, o nome de baptismo da conferência devia ser Dois+Quatro: os dois Estados alemães, em bloco, decidem livremente o futuro da Alemanha e reúnem-se com as antigas potências vencedoras para remover os obstáculos finais à constituição de um único Estado alemão.

Uma proposta lateral e mal amanhada procurou conciliar os dois lados e registar o nome da reunião como a conferência dos Seis (que são cinco, uma vez que a divisão da Alemanha em dois Estados deixou de existir *de facto* desde as eleições de 18 de Março).

Como todas as querelas semânticas alemãs, esta é uma questão política crucial. No primeiro caso ressalvase um quadro de continuidade essencial, definido pelo próprio estatuto do Conselho dos Ministros dos Negócios Estrangeiros, em que se sublinha o estatuto dos Quatro como as potências que venceram a última guerra europeia. Na segunda versão, a posição dos Quatro é subsidiária e residual perante o *fait accompli* da reunificação alemã, que são chamados a ratificar. A última figura reflecte meramente as tradicionais ansiedades francesas, cujo lugar à mesa da conferência sobre a Alemanha não estava sequer adquirido no momento da formação do Conselho de Ministros dos Negócios Estrangeiros.

Este problema existe, desde logo, porque os antigos aliados não foram capazes, ou não quiseram resolver adequadamente o problema do futuro da Alemanha depois do fim da guerra. Na cimeira de Potsdam, os Estados Unidos, a União Soviética e a Grã-Bretanha decidiram não dividir a Alemanha e reconstituir, em certas condições, o Estado alemão. Porém, nos anos que se seguiram, embora sem nunca deixarem de se pronunciar oficialmente a favor da unidade alemã, acabaram por estimular, ou decidir, a formação de dois Estados alemães, nos territórios das respectivas zonas de ocupação.

Tudo indica que esta orientação não era consensual, nem na decisão soviética, nem na decisão norte-americana. Em 1948, George Kennan, num *memorandum* do *Policy Planning Staff* do Departamento de Estado norte-americano, tomava posição contra a estratégia de divisão da Alemanha e escrevia: «a incapacidade dos aliados em chegarem a acordo sobre o futuro da Alemanha força-os, por uma lógica férrea, a restituir o poder de decisão aos próprios alemães».

Cinco anos mais tarde, na primeira reunião do *Politburo* do Partido Comunista da União Soviética depois da morte de Stalin, Laurenti Beria defendia, contra Molotov, a dissolução da RDA, que qualificava como uma «construção artificial». Guardadas as distâncias apropriadas entre o diplomata norte-americano e o polícia soviético, ambos tinham uma boa parte de razão contra as correntes dominantes nos respectivos países. A existência da RDA assentava unicamente na vontade soviética de manter um Estado alemão separado e, quando a URSS deixou de estar disposta a pagar o preço da sobrevivência do regime comunista alemão, a RDA dissolveu-se sem resistência. Por outro lado, na ausência de uma decisão formal e efectiva, por parte dos Quatro, sobre o futuro da Alemanha, os próprios alemães, sem pedirem licença, tomaram nas suas mãos o poder de decidir sobre a restauração da unidade alemã e tornaram a unificação dos

dois Estados uma realidade, sem admitirem quaisquer interferências externas.

Neste sentido, é mais rigoroso dizer que, chame-se-lhe o que se lhe chamar, a conferência do Conselho dos Ministros dos Negócios Estrangeiros com os representantes da Alemanha se resumirá a, por um lado, ratificar o processo e as modalidades da unificação alemã, nos termos e segundo o calendário decididos pelos próprios alemães e, por outro lado, a restituir ao estado alemão as condições do pleno exercício da sua soberania, o que implica que os quatro devolvam à Alemanha os poderes residuais que ainda detêm como potências tutelares da soberania alemã. A única contrapartida que as potências vencedoras podem incluir no quadro da conferência é a definição do modo como a Alemanha ratificará o traçado da sua fronteira com a Polónia, depois de concluído o processo formal de reconstituição do Estado alemão.

De resto, o resultado da conferência é sempre o mesmo, quer se somem quatro mais dois, ou dois mais quatro: no fim haverá um Estado alemão. O resto, a começar pela posição da Alemanha nos equilíbrios europeus,

terá de ser resolvido noutras instâncias, designadamente na próxima cimeira entre os presidentes dos Estados Unidos e da União Soviética. Se o não for, como no passado o não foi a questão alemã, os próprios alemães também aí decidirão, mais tarde ou mais cedo, sobre o seu futuro.



Carlos Gaspar



FORUM

Tempos diferentes (conclusão)

UM CAPITÃO DE ABRIL

O embaixador Franco Nogueira, num colóquio recente, defendeu que a política externa de Salazar fora de grande equilíbrio e independência durante a guerra, e que influenciara os ingleses e franceses a não deixarem ficar Franco apenas nas mãos dos alemães. De um modo geral, toda a gente reconhece o equilíbrio da política de Salazar durante a guerra, e que influência sobre os ingleses e franceses podemos ter as maiores dúvidas, sobretudo quando vemos numa recente série televisiva o primeiro-ministro inglês dispor-se a oferecer Angola aos alemães, em 1939, para apaziguar as ambições de Hitler. Mas, enfim, Franco Nogueira, talvez não tendo assistido à série, sentiu-se com elementos sólidos para defender a tese. Onde atingiu que já não se usa foi quando disse (transcrevo dos jornais) que «a política externa da Nação era a projecção da visão que os portugueses tinham de si próprios».

Dos portugueses que tinham medo, humilhados, que levavam porrada no próprio país. A dissociação entre Portugal e os portugueses atinge aqui o nível da idiotice. O homem culto Franco Nogueira desaparece para ficar só o salazarista a proclamar os mitos de um salazarismo alheio a toda a realidade nacional.

Mas a verdade é que, em certa altura, foi esta a política oficial portuguesa. Em 1956, já em plena crise de Goa, o ministro português dos Negócios Estrangeiros, Paulo Cunha foi aos Estados Unidos dizer a bravata: «Estamos em Goa, e não temos medo». Na véspera da invasão, Salazar fez um discurso: «Soldados e marinheiros de Portugal, ou vencedores ou mortos». O que se seguiu viu-se. Os

combates foram breves, houve alguns mortos, as tropas renderam-se quase de imediato.

«Eram aviões, por cima e por baixo», lembro-me das palavras, em Argel, de um desertor da Guiné, que estivera em Goa, a contar como as coisas se tinham passado. (As voltas que a informação dava no mundo português!)

Foi a primeira grande ruptura entre os portugueses, no caso as tropas que pensaram nelas próprias e o Portugal mítico que os salazaristas cultivavam. Franco Nogueira quer prolongar o mito. Com esse prolongar, o Portugal sofreu bastante e perdeu bastante enquanto dele se não libertou.

António Sérgio, numa tentativa de solução, preconizara o referendo em Goa, mas não fora muito acompanhado. A verdade é que o país estava imobilizado pelo próprio imobilismo do salazarismo.

Mas mesmo aos ditadores é devida justiça, pelo menos a da História. Não acompanho a acusação simplista, que um comentador expôs na televisão, descarrega inteiramente sobre Salazar a responsabilidade da guerra em África. O que ele menos podia desejar era uma guerra em África e, nesse sentido, queria a paz em Angola. Para isso, desejava-a imóvel e isolada, lá no fim do mundo.

Conta-se que, quando vieram dizer a Salazar que havia petróleo em Angola, ele disse: «Só nos faltava mais essa». Bem sabia, no íntimo, que era o ditador do imobilismo e não do progresso.

Salazar foi cego, mas não foi só ele. Em 1952, estava na tropa e não encontrei ninguém, ninguém mesmo, que pensasse que viria a haver qualquer espécie de problema em África. Lembro-me de um amigo, oficial miliciano, que depois

de uma discussão disse: «Eu não quero saber de política. Quando isto acabar, volto para Moçambique, vou para o meio dos pretos, e lá ninguém me chateia». Quatro anos mais tarde, quando estava preso na PIDE, ainda um agente me dizia: «Oh, senhor engenheiro: Por que é que se não deixa de políticas? Por que é que não vai para África?»

O capitão Almeida Santos, que mais tarde foi assassinado e enterrado no Guincho, então tenente, era do meu regimento. Vejo a expressão dele, num riso aberto e simpático, numa fotografia tirada na sala de oficiais. Muitos anos mais tarde, feitas as contas mais de um quarto de século mais tarde (como demora a informação em Portugal!), um amigo que tinha estado na tropa comigo contou-me que, numa noite em que estava de oficial de dia com o Almeida Santos, este lhe tinha dito que estivera como adido militar na Índia inglesa na última fase da descolonização, onde se haviam verificado casos de recusa das tropas inglesas em participar em chacinas. Aquilo a que assistira tinha-lhe aberto os olhos para o problema do colonialismo. Nessa noite, por iniciativa de Almeida Santos, falou-se do colonialismo português.

Almeida Santos foi assassinado e a sua personalidade foi a exatidão dissecada nos jornais, mas só através dos testemunhos dos assassinos que se queriam justificar, ninguém foi ouvir quem o conheceu.

Depois, fez-se um filme, e uma personagem de ficção veio sobrepor-se à sua personagem real. Nem à personalidade própria teve direito. No entanto, ele foi, antes dos outros, numa altura em que a luta exigia mais coragem e mais sacrifício, um capitão de Abril.



António Brotas

CARTAS NA MESA

Sobre «Os coitadinhos do PCP»

Finalmente há coragem! Alguém ousa dizer não ao totalitarismo e pôr a nu sessenta anos de opressão.

Alfredo Margarido fez muito mais do que justificar os seus honorários por uma página de escrita no «DL». Com o seu artigo «Os coitadinhos do PCP», ele venceu dois objectivos que não hesito em classificar de históricos.

Primeiro, deu a indispensável pedrada no charco do «mitológico» discurso da esquerda, fundamentando cientificamente a justíssima orientação que já o bom povo português havia defendido nas ruas sob a palavra de ordem «Os comunistas para a Sibéria, já!». Segundo, abriu um indispensável espaço de diálogo, quicá de convergência, entre correntes até agora afastadas por falta de uma análise teórica que, pela sua objectividade, pudesse servir-lhes de ponte para o entendimento.

Consequentemente, proponho que o próximo passo seja um seminário conjunto «DL»/«Diabo» em que, para além de Alfredo Margarido e Vera Lagoa, possam também intervir outros históricos combatentes da liberdade como Durão Barroso, Silva Marques, Eduíno Vilar, todos eles devidamente habilitados para contrapor as vantagens do liberalismo cavaquista aos horrores do centralismo estalinista.

Mas Alfredo Margarido foi mais longe. Conseguiu, por fim, trazer à luz do dia factos e verdade sobre os crimes do PCP até hoje censurados pelos seguidores da seita do Zé dos Bigodes e que apenas alguns resistentes ao totalitarismo como

Silva Pais, Tinoco e Barbieri Cardoso ousaram antes afirmar.

José Dias Coelho era um mentiroso, como nos explica o dr. Alfredo Margarido. Creio, aliás, que se torna assim mais aceitável a tese de que se teria suicidado, ao invés da propalada mentira de que a PIDE o teria assassinado.

No Tarrafal, os comunistas não sofreram nem morreram. Pelo contrário. Faz bem Alfredo Margarido em lembrar-nos que eles foram ali elementos de divisão e de repressão sobre os verdadeiros democratas.

A história do PCP é feita, sobretudo, de processos sumários conducentes às expulsões, às denúncias à Polícia e aos fuzilamentos. Pois claro! Bento Gonçalves, Militão Ribeiro, Germano Vidigal, Manuel da Silva, Catarina Eufémia, Alexandre Dinis e muitos outros recordam-nos bem essa realidade.

Finalmente, fez muito bem Alfredo Margarido em explicar-nos que Lenine não era filho biológico de Marx e que «o carniceiro dr. Álvaro Cunhal», sendo um dos grandes da nomenclatura, só por isso não roubou a mala de cartão que o tal Karl Marx anda por aí a arrastar.

Esclarecedor para que, como nos alerta o dr. Alfredo Margarido, «não abramos as portas aos assassinos potenciais».

Agradeço. O País e a causa da liberdade ficam profundamente enriquecidos com estes artigos que o «DL» em boa hora tem vindo a publicar.

Rui Mendes, leitor do Estoril

LETRA DE FORMA

Diário de Notícias

De um artigo de Manuel Villaverde Cabral, intitulado «Nova Carta de Inglaterra»:

(...) Com o seu sistema eleitoral tradicional, que os trabalhistas, claro, defendem também, a aliança dos liberais e sociais-democratas - que já chegou a obter 25 por cento dos votos e que se não fosse a teimosa cisão do dr. Owen, ainda na quinta-feira passada poderia ter conseguido mais do que os 19 por cento alcançados - não tem representação parlamentar e autárquica minimamente correspondente. É um caso-limite de injustiça eleitoral, que não prejudica as teses daqueles que defendem, como eu, uma revisão do nosso sistema eleitoral destinado a facilitar a constituição de governos maioritários, mas que, na situação de fervilhante pluralismo social e cultural da Grã-Bretanha de hoje, se traduz pela marginalização política dos sectores mais modernos da sociedade. Para quem admira a arte de conviver e a qualidade de vida daquele país, é uma pena que os liberais democratas não desempenhem o papel que um sistema eleitoral mais justo lhes atribuiria de certeza. (...)

10.Mai.90



PÚBLICO

De um editorial:

(...) Não foi fácil para a África do Sul a década de oitenta. Caído, com o 25 de Abril e a descolonização portuguesa, o escudo protector das suas fronteiras, e obtida a independência efectiva do Zimbabwe, dando assim lugar à unilateralmente declarada por Ian Smith anos antes, o país ficou mais do que nunca a nu aos olhos da opinião pública internacional e condenado a um total isolamento. Sendo, embora, uma potência, em termos de contexto africano, a verdade é que se lhe tornou extremamente difícil enfrentar o boicote político e económico que o resto do mundo lhe moveu. Ambos os Botha — tanto Pieter, o então Presidente da República, como Pik, seu ministro dos Estrangeiros — tiveram disso uma noção perfeita, aliás traduzida na frase que se tornou célebre: «Ou mudamos ou não sobreviveremos». Só que essa mudança foi, ao longo de toda a década, muito mais aparente do que de raiz. Foi preciso que Pieter Botha abdicasse e Frederik de Klerk lhe sucedesse para que efectivamente ela se concretizasse, com o impacto de uma autêntica revolução sem armas. Revolução de mentalidades, de processos, de acções concretas, numa sequência quase vertiginosa e que, em escassos meses, levou a situação interna do país a algo de até então inimaginável: a legalização dos partidos proscritos, a libertação dos presos políticos — de que Mandela era o paradigma — a abertura ao diálogo directo com o ANC. E, acima de tudo, o assumir do apartheid como um sistema a desmantelar a prazo, até à sua total extinção.

É, pois, uma outra África do Sul a que neste momento, pela voz do seu Presidente, se encontra na Europa para que esta a ouça e entenda (...)

9.MAI.90

INTERNACIONAL

Estudantes italianos corridos pela polícia

De Roma, especial para o «DL»

Centenas de jovens do movimento estudantil italiano - a Pantera - que há mais de cinco meses luta contra a aprovação de uma lei que abrirá a Universidade estatal aos financiamentos privados, tentaram ontem, ocupar as reitorias das Universidades de Roma e Perugia. Em Roma, onde o reitor solicitou imediatamente a presença das forças da ordem, os violentos recontros entre a polícia de choque e os estudantes provocaram ferimentos em seis agentes e numa jovem estudante. Nas ruas da enorme Cidade Universitária, da capital italiana, bombas de gás lacrimogéneo cruzaram-se com as pedras atiradas pelos estudantes que, a dada altura, encurralados pela Polícia postada nos extremos de uma rua, esboçaram também barricadas deslocando carros e amontoando vigas de obras.

A iniciativa de ocupar a reitoria da maior universidade italiana constitui o primeiro acto da semana de mobilização lançada pelo Encontro Nacional de Luta do Movimento que ocorreu em Roma no passado dia 4 de Maio.

Para hoje e amanhã, os estudantes convocaram um «sit-in» em frente do Parlamento para fazer valer, as razões da Pantera que, como se lê nos panfletos ontem distribuídos, «ronda a cidade» e, apesar de ter sido «avistada, perseguida, ignorada, enterrada mais de uma vez pelo Governo, os partidos, os media... Está livre, está pronta a lutar contra a reforma Ruberti a privatização dos serviços a onda de neo-autoritarismo e todas as formas de racismo» e por «um saber crítico, antagonista e colectivo; por um verdadeiro direito ao estudo, por uma Universidade de massa».

Sábado será a vez de uma manifestação/espectáculo contra a vaga de repressão na sociedade, que se realizará numa das mais bonitas e conhecidas praças italianas - Praça Navona.

A longo prazo, a Pantera - que tem sérios problemas em morrer apesar da subtil arma dos poderes, chamada silêncio - marcou já os seus próximos objectivos entre os quais se contam: uma manifestação nacional para dia 26 (limite máximo em que a reforma Ruberti deverá entrar em vigor); um apelo nacional a advogados, juristas, magistrados e jornalistas para a instituição de uma comissão de defesa contra a repressão uma nova Convenção Nacional dos Estudantes a realizar em Junho.

Pelos vistos, quem se divertiu com o trocadilho da Pantera enganou-se, a Pantera apesar de lhe terem tratado do pêlo com areia e ar comprimido pelos muros da cidade e dentro da Universidade, continua muito Pant-é e bastante rafeira.

Alessandra Bálsamo

Albânia restringe pena de morte

O Parlamento da Albânia aprovou um punhado de reformas legislativas que, nas vésperas da visita do secretário-geral da ONU, Javier Peres de Cuellar, vai ampliar os direitos humanos dos albaneses, garantir maiores poderes legais aos indivíduos e alterar a definição de crimes contra o Estado.

Divulgadas ontem pela agência noticiosa oficial, ATA, as surpresas albanesas incluem a redução de 34 para 11 do número de crimes puníveis com a pena de morte e a recriação do Ministério da Justiça, extinto há 35 anos.

Daqui para diante, os «réus» albaneses serão acompanhados por um advogado durante todo o processo. A prisão dos suspeitos passava até agora pelos promotores públicos sem que os detidos tivessem direito a qualquer

assistência judicial. O agora recriado Ministério ficará ainda encarregado de passar passaportes e vistos de saída e os desertores já não serão executados.

«A propaganda contra o Estado» deixou igualmente de ser punida com a execução e, no documento divulgado ontem, as autoridades albanesas sublinharam que «a questão da crença religiosa cabe à consciência de cada indivíduo».

O Parlamento aprovou ainda um projecto de lei que visa legalizar o investimento estrangeiro na Albânia. As reformas foram anunciadas na mesma sessão em que o primeiro-ministro, Adil Carcanim, declarou a intenção do país em aderir à Conferência sobre Segurança e Cooperação na Europa (CSCE). **Lusa**

Nova Zelândia aceita punição formal

Tribunal internacional condena França no caso Greenpeace

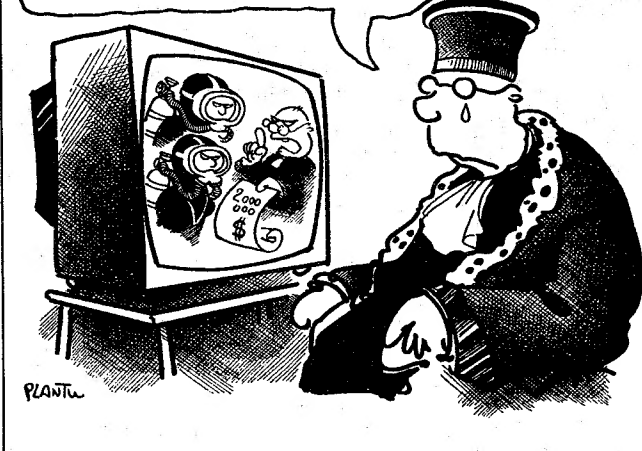
Está definitivamente encerrado o caso da sabotagem do navio da organização ecologista Greenpeace, «Rainbow Warrior», que durante cinco anos envenenou as relações entre a França e a Nova Zelândia. O tribunal internacional de arbitragem pronunciou segunda-feira, em Nova Iorque, uma sentença sem apelo que parece satisfazer as duas partes: condena formalmente a França, mas apoia a decisão deste país de repatriar os agentes responsáveis pela colocação da bomba, que provocou a morte a um fotógrafo de origem portuguesa que se encontrava a bordo.

Os oficiais dos serviços secretos franceses Alain Mafart e Dominique Prieur foram condenados a dez anos de prisão por um tribunal neo-zelandês, em 1985, acusados de participação directa no acto de sabotagem. Após a intervenção do secretário-geral da ONU, e de comum acordo entre os dois países, a pena foi reduzida para três anos, em 1986, que poderiam ser cumpridos em regime de prisão domiciliar na base francesa de Hao, no Pacífico. O acordo previa que os dois detidos não podiam abandonar a sua residência forçada, sob nenhum pretexto.

Em Dezembro de 1987, a pretexto do seu estado de saúde, os franceses repatriaram Alain Mafart. Em Maio

O fim do caso Greenpeace

CONSEQUIRAM PASSAR UMA MULTA A FRANCESES APOIADOS PELO GOVERNO! ELES SÃO DURES...



de 1988, a pretexto da sua gravidez e de uma grave doença do seu pai, repatriaram Dominique Prieur. Estas atitudes provocaram a cólera dos neo-zelandeses que apelaram ao Direito Internacional pela falta de respeito dos franceses pelo acordo firmado.

Foi constituído um tribunal para arbitrar a questão, e, finalmente, na segunda-feira, a sentença foi pronunciada.

França «salva a face»

A França fez bem em repatriar Mafart, porque o seu estado de saúde assim o ex-

igia. Errou ao não mandá-lo de volta para Hao quando se curou. Quanto a Prieur, o tribunal considera que Paris desrespeitou três itens do acordo: não se esforçou para obter o consentimento da Nova Zelândia para o seu repatriamento, não havia razões para tal e não a mandou de volta para a base no Pacífico. No entanto, como os três anos da sentença expiraram em Julho de 1989, o tribunal não aceitou o pedido dos neo-zelandeses para que os dois oficiais franceses voltassem a Hao, para cumprir o que resta da pena.

Como sanção, o tribunal acha suficiente a condenação internacional da França que já tinha proposto o pagamento de sete milhões de dólares de indemnização pelos prejuízos causados à Nova Zelândia. Como esta não aceitou, o tribunal recomendou a criação de um fundo especial para «incentivar o estreitamento das relações de amizade entre os cidadãos dos dois países».

É o epílogo de um caso que causou a demissão de um ministro da Defesa, Charles Hernu, um amigo pessoal de Mitterrand, e chegou a abalar o primeiro-ministro de então Laurent Fabius, pondo a descoberto os métodos pouco ortodoxos que certos Estados democráticos utilizam secretamente. O primeiro-ministro neo-zelandês, Geoffrey Palmer, já declarou na terça-feira que «é tempo de pôr fim a este sórdido caso» e espera-se para breve uma visita de Michel Rocard para discutir a questão dos ensaios nucleares no atol de Mururoa e as cotas de man-teiga e carne de carneiro impostas pela CEE. No entanto, apesar desta «cicatrização oficial», o caso continua a ser uma ferida aberta na opinião pública neo-zelandesa onde existe a ideia que «a França conseguiu salvar a face, mesmo tendo causado uma morte».

Redacção

«DL»/«Le Monde»

Ministros da NATO querem fim de mísseis tácticos na Europa

As mudanças nos países do Leste europeu parecem ter começado a provocar passos concretos na área do desarmamento. É que se pode concluir das declarações dos ministros da Defesa da NATO, reunidos numa cimeira no Canadá, que advogaram ontem a retirada da artilharia nuclear táctica estacionada na Europa Ocidental por terem diminuído substancialmente as hipóteses de confronto. Embora os mísseis de curto alcance, sobretudo aqueles que tinham a RDA como alvo, possam ser desmantelados ainda neste ano, os ministros deixaram em aberto se esta redefinição estratégica deverá ser feita unilateralmente ou em negociação com a URSS e não estabeleceram prazos para a retirada.

A proposta foi apresentada pelo ministro holandês da Defesa, Relus Der Beek, que disse haver «uma opinião generalizada» na NATO de que o arsenal de armas nucleares tácticas «pode ser total e unilateralmente eliminado» devido a melhoria das relações Leste-Oeste. O seu homólogo da RFA, Gerhard Stoltenberg, confirmou ser concebível que haja «iniciativas unilaterais» nessa área, tendo apelado aos EUA e à URSS para que iniciem negociações ainda este ano para a eliminação dos mísseis de curto alcance.

Os EUA já demonstraram a vontade de avançar neste domínio, quando, na sexta-feira passada, o presidente George Bush afirmou que não irá modernizar os mísseis de curto alcance Lance e vai abandonar o projecto do SOTL que os deveria substituir dentro de alguns anos. Bush, porém, condicionou esta nova posição ao avanço das conversações sobre armas convencionais de Viena (CFE). As declarações do presidente norte-americano foram acolhidas «com entusiasmo» nesta cimeira.

Entretanto, a cimeira foi abalada com a divulgação da notícia de que o embaixador do Luxemburgo junto da NATO, Guy de Muyser, se demitiu, a 25 de Abril, das funções que ocupava desde 1986, por ter «violado as regras de segurança», segundo o ministro luxemburguês dos Negócios Estrangeiros, Jacques Poos. O ministro não adiantou as razões da demissão, mas sabe-se que o embaixador se deslocou por diversas vezes a Moscovo sem autorização superior e que mantinha relações de amizade com altos funcionários soviéticos. Segundo fontes não oficiais terá transmitido a um deles um documento considerado secreto.

Redacção «DL»/Lusa/AFP

Vaclav Havel discursa hoje no Conselho da Europa

O Presidente checoslovaco, Vaclav Havel, apresenta hoje em Estrasburgo, perante o Conselho da Europa, a sua visão sobre a futura arquitectura europeia, no mesmo dia em que chega ao termo a presidência portuguesa daquele órgão. A Checoslováquia subscreverá também hoje a sua adesão à Convenção Cultural do Conselho, após os encontros que Vaclav Havel manterá com o ministro português dos Negócios Estrangeiros, João de Deus Pinheiro e os chefes das diplomacias dos restantes 22 Estados membros da organização, reunidos em Estrasburgo para a 86ª sessão do Comité de Ministros. Portugal será rendido na presidência do Conselho da Europa por São Marino. Um grupo de 27 jovens entregará a Havel, Deus Pinheiro, Anders Björck e à secretária-geral do Conselho, Catherine Lahumiere, um apelo dirigido aos líderes europeus para que intensifiquem os esforços no sentido da unidade europeia.

Redacção DL/Lusa

INTERNACIONAL

Num périplo por seis países africanos

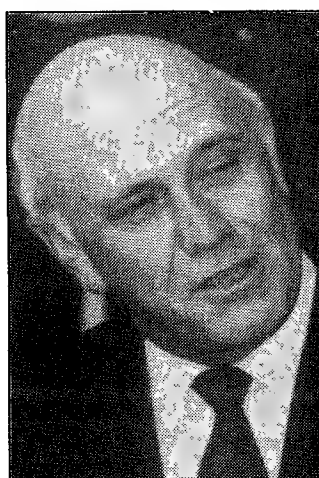
Mandela vai prestar contas à guerrilha

Nelson Mandela chegou hoje a Luanda para uma visita de três dias, integrada numa digressão por seis países do continente, após as conversações exploratórias que manteve com o Governo sul-africano no início do mês.

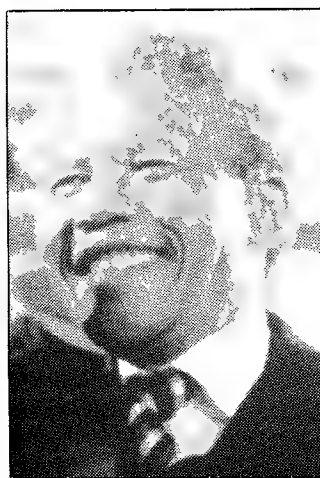
Por este périplo de 12 dias pela Nigéria, Argélia, Egipto, Líbia e Zâmbia, o líder histórico do ANC encontrase-á ainda com representantes da Umkhonto we Sizwe, a luta armada que o movimento enceta contra o regime desde 1961, no sentido de preparar os guerrilheiros para a eventual suspensão oficial da resistência.

Tal facto, aliás, já provou não ser pacífico entre os militantes do ANC que, no passado domingo reagiram mal ao discurso «disciplinador» que o secretário-geral do Partido Comunista sul-africano (aliado ao ANC), Joe Slovo, proferiu na Soccer City, um estádio situado entre o Soweto e Joanesburgo.

Embora os cinco pontos saídos do encontro entre Mandela e De Klerk não re- firmaram formalmente para a



De Klerk e Mandela



suspensão da luta armada contra o regime, há quem esteja convencido de que o líder do ANC chegou mesmo a um compromisso com o presidente sul-africano sobre a questão. Para os milhares de exilados do país, o sucesso das intenções de Mandela e de De Klerk para acabar com o clima de «violência e intimidação» é um factor que decidirá em breve o seu regresso à África do Sul.

Em Julho, Mandela vai a

Londres conversar com a primeira-ministra britânica, Margaret Thatcher, que cada vez está mais determinada a convencer o Ocidente a levantar as sanções contra a África do Sul.

De Klerk hoje com Mitterrand

Em paralelo com o périplo africano de Mandela, decorre a digressão de 18 dias do presidente sul-africano por nove países da Europa ociden-

tal, entre os quais, na segunda e terça-feira, se inclui Portugal. Hoje, Frederik De Klerk será recebido pelo seu homólogo francês, François Mitterrand, no primeiro encontro histórico entre chefes de Estado dos dois países.

De Klerk que, numa escala de reabastecimento de combustível no seu voo para a Europa, se encontrou ontem de manhã com o presidente da Costa do Marfim, Houphouët-Boigny, vai ainda conversar com o primeiro-ministro francês, Michel Rocard, antes de seguir sexta-feira para Atenas, segunda etapa da sua digressão europeia. Portugal, entretanto, está a postos para receber De Klerk e o presidente do Governo regional da Madeira, Alberto João Jardim, já garantiu um encontro privado com o presidente sul-africano.

Foi, aliás, segundo informou o Governo português, o próprio De Klerk a mostrar-se interessado em encontrar-se com o presidente da região portuguesa mais representativa na África do Sul.

Redacção «DL»/AFP/Lusa

China liberta 211 presos ligados a Tiananmen

A China anunciou que tinha libertado 211 pessoas, incluindo destacados dissidentes, detidos por implicação nos protestos pró-democráticos do ano passado, que terminaram com uma acção militar na praça Tiananmen. A agência noticiosa «Nova China» disse que os presos tinham sido tratados de modo «brando» e que foram libertados no final das investigações. Mas avisou que seriam punidos severamente caso continuassem a fazer «mal».

Bona reclama da RDA um pacto de reformas

O chanceler Kohl preveniu hoje a RDA que Bona não aceitará a unidade monetária sem um acordo prévio sobre reformas drásticas na economia comunista. Kohl, num discurso dirigido ao Parlamento, disse esperar que a união monetária (que levará o marco da RFA à RDA) ocorra na data prevista: 2 de Julho.

Primeira-ministra da Lituânia reúne-se hoje com Mitterrand

A primeira-ministra lituana, Kazimiera Prunskiene, é recebida hoje, em Paris, pelo Presidente francês, com quem deverá discutir o apelo que este fez a Lituânia para entrar em negociações com Moscovo. Prunskiene, que na semana passada esteve em Washington, está a fazer uma digressão por países ocidentais, para pedir apoio à independência da Lituânia.

Seul promete esmagar protestos de rua

A polícia sul-coreana prometeu hoje esmagar uma onda de protestos violentos no país, mas estudantes e dissidentes avisaram que uma nova campanha antigovernamental tinha apenas começado. Os protestos continuaram a noite passada, envolvendo mais de 100 mil pessoas e há notícias de que teriam sido detidas 2.000 e ficado cerca de uma centena.

Cuba diz-se preparada para guerra com EUA

O vice-presidente cubano, Carlos Rafael Rodríguez, disse que o seu país está preparado para «uma vasta guerra» com os EUA. No entanto, convidou Washington a trabalhar com Havana para o estabelecimento de «relações de boa vizinhança, baseadas no respeito mútuo».

Luanda reconhece tomada de Mavinga pela Unita

Um tanto paradoxalmente o ministério da Defesa angolano anunciou ontem que Mavinga deixou de representar um objectivo estratégico, como justificação do abandono pelas FAPLA daquela localidade, considerada uma zona tampão para o acesso à Jamba.

Estas declarações vêm na sequência da reivindicação por parte da Unita de que teria retomado aquela localidade, na segunda-feira, com a captura de dezenas de blindados e prisioneiros.

Algo de facto não bate certo nestas duas informações. Por um lado, é estranho que depois do imenso esforço militar empregue na frente de Mavinga por parte das FAPLA, o ministério da Defesa em Luanda venha agora dizer que Mavinga deixou de representar um objectivo militar. Recorde-se que, no

início das operações, a 22 de Dezembro, a ofensiva das FAPLA tinha sido qualificada de «Último Assalto» e foi considerada a maior mobilização de sempre de efectivos e de meios militares contra a UNITA. Esta, por sua vez, recusou-se sempre a reconhecer a ocupação daquele território, alegando que as suas forças tinham conseguido travar a ofensiva às portas de Mavinga, a cerca de 10 quilómetros. Não se percebe, pois, como é que os rebeldes vêm agora reivindicar a «retomada» daquela localidade.

Este facto coincide ainda com a nomeação, segunda-feira, O Chefe de Estado-Maior das FAPLA, António dos Santos França «N'Dalu», para o comando da frente Cuanza-Bengo, fronteira à província de Luanda, onde a Unita tem vindo a intensificar as suas operações

nas últimas semanas, deixando deste modo o comando das operações na frente militar Sul. Curiosamente, a Unita decide facilitar as operações de retirada das FAPLA. «Consultadas as instâncias militares da Unita, ordenou-se que, a partir de agora, as forças do MPLA-PT no eixo de Chaminga/Kuito e no eixo Mukundi/Kaiundo terão livre movimento de recuo sem nenhum ataque da parte da Unita», pode-se ler num comunicado divulgado ontem pelos rebeldes, assinado pelo próprio Jonas Savimbi. No comunicado, o líder da Unita propõe ainda um encontro urgente com o Presidente Eduardo dos Santos, com vista a concluir-se rapidamente um cessar-fogo. Terão estas coincidências a ver com o encontro de Évora?

Carlos Camponez

Irão e EUA resolvem contencioso financeiro

Os EUA e o Irão chegaram ontem a acordo para regularizar mais de três mil diferenças financeiras que remontam ao tempo da detenção de reféns norte-americanos em Teerão, durante a revolução islâmica de 1979. O acordo, negociado no tribunal de Haia, comporta dois mil e 370 créditos norte-americanos e 108 iranianos. Os EUA deverão recuperar 105 milhões de dólares e o Irão 400 mil.

O representante iraniano junto do Tribunal de Haia, Ali Nobari, garantiu ontem à Rádio Teerão que nada do que agora foi acordado tem a ver com a última libertação de reféns norte-americanos no Líbano, em Abril.

Já no passado dia 3, após a libertação do refém Frank Reed, o presidente George Bush declarou que ficaria «suficientemente encantado» se os iranianos consideras-

sem tais progressos nas negociações sobre o contencioso financeiro como um gesto de boa vontade por parte dos EUA. Num dos documentos firmados entre os dois países, os EUA comprometeram-se a renunciar a duas mil e 784 reclamações apresentadas no tribunal contra o Irão. Em paga dessa renúncia, as autoridades iranianas entregarão a Washington 40 milhões de dólares. Nos termos de um

segundo acordo, o Irão pagará aos EUA 60 milhões de dólares para regularização de reclamações não especificadas.

O tribunal que trata do contencioso financeiro Irão-EUA foi criado em 1981 e tem sido desde então o único fórum de contactos oficiais entre os dois países, que cortaram relações diplomáticas em 1980.

AFP

DECRETOS E LEIS

Encontram-se já à venda:

- DETERMINAÇÃO DA MATÉRIA COLECTÁVEL DO IRC — 3.ª edição
Henrique Quintino Ferreira
- ELEMENTOS DE CONTABILIDADE GERAL — 9.ª edição
António Borges, Azevedo Rodrigues e Rogério Rodrigues
- O NOVO POC COMENTADO — 2.ª edição
António Borges e Martins Ferrão
- ESTATUTO DOS BENEFÍCIOS FISCAIS — NOTAS EXPLICATIVAS — 2.ª edição
Maria Teresa Barbot Veiga Faria
- CÓDIGO DO IRS — ANOTADO E COMENTADO
Herculano Curvelo, Ramos Costa, Vasco Guimarães e Gaspar Encarnação
- POC EXPLICADO — 20.ª edição
José Bento e João Fernandes Machado
Além destes títulos temos todos os livros sobre IMPOSTOS E DIREITO de todos os autores e de todos os editores.

REI DOS LIVROS

Rua dos Fanqueiros, 77/79, 1100 Lisboa
Telef. 879755 e 879188

INTERNACIONAL

Aproveitando as festividades do aniversário do fim da II Guerra Mundial

Russófonos da Letónia protestam contra independência

Vinte e cinco mil pessoas, na sua grande maioria de expressão russa, condenaram ontem em Riga, a capital da Letónia, a declaração de independência anunciada na passada sexta-feira pelo Parlamento local, durante as festividades do 45º aniversário do fim da II Guerra Mundial.

Em Vilna, capital da vizinha Lituânia, desenrolou-se sem incidentes graves uma parada militar alusiva, sob a estreita vigilância de paraquedistas soviéticos dispostos ao longo de todo o percurso. Mesmo assim, houve uma certa tensão no desfile, quando jovens lituanos classificaram aos gritos os militares de «ocupantes».

Em Riga, as forças da ordem tomaram igualmente rígidas medidas de segurança durante o desfile militar, proibindo ao público o acesso directo às cerimónias,

enquanto helicópteros sobrevoavam de vez em quando a cidade.

Ninguém teve acesso ao centro das festividades para além de um punhado de veteranos do Exército Vermelho carregados de medalhas e alguns parentes de militares. Questionados pelo correspondente da Agência France Presse sobre a evolução política actual na Letónia, os cidadãos presentes retraiam-se e esquivavam-se em evasivas.

Mas, de um modo geral, mostraram-se optimistas e convencidos de que uma solução será brevemente encontrada para solucionar o problema da declaração de independência pelo Parlamento letão, no passado dia 4.

Janis Berzins é letão. Membro do Partido Comunista da Letónia, concentra todas as suas esper-

anças em Anatoli Gorbounov, o chefe de Estado. Berzins revela ainda um optimismo sereno relativamente à situação chegando a acreditar que não ocorrerão confrontos entre letãos e russófonos, que são aproximadamente em igual número naquela república (53 por cento de letões, 33 por cento de russos, 4,5 de bielorrussos e 4 por cento de polacos).

O tempo a mediar até à independência não é um factor determinante para Berzins: «dois anos, três anos, pouco importa», adianta. Este cidadão explica a sua presença nas cerimónias pelo facto de as tropas soviéticas terem, durante o nazismo, «salvado os letões da extinção pura e simples».

No fim do desfile militar, quando paraquedistas e milicianos abandonaram a multidão que esperava pacientemente nas ruas vizinhas, milhares de russófonos atravessaram a ponte sobre o rio local, o Daugava, e juntaram-se na praça da Vitória.

O ajuntamento manifestou-se com veemência contra os dirigentes da república. Pancartas vermelhas e emblemas da Letónia soviética flutuavam no meio do aglomerado, que assistiu, durante mais de uma hora e sob um sol abrasador, aos discursos de dezenas de oradores que condenavam a proclamação da independência.

Uma tabuleta escrevia as-



Soldados soviéticos preparando-se para a parada militar que ontem se realizou em Vilna, capital da Lituânia

sim: Apoiamos qualquer dirigente que mantenha a ordem no país». Uma outra pedia perdão aos soldados mortos durante a II Guerra na Letónia: «somos culpados da vossa infelicidade, porque agora repousam no solo de um Estado estrangeiro».

Alfreds Rubiks, primeiro-secretário da facção do PC letão que permanece fiel a Moscovo, acusou, sob fervorosos aplausos, os independentistas de pretenderem restaurar «a república

burguesa da Letónia» que, entre as duas guerras, «procurou instaurar o desemprego para cidadãos de segunda categoria, como os turcos na RFA». Por seu turno, um oficial da região militar do Báltico condenou «os ataques grosseiros contra o exército» e qualificou a declaração de 4 de Maio como uma «farsa política».

A manifestação terminou com a adopção unânime de uma petição ao Parlamento letão, no sentido daquele

órgão «anular a declaração de 4 de Maio equivalente, segundo o texto então lido aos manifestantes, a um «golpe de Estado».

O documento reclama também um referendo sobre a independência da Letónia e pede a Gorbachev que tome medidas drásticas para assegurar a aplicação das leis soviéticas na república.

Pierre Glachant,
enviado especial da AFP

Moscovo insiste

Alemanha unificada deve ser «neutra»

O marechal Dmitri Iazov, ministro soviético da Defesa, reafirmou a oposição da URSS em que a Alemanha unificada passe a pertencer à NATO, afirmando também que os países bálticos foram anexados à União Soviética «por vontade» dos povos locais.

Numa entrevista emitida pela televisão, pouco depois do desfile militar, realizado ontem na Praça Vermelha, em comemoração do 45º aniversário da vitória sobre a Alemanha nazi, o marechal Iazov declarou que a União Soviética «apoia a unificação alemã», mas pretende que ela se torne «neutra» e que, em caso algum, pertença à NATO.

«A nossa posição é que a Alemanha deve ser neutra e que é preciso concluir um tratado para pôr um ponto final na segunda Guerra Mundial», definindo-se, por exemplo, «o número de soldados e quantidade de material» estacionado na Alemanha, declarou o marechal.

«Se a RDA ingressar na NATO, isso vai naturalmente reforçar a Aliança Atlântica», disse o ministro da Defesa, acrescentando que «a NATO foi criada contra o Pacto de Varsóvia, contra o povo soviético».

«Nenhum perigo ameaça o nosso Estado, e a União Soviética possui arsenais estratégicos suficientes», indicou Iazov.

A crise báltica

Por outro lado, o marechal referiu-se à crise báltica, que constituiu uma das maiores preocupações, manifestadas pelos veteranos soviéticos, durante as reuniões comemorativas da vitória.

«O facto é que as tropas soviéticas foram instaladas em 1939 nos países bálticos, e estes incorporaram-se na União Soviética por vontade dos respectivos povos», declarou o marechal Iazov.

Os três Estados bálticos - Estónia, Letónia e Lituânia - foram anexados à União Soviética em Julho de 1940 por voto dos Parlamentos locais, na presença do Exército Vermelho, que instalou bases no Báltico, mercê do pacto germano-soviético, assinado em Agosto de 1939.

«Hoje, quando os nacionalistas, os extremistas - e tais forças existem nos países bálticos - começam a dizer que ocupámos os países bálticos, isso não corresponde à verdade», afirmou o marechal.

«Numerosos bálticos combateram ao lado dos alemães. E quando os países bálticos foram libertados (em 1944), perderam-se 257.000 homens», precisou o marechal Iazov. «Hoje tenta-se fazer passar por heróis os que combateram nas fileiras alemãs, pretende-se erguer-lhes monumentos, reabilitá-los, mas a história encarregar-se-á de os colocar no lugar que merecem», concluiu o ministro, recentemente promovido a marechal.

Redacção «DL»/AFP

Veteranos recusam reformas à custa do Exército soviético

Como milhares de outros veteranos da «Grande Guerra Patriótica», Fedor Erastov foi ao Parque Gorki, em Moscovo, na quarta-feira passada, 8 de Maio, pouco depois do final da parada militar organizada na Praça Vermelha para celebrar o 45º aniversário da vitória sobre a Alemanha nazi.

Ele está de acordo com a *perestroika*, «desde que não leve à desordem generalizada». Mas não quer que seja o Exército a aguentar com os custos das reformas.

«Eu libertei Belgrado e Kharkov, salvámos a Roménia, a Polónia e a Checoslováquia dos nazis. Estou de acordo com as reformas, mas é preciso que o Exército soviético continue como um verdadeiro Exército, com o respeito devido aos militares e à nobre tarefa que lhes está incumbida».

Reunidos como todos os anos no maior parque da capital soviética, os antigos heróis da Segunda Guerra

Mundial, vindos o pouco de todo o país, trocas lembranças e números de telefone, exibem cartazes cobertos de fotografias da juventude, no meio de milhares de moscovitas que fazem bicha para a Roda Gigante ou para a barraca das salsichas. Num estrado, um militar reformado anuncia ao microfone os números dos regimentos e batalhões inscritos em pequenos pedaços de papel.

Mulheres e homens carregados de medalhas e condecorações obtidas em Estalinegrado, Koursk ou durante o cerco de Leninegrado, frequentemente a coxear ou apoiados em bengalas, passeiam de um lado para o outro.

Aos 69 anos, Maxim Ivanovich foi condecorado três vezes com a ordem da Estrela Vermelha (distinção suprema), devido à guerra patriótica, em que recebeu a medalha da coragem e do mérito em combate. Graças ao seu estatuto de inválido militar, ele vive num apar-

tamento decente mas recebe apenas 142 rublos de pensão (o salário médio na URSS é de 240 rublos).

«Lambada» no parque

No entanto, nenhum destes antigos combatentes critica abertamente a situação política actual ou a crise económica que os atinge em cheio. «Dão-me 135 rublos e chego mesmo a ajudar financeiramente o meu filho», assegura um homem que veio da Mordóvia (região da Rússia a 400 quilómetros de Moscovo), para reencontrar os veteranos da sua unidade.

Enquanto os altifalantes difundem a «Lambada», esta toada latino-americana que ecoa nos mais pequenos recantos da União Soviética, Anastásia Bagdanova, de 69 anos, que estava «na defesa anti-aérea durante a batalha de Moscovo», reconhece que a sua vida é dura mas tem «esperanças que as coisas melhorem», graças à *perestroika*. «As altas de preços?

Espero que elas venham acompanhadas de uma subida das nossas pensões».

Estaline? Os veteranos não falam dele facilmente. «Fizemos a guerra e não é como em tempo de paz. Vivíamos em circunstâncias excepcionais», afirmam.

A maior parte destes antigos heróis apoiam a *perestroika*. «É duro, e vai ser mais ainda nos próximos meses, mas não faz mal. Talvez a *perestroika* finalmente ensine a trabalhar às pessoas», murmura Vladimir Prokaiev, tenente-coronel reformado.

Uma só põe reservas à sua aparente adesão à «reestruturação» lançada por Mikhail Gorbachev: «É claro que é preciso reorganizar o Exército. Mas, sobretudo, é preciso apoiá-lo para que continue a existir ordem no país. O Exército é hoje mais indispensável do que nunca», acrescenta o velho soldado.

Redacção «DL»/
Paola Messario - AFP

QUOTIDIANO

Poluição marítima alastra aos Açores

Começou a limpeza do crude derramado na costa alentejana e o Governo vai finalmente accionar centros de combate a estes acidentes ecológicos

Caixas misteriosas com produtos tóxicos dão à costa em Ponta Delgada, o crude volta a poluir as praias alentejanas, a partir de Sines, e o Governo vai finalmente fazer accionar centros de combate ao derrame de petróleo das águas nacionais. A poluição marítima continua na ordem do dia.

Com efeito, pequenas embalagens plásticas contendo produtos tóxicos foram encontrados ontem, no mar, junto à costa nordeste da Ilha de São Miguel, revelaram as autoridades sanitárias. Os produtos, cuja origem e composição química estão a ser estudados, provocaram a morte de alguns peixes na zona.

Autoridades sanitárias e policiais estão a colaborar para a resolução do problema,

tendo já sido feito um apelo à população para manter cuidados especiais na recolha de eventuais novas embalagens que dêem à costa.

A maior concentração de crude derramado, sábado, pelo petroleiro cipriota «Theogenitor» encontra-se a duas ou três milhas náuticas ao largo da lagoa de Santo André, disse à Lusa uma fonte da Força Aérea.

Um informador do gabinete do Chefe do Estado-Maior da Força Aérea referiu que um avioacar da FAP referenciou uma mancha de crude compacta, com duas a cinco milhas de extensão, seguindo na direcção norte-sul.

Esta informação coincide com o anúncio do início dos trabalhos de limpeza do crude que atingiu as praias de Santo André e Melides, previstos

para hoje. Simultaneamente, a remoção de crude das águas do interior do porto de Sines deverá terminar ainda hoje, tendo até ao momento sido retiradas cerca de 90 toneladas do produto do local.

Enquanto isto, o presidente da Junta de Freguesia de Vila Nova de Milfontes - que o ano passado perdeu 25 por cento das receitas turísticas devido a um outro acidente ecológico - referiu que o derrame de crude, em Sines, não afectou as praias da região. José Gabriel Lourenço disse, no entanto, estar «preocupado com os frequentes casos de poluição de petróleo» que estão a suceder na costa alentejana.

«Pelo conhecimento que tenho, a Câmara de Sines gastou cerca de 15 mil contos em publicidade para repor a

imagem da região e agora está outra vez sob o efeito de uma descarga poluente», sublinhou o autarca, acrescentando que «se está a destruir aos bocados o ambiente e o turismo de toda uma região».

Em Lisboa, uma fonte do gabinete do ministro do Ambiente disse que dois centros de intervenção rápida em casos de derrames petrolíferos no Atlântico-Oeste deverão ser instalados, até ao Verão, em Sines e nos Açores. As duas unidades, com a finalidade de «combater e proteger» eventuais manchas de crude, deverão ser equipadas com um sistema de teledetecção de modo a permitirem uma actuação rápida em caso de acidentes do género, acrescentou a mesma fonte.

B R E V E S

Maquinistas da CP preparam greve total

Uma das propostas a analisar na Assembleia Geral do Sindicato dos Maquinistas da CP, agendada para dia 19, em Lisboa, inclui a possibilidade do recurso à greve total, disse hoje, ao DL, uma fonte próxima da direcção daquela organização sindical. Hoje, regista-se o último dia do período de greve parcial encetado pelo Sindicato dos Maquinistas há dez dias.

Comin integra a Grafidéc

A «Comin», abreviatura de «Comunicação Internacional», designa uma nova rede de agências de publicidade independentes, uma por cada um dos nove países que a compõem e que integra, como representante português, a Grafidéc, uma das agências independentes melhor classificadas no 'ranking' nacional. A «Comin» tem sede em Basileia, Suíça, coordena os interesses dos seus nove membros e pretende favorecer o intercâmbio entre os associados, bem como dinamizar uma comum expansão para negócios internacionais. Programa, também, novas hipóteses de serviço europeu aos seus membros e garante aos clientes de cada agência independente a possibilidade de estabelecerem mais fáceis ligações internacionais.

Câmara de Lisboa propõe indemnização de inquilinos

A vereação lisboeta aprovou ontem uma proposta que obriga os proprietários de prédios habitados que tenham ruído por falta de realização de obras, devidamente intimados para o efeito, sejam obrigados a indemnizar os inquilinos.

Com o apoio do Instituto Nacional de Habitação

Jovens arquitectos lançam iniciativas

João Correia apresenta-se. A ele, como o mais alto dignitário, e à organização a que agora preside: a Associação Nacional dos Jovens Arquitectos, legalmente constituída em Setembro passado e cujos objectivos foram anunciados ontem, no primeiro encontro informal com jornalistas.

Em síntese, a principal preocupação da nova associação prende-se com factores tão «comezinhos» como as saídas profissionais dos técnicos de arquitectura. Contam, desde logo, com o apoio «im-

prescindível» do Instituto Nacional de Habitação (Nunes de Carvalho, presidente do INH esteve presente) e de vários organismos públicos e privados, cujos protocolos se revestem de vital importância para o escoamento de profissionais no mercado de trabalho.

Mas outros propósitos, não menos louváveis, constituem «ponto de honra» da nova associação. Desde logo, «uma certa moralização da profissão», um intercâmbio com os países de Leste e os países

africanos de língua oficial portuguesa e, claro, «uma nova dinâmica arquitectónica».

Para este ano, ideias não faltam. Entre elas, o lançamento de uma revista para divulgação das actividades desenvolvidas, um primeiro congresso dos jovens arquitectos e uma espécie de «Valmorzinho» anualmente atribuído à mais perfeita concepção/projecto arquitectónico.

E. T.

CÂMARA MUNICIPAL DE SINES

Carta Aberta ao Sr. Primeiro-Ministro de Portugal

Como é do conhecimento público e de V. Ex.ª no passado 5 de Maio à tarde ocorreu um novo derrame de crude e/ou de água de lastro, cujas causas foram atribuídas a erro técnico, isto é, mais outro erro humano que num porto como Sines são inadmissíveis.

Tem V. Ex.ª conhecimento também que Sines constitui o porto industrial mais importante do n/ País, em termos estratégicos, pelas quantidades e especificidades dos produtos que opera.

Também V. Ex.ª conhece as conclusões do exercício Nacional que o Serviço Nacional de Protecção Civil realizou em Sines, no porto de Sines, em Junho de 1989.

Além disso V. Ex.ª foi conhecedor em 14 de Julho de 1989 do acidente do Navio-Tanque Marão e das resoluções da Câmara Municipal de Sines sobre o assunto. Conhece também que o litoral alentejano constitui uma riqueza natural rara no conjunto das zonas costeiras da Europa, até porque assinou um Decreto-Lei declarando uma parte significativo desta nossa Costa Litoral como área de paisagem protegida. Sabe ainda V. Ex.ª da importância que as Comunidades Europeias atribuem à defesa do meio ambiente, à preservação das riquezas naturais, à segurança e à protecção das populações.

Tudo isto para lhe dizer Sr. Primeiro-Ministro que continuamos à espera que assumas as responsabilidades que são inerentes ao cargo que desempenha, com a legitimidade do voto popular que o elegeu.

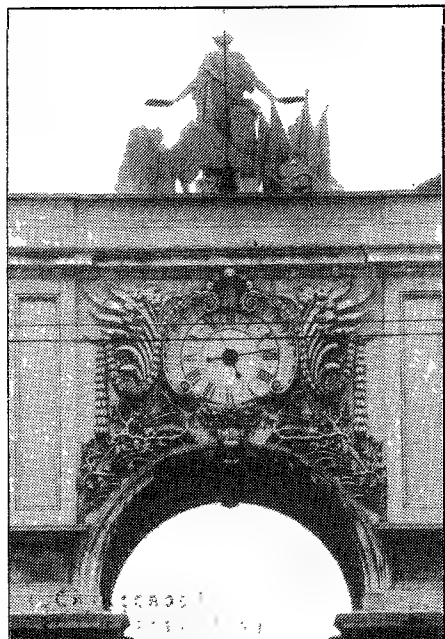
Tudo isto para lhe dizer que a população de Sines está farta de gente a todos os níveis que «brinca» com a sua segurança e com o seu futuro.

Sem ameaças, Sr. Primeiro-Ministro, aliás quem somos nós para tal, é tempo de perder algum tempo com estes problemas que são de Sines, mas são também do Alentejo e de Portugal e das Comunidades Europeias. O que os sinesenses e os alentejanos do litoral fizeram aqui para a frente a responsabilidade é só sua.

Com os melhores cumprimentos
O PRESIDENTE DA CÂMARA

Francisco Maria Pereira do Ó Pacheco

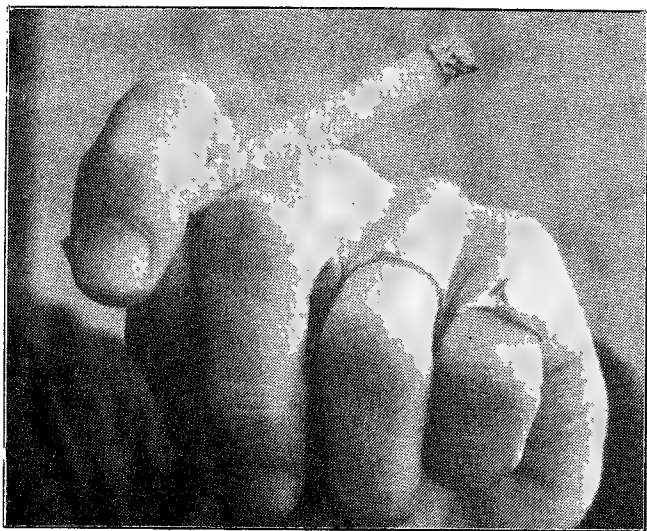
Aprovado em reunião
de Câmara 90.05.09



Este relógio vai finalmente trabalhar

Relógio da R. Augusta vai voltar a trabalhar

Dentro de um mês, na altura das Festas da Cidade, os ponteiros do relógio do Arco da Rua Augusta vão de novo andar. O mecanismo secular acertará o passo e os lisboetas frequentadores daquelas paragens da Baixa Pombalina terão finalmente horas certas sem ter de perguntar a quem passa. A decisão de afinar o relógio partiu do vereador Rui Godinho que mobilizou uma brigada de técnicos da Direcção Municipal de Serviços Mecânicos e Eléctricos para o efeito. Os trabalhos têm decorrido a ritmo lento visto que se trata de «uma tarefa meticulosa». Desde meados de Março que os técnicos municipais trabalham sob a orientação do IPPC que tem a jurisdição sobre aquele monumento. Mas, o acertar dos ponteiros dos relógios da capital não se fica por aqui já que o da Rotunda do Aeroporto vai também voltar a trabalhar. «Abecasis andou sempre atrasado, agora vamos acertar as horas com o futuro», comentou Rui Godinho. Recorde-se que, anteontem, no DL, o nosso articulista José Gama Vieira já havia chamado a atenção para aquele relógio parado há anos e para a «multidão solitária que passa e não lhe liga».



Já não se discutem os malefícios do tabaco. A questão agora é de saber se a indústria tabaqueira tem ou não o direito de comunicar com os seus consumidores

Neste Maio, mês do coração, os ânimos estão acirrados. A Tabaqueira pregou uma partida e lançou uma campanha publicitária em que apela ao poder de decisão do consumidor. Macário Correia não gostou e está pronto para entrar numa longa disputa com a empresa pública que dá, por ano, cerca de 60 milhões de contos ao Estado

A guerra do fumo

O tabaco mata cerca de 6 mil pessoas por ano em Portugal. Criar uma geração de não fumadores é o objectivo das várias instituições de prevenção do tabagismo.

Este ano os antitabagistas avararam uma importante vitória ao conseguirem a aprovação de diversas directivas comunitárias que proibem quase totalmente a publicidade a todos os produtos derivados do tabaco.

No entanto, esta vitória foi contrariada por uma arrojada campanha da Tabaqueira, uma das mais lucrativas empresas do Estado. A iniciativa agudizou o mal-estar já latente nas relações entre esta empresa pública e as instituições de prevenção ao tabagismo dependentes do Governo.

«Somos adultos. Informem-nos e deixem-nos decidir», rezava o primeiro anúncio, que Macário Correia, secretário de Estado do Ambiente, considera «insultuoso».

Em causa estão as limitações à publicidade ao tabaco, que, a partir de 1992, passarão a vigorar em toda a Europa. «Censura», dizem os publicitários. «Proteger os jovens do enorme poder da publicidade», responde o Governo.

A primeira contestação pública a esta legislação surgiu há cerca de dois meses, quando a agência de publicidade RSCG fez publicar em diversas revistas um anúncio onde se podia ler a palavra «proibido» em várias línguas europeias e, em baixo, se dizia: «A harmonização europeia está em marcha».

Depois, veio o tal anúncio da Tabaqueira, seguido da irritação do Conselho de Prevenção do Tabagismo (CPT). Num comunicado, desta instituição dependente da Secretaria de Estado do Ambiente e da Defesa do Consumidor, a Tabaqueira era acusada de deslealdade para com o Governo e o Estado.

O texto afirmava que a empresa lançara uma campanha que, «cuidadosamente delineada para escorregar através das malhas da lei, mais não representa que um acto de desespero do cartel do tabaco». O CPT apelava ao Governo para que «actue, com coerência e em consonância com as políticas de prevenção do tabagismo que tem defendido a nível nacional e internacional, junto de uma empresa pública nacionalizada que é suposto seguir as políticas governamentais».

Macário Correia reage

A reacção do Executivo não se fez

esperar. Macário Correia contactou o Ministério das Finanças, que exerce a tutela sobre a Tabaqueira, para que fossem tomadas medidas contra a investida publicitária do «cartel do tabaco».

Nada foi feito e por isso o secretário de Estado do Ambiente resolveu tomar esta luta como sua. «Admito que a Tabaqueira tenha, com este anúncio, aberto uma guerra em que eu não me recuso a entrar», disse ao DL este membro do Governo.

O segundo anúncio da campanha, apesar de ser mais brando, acabou por representar a gota que fez extravasar o copo. Nele se defende que «é de pequenas coisas que nascem grandes prazeres». «Não queremos excessos», garante a Tabaqueira no mesmo texto publicitário.

Para Macário Correia, a Tabaqueira pretende, com esta política, aumentar as suas vendas, o que é contrário aos objectivos do Governo. «Eles querem agarrar-se a uma tábua de salvação», afirma ainda, acrescentando: «teoricamente, a administração da Tabaqueira deveria funcionar como uma comissão liquidatária, pois esta é uma empresa historicamente condenada».

O polémico secretário de Estado vai mais longe, admitindo, embora num futuro longínquo, e como

hipótese teórica, a ilegalização do tabaco. Quanto ao anúncio que causou tanto mal-estar, Macário encarregou já vários juristas de estudar a sua legalidade. Antes da conclusão deste estudo, sempre vai adiantando que se a campanha for considerada legal, moral não o é de certeza.

Milhares de mortes

Paulo Enes, o criativo de toda a campanha publicitária da Tabaqueira, acusa o Estado de ser hipócrita pois «quer fechar a boca à Tabaqueira mas não dispensa os seus lucros». É que só daquela empresa entram, por ano, cerca de 60 milhões de contos em impostos para os cofres do Estado.

É muito dinheiro e os interesses em jogo são notoriamente elevados. Macário Correia não se importa, defende a privatização total daquela empresa, indo ao encontro da política de privatização do Governo. «A Tabaqueira é responsável por milhares de mortes por ano e é assim que deve ser vista e por isto deve ser responsabilizada», defende.

Na polémica gerada, a Tabaqueira escolheu o silêncio. Para evitar a «excessiva politização desta questão», Manuel Lamas, do gabinete de relações públicas da empresa, afirma que «a campanha lançada não tem nada para além ou por baixo dos seus objectivos, ela visava duas questões: a convicção de que é urgente mudar de um clima de confrontação para um clima de pedagogia e a de alertar para a moderação no consumo de todos os produtos».

Conclui: «os anúncios esgotaram as suas mensagens».

Paulo Enes, da RSCG, vai mais longe, defendendo que qualquer dos anúncios poderia ser assinado por qualquer instituição antitabágica. «O que não faz sentido é que se limite a capacidade de comunicar a um produto que é de venda livre», sustenta.

Para esta jovem publicitário, os argumentos utilizados na

**SOMOS ADULTOS.
INFORMEM-NOS
E
DEIXEM-NOS
DECIDIR**

Se você entende que deve ser proibido proibir, faça-o saber. Sob a invocação do interesse de todos, protegem-se especialmente alguns. Queremos igualdade na liberdade?

A ESCOLHA É SUA
TABQUEIRA

O anúncio que a Tabaqueira lançou em Abril causou mal-estar no Governo e tornou evidente a pouca clareza da política do Estado em relação ao tabaco

defesa da limitação da publicidade ao tabaco são falaciosos. Segundo o Governo, a publicidade estimula o consumo, mas na perspectiva daquele criativo a publicidade faz crescer a venda de uma marca em detrimento da de outra, não produzindo alterações nos níveis de consumo.

Ela dirige-se, assim, aos consumidores e não aos não fumadores. Macário Correia encara esta defesa como «argumentos cretinos dos lobbies tabágicos» pois, da mesma maneira que a publicidade às armas está proibida, também o princípio devia ser aplicado ao tabaco, pois ele «meta entre 15 a 20 pessoas por dia».

A luta contra o tabaco não é uma das principais prioridades para os portugueses nem o deve ser para o Estado, indica um estudo da Tabaqueira. O médico Fernando Pádua, conhecido militante antitabágico, confirma-o. A Sida, o álcool ou a droga são questões mais importantes, garante.

Macário Correia acha que não e responde que a luta contra o tabaco deve ser articulada com a prevenção em relação a essas questões pois ela é uma prioridade para o «cívismo, a saúde e os direitos dos cidadãos».

Directivas comunitárias não alteram nada

As novas directivas comunitárias não restringem as limitações à publicidade, abrangendo também a área da rotulagem dos maços de tabaco e o estabelecimento de zonas e locais destinados apenas a não fumadores.

No entanto, e a este nível, a posição das partes intervenientes é consensual: as directivas não trazem nada de novo à nossa legislação, vêm

mesmo ao seu encontro. A excepção diz, mais uma vez, respeito ao direito à comunicação. Com as novas restrições à publicidade do tabaco, o satélite deixará de ser uma forma das marcas estrangeiras se infiltrarem em Portugal.

A Tabaqueira vai perder o quase monopólio que detém da indústria do tabaco em Portugal. Novas empresas, sobretudo americanas, vão esbalecer-se, e ao nível da comunicação terão menos dificuldades em chegar ao público. A concorrência poderá assim «matar» a Tabaqueira sem que isso signifique uma quebra de vendas de tabaco, mas sim uma quebra de lucros do Estado.

Fernando Pádua, da Fundação de Cardiologia, também não achou graça nenhuma ao anúncio da Tabaqueira. No entanto, as suas principais acusações visam o Estado. Este é acusado, pelo médico, de desdobraimento de personalidade: o dinheiro que ganha com a Tabaqueira vai gastá-lo nos hospitais, com o tratamento de quem fuma.

«Ao mesmo tempo que o Estado limita a publicidade ao tabaco, posição com a qual eu concordo, apoia a cultura de tabaco» afirma este cardiologista.

Fernando Pádua, que, segundo nos confidenciou, fumou durante 15 anos, afirma ainda que é necessário ajudar os fumadores «e não activar a luta entre fumadores e não fumadores». Sublinha: «não devemos ajudar ao fosso que se cava entre uns e outros». Macário Correia não assume uma posição tão tolerante e considera que «esse fosso é salutar».

Daniel Oliveira



Macário Correia, secretário de Estado do Ambiente: «A Tabaqueira é responsável por milhares de mortes por ano e é assim que deve ser vista»

QUOTIDIANO

Graças à informatização, o cidadão poderá, num futuro próximo, sentir-se em casa, ou no escritório, como num local que, até agora, estava reservado ao domínio da ficção científica

Portugal lidera investigação sobre «edifícios inteligentes»

O conceito de edifício inteligente «baseia-se na ideia de dotar determinados edifícios de facilidades, conseguidas através da informática, que permitam aos seus utilizadores tirar dele o maior rendimento», referiu ao DL o professor universitário Carlos Alberto Sêro, responsável por este projecto de investigação. O projecto está a ser desenvolvido no INESC (Instituto de Engenharia de Sistemas e Computadores), desde finais de 1987.

A ideia é inédita em Portugal e, no resto do mundo, embora existam já alguns edifícios qualificados de «inteligentes» (o da NTT em Tóquio, o maior operador telefónico do Japão; o do Ministério das Finanças de França, em La Villette, na cidade das Ciências e Indústria; o do World Trade Center, em Nova Iorque; o do Banco de Xangai e Hong-Kong, situado nesta última cidade; o do City Place em Hartford, Connecticut, nos EUA, que é considerado pioneiro neste tipo de edifícios), «eles têm muito pouco de inteligente porque não conseguem a integração total de serviços. Aquilo que estamos a fazer coloca-nos na vanguarda da investigação», sustenta Carlos Sêro.

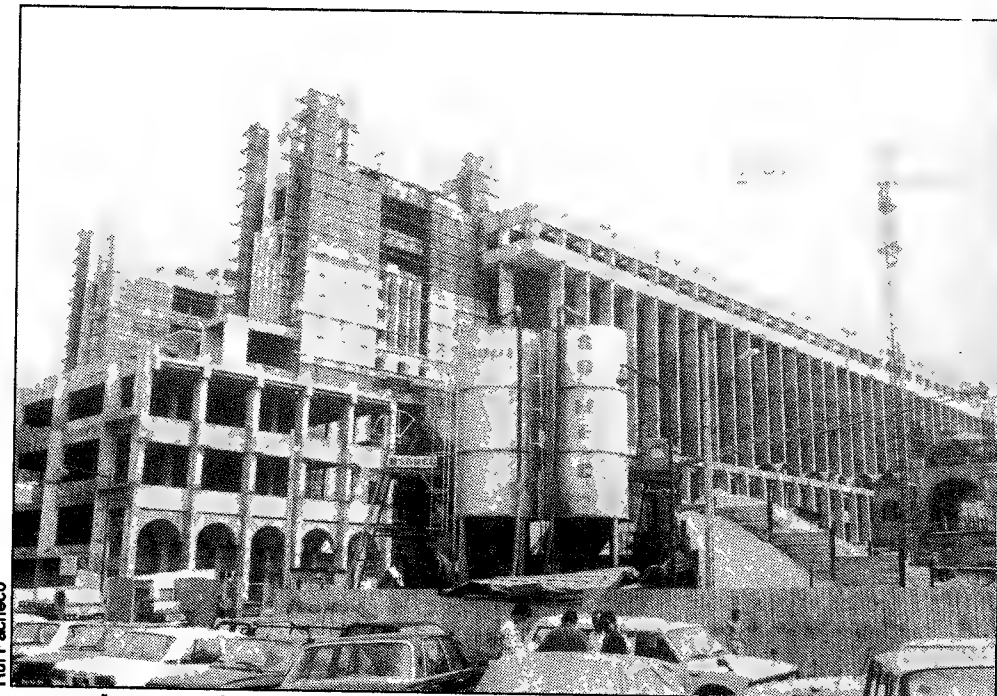
Refira-se, no entanto, que em termos de sistemas parcelares, há alguns bastantes mais desenvolvidos; os fabricantes vão muito mais fundo em aspectos específicos dos seus produtos, como é o caso dos aparelhos de climatização.

A ideia de integração é o

conceito fundamental deste projecto e constitui a finalidade de toda a investigação, ou seja, conseguir que os serviços escolhidos para funcionarem no edifício interajam entre si. Por exemplo, faz muito mais sentido e é muito mais racional, o trabalho em interacção de um serviço de telepono, de porteiro automático e de controlo de acessos, do que o seu funcionamento isolado.

Os investigadores escolheram o edifício de escritórios como base para o seu trabalho (embora o conceito de «inteligência» possa ser aplicado a qualquer tipo de edifício - hospitais, escolas, edifícios de habitação, edifícios industriais -, sejam eles antigos ou em construção), porque lhes pareceu que «era aquele que reunia uma maior variedade de serviços úteis e, por outro lado, porque os desafios que ele colocava eram já de alguma monta», afirmou o responsável pelo projecto. Para além disso, acrescentou aquele investigador, «fala-se na futura construção de 50 grandes edifícios em Portugal, nos próximos 10 anos, que se prestam à aplicação do sistema que estamos a desenvolver».

Para equiparem os edifícios do sector terciário, elaboraram um conjunto de 12 serviços que, julgam, os utilizadores gostariam de possuir: climatização, iluminação, controlo de acessos, telepono, porteiro automático, elevador, vigilância e detecção de intrusão, emergência, diagnóstico



A nova sede, em construção, da Caixa Geral de Depósitos, em Lisboa, dispõe de alguns sistemas próprios dos «edifícios inteligentes»

e manutenção, informação, teleacção (comando dos outros serviços a partir do exterior do edifício) e gestão energética.

De todos os serviços este último é talvez aquele que, potencialmente, será capaz de introduzir maiores ganhos em termos de exploração. A climatização e iluminação constituem, em termos de gastos energéticos, cerca de 80 por cento dos gastos dos edifícios. Num edifício típico de 10 andares, em Lisboa, gastam-se cerca de 10 a 12 mil contos anuais em energia. A interacção com aqueles outros dois sistemas permitirá uma grande redução de custos, referiu o prof. Sêro.

Desde o final de 1987, e durante perto de um ano, a

equipa de investigação estruturou o suporte físico (uma rede digital) em que vão assentar, posteriormente, os serviços a instalar.

Quanto aos serviços propriamente ditos, neste momento, já existem, sob a forma de protótipo, o de emergência, o de telepono, o de controlo de acesso e o de porteiro automático.

Para este ano, o objectivo é, de acordo com Carlos Sêro, pôr os serviços a funcionar de forma integrada. Em 1990 esperam ter prontos os outros serviços.

Quanto aos recursos financeiros, o INESC funciona numa estrutura de projecto, que é uma unidade com grande autonomia dentro do

instituto e capaz de gerir um orçamento que ele próprio elabora. Esse orçamento, para o ano seguinte, é aprovado em assembleia geral de sócios.

Para os seus responsáveis, «o orçamento chega perfeitamente para o projecto, na sua vertente de investigação. Mas quando falamos em investigação estamos a perspectivar-la com um objectivo muito concreto: criar um sistema que, no futuro, possa ser comercializado.

«Há mecanismos institucionais para que essa comercialização possa ser feita de uma forma arrumada. Existe um conjunto de empresas designado por AITEC, do qual o INESC é sócio, que tem por objectivo criar e ajudar o nasci-

mento de empresas de alta tecnologia, inovativas e com potencialidades em termos de mercado».

A equipa que desenvolve este projecto perspectiva o nascimento de uma empresa AITEC que se dedique a pôr este trabalho de investigação em forma de produto acabado e a lançá-lo no mercado.

Um aspecto interessante a referir é que, devido a dificuldades técnicas, como no caso dos aparelhos de climatização, cujo controlo os fabricantes não permitem, e em que há dificuldades no campo da integração com outros sistemas, poderão ser criados alguns equipamentos - o que não tem constituído, até agora, objectivo da equipa de investigação.

«Neste domínio, a nossa estratégia é de colaborar com a indústria nacional no sentido de desenvolver novos equipamentos, ou pelo menos de nos deixarem adaptar esses equipamentos. Já temos, aliás, contactos com alguns fabricantes nacionais em diversos domínios», referiu aquele professor universitário.

A equipa que trabalha no projecto não é muito extensa. Para além do seu responsável, Carlos Sêro, ela é constituída pelo eng. Renato Nunes, que esteve presente na entrevista com o «DL», por outros cinco engenheiros, por um técnico de laboratório e por alunos finalistas do Instituto Superior Técnico, da área da engenharia de computadores.

Mário Rocha

O aviso vem de ecologistas apocalípticos

Os arrotos das vacas podem dar cabo da Terra

A flatulência característica dos ruminantes estaria a contribuir para o «efeito de estufa» que está a aquecer a Terra com consequências presumivelmente desastrosas, é, pelo menos, a opinião de grupos ecologistas norte-americanos que parecem já ter forçado o Congresso dos Estados Unidos a repensar os subsídios de mil milhões de dólares (cerca de 150 milhões de contos) a conceder aos produtores de laticínios.

Pelas contas dos ecologistas (que também falam na destruição da camada de ozono, sem que um assunto tenha a ver com o outro) o processo de ruminação das vacas transforma a celulose da sua dieta em 400 litros de metano

diários. O metano, sabe-se, é o segundo gás a contribuir para o «efeito de estufa» e os ruminantes existentes à superfície do Globo seriam os responsáveis por 12 a 15 por cento das suas emissões, ao que assevera a Agência de Protecção Ambiental dos Estados Unidos.

Aparentando esquecer que os ruminantes existem à superfície da Terra há milhões de anos e que o seu número já chegou a ser muito superior ao actual, aqueles ecologistas asseguram que se trata de uma ameaça suficientemente grande para justificar uma intervenção governamental. O Senado já considerou algumas opções, mas não tomou ainda qualquer decisão final.

No entanto, os políticos profissionais já parecem ter encontrado a chave do problema. Um deles, Charles Grassley, senador republicado do Iowa, sugeriu que talvez se pudesse utilizar «um saco para apanhar o gás, ou, como em relação aos automóveis, equipar as vacas com um conversor catalítico». O problema, porém, é que a flatulência das vacas resulta, principalmente, dos «arrotos», o que tornaria impraticável a utilização do hipotético. Não menos extraordinária é a proposta de Irving Minzter, do Centro de Pesquisas para a Mudança Global que aconselha que se leve as vacas a mudarem de dieta.

«DL»/Lusa



ESPECIAL FÉRIAS/90
no HOTEL DO PARQUE

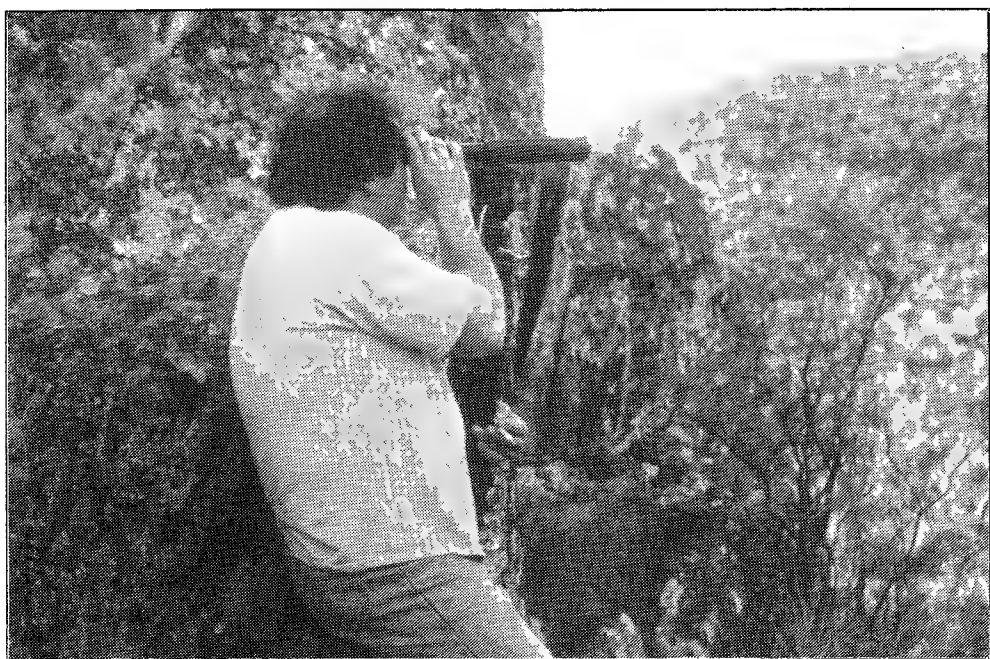


VIANA DO CASTELO
COSTA VERDE

O Hotel do Parque em Viana do Castelo elaborou para si um atractivo programa especial «Férias 90» oferecendo-lhe a possibilidade de gozar as suas melhores férias de sempre no coração do Alto Minho e no sossegado ambiente das suas 4 Estrelas, Piscinas, Bares, Sala de Jogos, etc. Preços p/pessoa em quarto duplo c/peq. almoço incluído.

		MAI.JUN.OUT.	JUL.AGO.SET.
PROGRAMA 1 6 noites 7 dias	Entrada domingos Saída sábados	15 900\$00	18 975\$00
PROGRAMA 2 7 noites 8 dias	Entrada qualquer dia	19 950\$00	22 925\$00

• Peq. Suplemento p/ocupação single.
• 1 a 31 de Agosto supl.: 1250\$00/dia/quarto, em qualquer modalidade.
Peça-nos programa detalhado «ESPECIAL FÉRIAS 90», por Telex (058)82 86 05, Telex 32511 HOPARC P, Fax 82 86 12 ou no seu AGENTE DE VIAGENS.



Esplando o ninho

Foi aliás com a pilhagem do ninho que tudo começou, corria o Verão de 1988. As aves tinham instalado o gacho numa anfractuosidade, quase diria inacessível, da parede a pique de um desfiladeiro rochoso de rio; mas uns rapazes da região não recuaram diante do arriscado exercício de montanhismo que o empreendimento exigia e, utilizando cordas, alcançaram-no para o saquear. Estavam lá duas crias. Uma, que já esvoaçava, fugiu. A outra foi apanhada, sabendo-se que alguém a levava, tendo-se depois, para Lisboa, onde se lhe terá perdido o rasto. Mas foi graças a ela que nos meios ecológicos se soube daquela aves inespavelmente acomodadas nuns confins montanhosos do Alentejo.

Surpreendido com as características do exemplar, em particular com a envergadura, o proprietário da herdade onde o caso ocorreu procurou averiguar de que espécie se tratava. E essas diligências chegaram ao conhecimento da Liga para a Protecção da Natureza (LPN). Um seu dirigente, o biólogo Luís Palma, é também funcionário do Serviço Nacional de Parques (SNP); pôde, por isso, alertar este departamento do Ministério do Ambiente para a necessidade de se salvaguardar aquela raridade ornitológica. Na verdade, só um miraculoso conjunto de circunstâncias consentia. Na herdade onde nidificam as aves, estabelecia-se as bases de uma reserva de caça turística, estando ali portanto provisoriamente vedado o acesso a caçadores. Além disso, ela fica contígua a um parque natural, pelo que os magestos predadores alados podiam, como podem, evoluir sem perigo sobre a vasta área de que necessitam para obter alimento. A sua criação, porém, estaria sempre ameaçada. A pilhagem dos ninhos é uma prática tradicional nos meios rurais, particularmente nos

alentejanos, onde até os saqueadores das crias dos búteos, modestos consumidores de ratos e lagartos, ainda hoje são premiados pelos lavradores com ovos de galinha, um por cada bicho capturado. Ali, ave de rapina é sinónimo de ameaça para a capoeira e para as espécies cinegéticas, estas últimas um bem precioso na região com maior índice de caçadores do País.

Impunha-se portanto arrancar um guardião para o ninho das águias. E a conselho da lista dos associados da LPN permitiu encontrar o nome de alguém que parecia reunir todas as condições para o efeito.

Era o de Isidoro Calado, então com 23 anos, recém-saído da tropa, desempregado, morador relativamente próximo do local daquele peculiaríssimo trabalho. E aconteceu que não só estava disponível para o desenvolver, como o encarou com entusiasmo.

«Tinha uma proposta de emprego, como vendedor de produtos alimentares, que é coisa para que não

devo ter grande jeito...», justifica-se este rapagão de sorriso cândido, a quem a corpulência e os precoces azeites de calvície conferem uma aparência de mais idade. De modo que agarrou a mãos ambas aquela imprevisível oportunidade de desempenhar um duplo papel de sentinela e eremita, entre fragas e arvoredos.

As emoções da observação

Afinal, o convite que lhe formulou Luís Palma configurava o ensejo de pôr em prática os ensinamentos recolhidos uns anos antes, num curso de observação de aves promovido pela LPN. Nascido numa família remediada onde, insolitamente para a região, não havia exemplos recentes de gosto pela caça, Isidoro Calado sentiu sim sempre, desde que se recorda, uma forte atracção pela vida dos animais selvagens. Por isso se inscrevera como sócio da Liga, logo que pudera contactá-la, num encontro de jovens, em Évora.

Em Lisboa, aonde se deslo-

cou para a entrevista, foram-lhe expostas as condições do contrato: 50 contos por mês, empréstimo de motorizada com gasolina paga e a obrigação de proteger o filhote ou filhotes das águias até uma fase do crescimento em que eles pudessem evitar a captura.

A tarefa ocupou-o de 21 de Abril a 21 de Julho, exactamente.

«A princípio, custou um bocado» — confessa — «Depois, não».

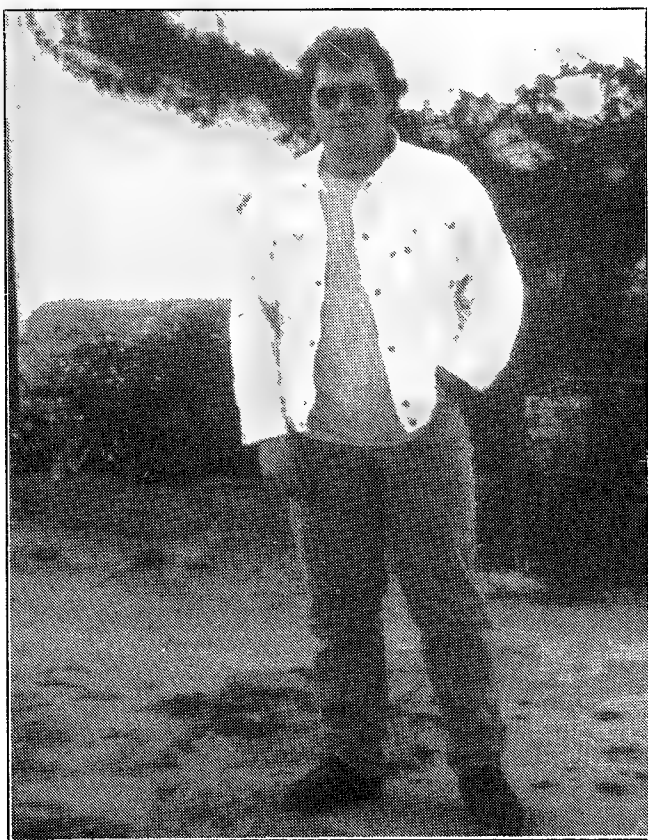
O que custou: o isolamento, o silêncio, as longas horas de imobilidade e vigília de inútil. Depois, prevaleceu nele o fascínio pela vida selvagem. Comprou telescópio e binóculos, obteve por empréstimo uma tenda camuflada de observação. A primeira emoção forte, experimentou-a da primeira vez que avistou a única cria, momentaneamente deixada a sós pela mãe. Começou a fazer um diário do que via. A imobilidade instintivamente adoptada pela ave-bebé quando ele, devido a qualquer movimento desastrado, denunciava a sua presença; a alternância, segundo as fases

Algures, no Alentejo, foi detectado um co-
dentro da escassa dezena que se a-
das raríssimas aves já uma vez, pelo meno-
que obstar à repetição do vandalismo
Natureza e o Serviço Nacional de Par-

da Natu-
e foi as-
D

A sentinela do desfiladeiro das águias

da Liga, ap-



Isidoro Calado, no monte onde foi hóspede

da criação, dos papéis do macho e da fêmea, ele inicialmente caçador, enquanto ela chocava, depois vigilante quando a companheira, de muito maior envergadura, como é característica das aves de rapina, providenciava a carne para as exigências cada vez mais imperativas do rebento; o dia em que a imponente progenitora, cujo comprimento de uma ponta a outra das asas ele estima em mais de dois metros, se deixou cair suavemente, qual pára-quedista, numa margem da ribeira, revelando-lhe que as águias não bebem só o sangue das presas... Um sem-fim de descobertas, acerca das quais está a ultimar um relatório, indiferente a que isso não lhe tivesse sido cometido.

Dormir, Isidoro dormia no monte da herdade, onde, sublinha, lhe «não faltava nada». Homem citadino, evoluído, o proprietário compreendeu a missão do

protector das águias e facilitou-lha ao máximo. No quarto, podia cozinhar. De começo, pouco prático com as panelas, recorria sobretudo a conservas. Por fim, já submetia os alimentos a tempera e ao lume. Uma ou outra vez por semana, não mais, para não abusar da hospitalidade, aceitava os convites que a família do caseiro lhe fazia constantemente para que partilhasse das suas refeições.

Finalmente, arranhou um colaborador na pessoa de um amigo residente em Évora, Carlos Miguel Cruz, outro jovem com a paixão da Natureza bravia e da caça fotográfica.

De quinze em quinze dias, Carlos Cruz, estudante, aproveitava os fins de semana para render Isidoro, que então tomava a camioneta e ia rever a família, entregar a roupa mais carecida de costura e buscar provisões.

De resto, o dia a dia era de completa rotina. Levantava-



A aterragem da progenitora, um campeão de voo com mais de dois metros de envergadura de asa

Carlos Miguel Cruz



Auto Monumental do Alentejo
S.A.



CONCESSIONÁRIOS

AUTOMÓVEIS • FURGONETAS • PEÇAS • SERVIÇOS • OFICINA

Av. Padre Manuel da Nóbrega, 8 — Telef. 894185/6/7/8 — Telex 63 403 AMACAR — 1000 LISBOA

um casal de águias-reais, mais um
e acate existir no País. A criação
menos, tinha sido pilhada, e havia
plismo. A Liga para a Protecção da
Parques, Reservas e Conservação
Natureza aliaram-se para o efeito,
foi assegurada a guarda do ninho.
Disso se incumbiu, vigiando-o
de sol a sol, sempre
solitário, durante três longos
meses, um jovem associado
ga, apaixonado pela vida selvagem

se com o alvorecer, masti-
gava o pequeno-almoço e
fazia na motorizada os três
quilómetros que separavam
o domicílio do «local de tra-
balho». Aqui, inicialmente,
deixava-se ficar numa colina
afastada, para não perturbar
os animais. Levava man-
timentos e vigiava o dia
todo, até ao ocaso, as sendas
íngremes e escarpadas que
conduziam ao local onde a
águia chocava, local que a
noite tornava inteiramente
inacessível. Depois, resolveu
aproximar-se. Tinha de ul-
trapassar uma cerca de ar-
ame farpado, acachapando-
se contra a terra, sob o fio
inferior; de amarinhar uma
encosta forrada de azinho e
esteva, onde abriu ele o
trilho; de contornar e equili-
brar-se sobre penedias, até
alcançar um parapeito
exíguo, onde o sol
esbraceava — mas daí avis-
tava-se, a uma trintena de
metros e de esguelha, o
ninho. Instalou lá a tenda. E
dela podia divisar também
um dos postos de vigilância
do macho, um nuçico ro-
choso do outro lado da ra-
vina, sobre o qual a hierática
ave se perfilava, a in-
specionar as redondezas
com o olhar agudo e fixo.

Um dia, o ruído da aproxi-
mação de gente fê-la fugir,
com um silencioso bater de
asas, enquanto a cria as-
sumia uma rigidez de pedra,
a um canto do ninho. Era um
grupo de homens, que se
preparava para lançar as

redes na ribeira, rica em
achigãs e barbos. Trata-se de
um processo de pesca ilegal.
Quando Isidoro assomou à
borda do parapeito, por
cima deles, assustaram-se.

«Fugiram a sete pés»,
conta, divertido.

Mas o incidente sugeriu-
lhe outro tipo de intervenção
em benefício das suas prote-
gidas: a pedagogia junto dos
habitantes da zona. Espa-
lhara-se já a notícia da ex-
istência da sentinela no
desfiladeiro das águias,
coisa insólita e com foros de
oficial. Era bom, porque tor-
nava as intrusões mais im-
prováveis. Mas podia gerar
antipatias perigosas, a
prazo, nas suas costas. E
Isidoro achou que conviria
esclarecer as pessoas sobre o
seu papel.

«...Que não era polícia,
nem da GNR, nem de nada
assim, que não estava ali
para proibir fosse o que
fosse, nem para prender nem
prejudicar ninguém...»

Isidoro Calado, que não
completou o 11º ano, parece
ter reservado o gosto pela
leitura para depois desse re-
lativo insucesso escolar. E,
entre o que lê, tem lugar
privilegiado, naturalmente,
a divulgação zoológica. As-
sim, nos contactos que de-
cidu passar a ter com as
povoações mais próximas,
assumia a defesa das águias,
como de todas as rapinas,
rebatendo com tacto os argu-
mentos sobre a sua no-
cividade.

Explicava que a águia-real
é sobretudo um elemento de
depuração, saneamento, se-
lecção, das espécies que
depreda.

Que, quando se lança do
alto numa vertiginosa car-
reira rente ao solo ondulado
das montanhas, para sur-
preender as presas com a
aparição repentina nos topos

das encostas, não é à toa que
captura este ou aquele
coelho, esta ou aquela lebre,
esta ou aquela perdiz; como
acontece com todos os pre-
dadores, a lei que prevalece
na sua acção caçadora é a da
economia do esforço: são os
exemplares mais débeis, ve-
lhos ou doentes, desindica-
dos para a reprodução, do
ponto de vista da conti-
nuação da espécie, os que
maioritariamente lhe
sucumbem nas garras
poderosas. Explicou
também o seu papel impedi-
tivo da proliferação de
carnívoros como a raposa,
hoje em explosão demo-
gráfica devido, precisa-
mente, à escassez dos únicos
inimigos naturais que pos-
sui, que são as grandes
águias, o corujão e o lobo.

O destino das crias

E essa acção didáctica, terá
tido eficácia?

Ele acha que sim. Tanto,
que não o inquieta muito o
facto de a protecção do ninho
das águias não estar prevista
para este ano. Aliás, além da
campanha de esclareci-
mento que desenvolveu,
acontece que na herdade
vigora já o regime de reserva
de caça turística, pelo que
dispõe de vigilância própria.

E às soberbas aves, prote-
gidas por lei, tolera-se o
prejuízo que possam cau-
sar em peças para o cinto de
caçadores endinheirados,
que pagam bem caro o
gosto pelo abate fácil de
javalis, perdizes e coe-
lhos.

Hoje, raro é o dia em que,
para injustificado pavor
das galinhas que debicam
na eira, e que elas nunca
atacam, medrosas que
aprenderam a ser do
homem, não são vistas do
monte a pairar lá muito
alto, aos largos círculos. É
que é frequente o guarda
proporcionar-lhes as car-
caças dos pequenos inimi-
gos da caça que captura
com armadilhas, fuinhas,
saca-rabos, toirões, gine-
tas.

É uma das vulnerabi-
lidades que as colocou à
beira da extinção, a necro-
fagia. A carne envenenada
constitui um dos principais
processos de dizimação
deste prodígio da selecção
natural, um superpre-
dador de meia dúzia de
quilos capaz de arrastar
pelos ares e de dar morte a
presas como cabritos mon-
teses (quando os havia...),
que dificilmente um
homem desarmado seria

capaz de dominar.

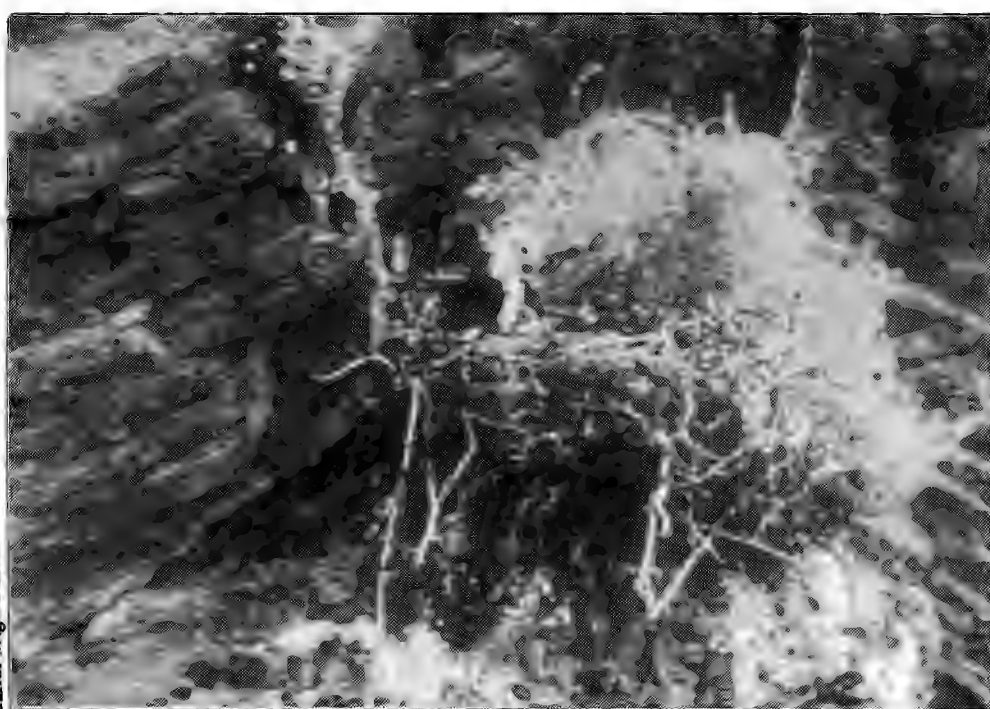
Quanto às outras ameaças
são conhecidas. A pilhagem
dos ninhos, que Isidoro
Calado, em três meses de
ermitério apaixonado, neste
caso evitou. E os zagalotes de
caçadores sem escrúpulos,
para quem a raridade de um
espécime constitui um
estímulo para o seu abate e
redução a troféu, num triste
embalsamamento para deco-
ração doméstica.

O casal de águias-reais vi-
giado por Isidoro Calado
sobrevive na relativa
segurança de locais de caça
controlada, entre gente es-
clarecida acerca do seu valor
biológico. Mas o mesmo já não
é válido no que se refere à sua
criação. O filhote que se es-
capuliu aos violadores do
ninho, há dois anos, ainda o
ano passado era visto, volta
não volta, na região. Mas de-
sapareceu. Da cria da geração
seguinte, a protegida por
intervenção da LPN, não há
notícias. A *aquila chrysaetus*
necessita para sobreviver de
um vasto território sem con-
correntes da mesma espécie, e
é duvidoso que em Portugal
encontre disso, e impunidade,
em muito lado.

Fernando Brederode
Santos



Eurico Vasconcelos



O futuro senhor dos ares

Carlos Miguel

ECONOMIA

B R E V E S

Privatização do «JN»

Por motivos de ordem técnica, a anunciada Grande Angular sobre o processo de privatização do «Jornal de Notícias» não será publicada hoje. Pelo facto pedimos desculpas aos nossos leitores, anunciando desde já que este trabalho será posto à apreciação dos leitores na edição de amanhã.

Time Sharing no caminho da internacionalização

Com uma facturação em 1989 de quase 1,3 milhões de contos, a Time Sharing enveredou decididamente pela via da internacionalização. Nesse sentido foram os principais investimentos no ano passado, bem como a sua estratégia de diversificação de produtos e serviços. Está previsto para 1990 um aumento da capital de 500 para 750 mil contos.

Beltrão Coelho: sucesso nas vendas Nashua

Pelo segundo ano consecutivo, a firma Beltrão Coelho, Lda. foi distinguida com o troféu Nashua's President, destinado a premiar o distribuidor com maior sucesso nas vendas. Uma taxa de crescimento de 65 por cento em 1989 fizeram com que as vendas de produtos Nashua subissem nos dois últimos anos 186 por cento em Portugal.

Campanha de publicidade para reabilitar alcatifa

A Associação de Fabricantes de Alcatifas (recentemente constituída) vai promover uma campanha de publicidade institucional para «reabilitar» a alcatifa em Portugal, sensibilizando o utilizador para as vantagens da utilização deste produto.

Grupo Eduardo VII em expansão

O Grupo Eduardo VII, presente há vários anos no Brasil com duas unidades hoteleiras, tem em estudo outras hipóteses de expansão da sua actividade, não só em Portugal, mas também em Angola, país a que esteve ligado até 1975 com os seus empreendimentos Hotel Continental e Complexo Turístico Barracuda, ambos em Luanda.

O secretário de Estado do Comércio Externo promete um «programa coerente» para apoiar investidores estrangeiros e os nipónicos apontam dificuldades existentes em Portugal

Carências portuguesas afectam investimentos japoneses

Por si só, o investimento não tem êxito. É necessário atender ao seu contexto. Quem expressou tal entendimento foi Kiyoharu Matsui, presidente da Mitsubishi Corporation de Portugal, durante um seminário dedicado às relações económicas luso-japonesas.

Na sua intervenção, este empresário nipónico identificou várias áreas problemáticas em Portugal, que não são escamoteadas pela estabilidade política, pelo crescimento económico, pela alteração da estrutura industrial nem, ainda, pelo facto da instalação no nosso país poder significar acesso ao mercado africano ou latino-americano, além do comunitário.

Assim, os problemas principais com que o potencial investidor estrangeiro se debate são a fraqueza das indústrias de suporte, a dimensão do mercado, as vias de comunicação, as altas taxas de juro, a inflação, a falta de serviços financeiros, a penúria de formação de quadros técnicos e de pessoal de gestão, os salários baixos («e só falo de licenciados») e a sempiterna burocracia («qualquer coisa demora séculos; não pode ser»).

Por alguma razão, das 529 instalações fabris japonesas instaladas na Europa, 172 estão na Grã-Bretanha e só 13 em Portugal, enquanto na Espanha estão 50...

Programa governamental

Presente no encontro, o novo secretário de Estado do Comércio Externo, Neto da Silva, classificou Portugal como «um claro pólo de atracção para o investimento estrangeiro de todo o mundo» e anunciou a divulgação de um «programa coerente» para esta área.

O programa será divulgado em breve, «de modo a não se perder tempo e a



Neto da Silva quer seguir exemplo japonês de agressividade comercial

possibilitar uma estruturação razoável». Uma das prioridades governamentais, revelou, é «apoiar claramente as câmaras de comércio».

Neto da Silva disse querer seguir o exemplo japonês de «forte agressividade comercial» e «fazer da relação Portugal-Japão um ponto de referência para a cooperação mundial».

Globalização económica

Shoichi Akazawa, ex-presidente da Japan External Trade Organization, analisou na reunião a viragem das relações nipo-europeias, cujo pano de fundo, disse, é o desenvolvimento da globalização das actividades económicas e das actividades empresariais.

«Tal significa que estamos no limiar

de um período em que as actividades económicas e as actividades das empresas devem ser consideradas a uma escala global», disse. Depois de alertar para o renascimento do «europessimismo» se a Europa comunitária mover-se «rumo a um proteccionismo, negligenciando as lições do passado», Akazawa afirmou que «se a CEE pretende um desenvolvimento para o exterior, ao contrário de uma concentração na sua própria área, então participará no desenvolvimento da zona do Pacífico e da Ásia», áreas que, considerou, serão «o centro global do crescimento na presente década rumo ao século XXI».

Negligências e dificuldades

Se bem que tenha classificado de «essencial» o apoio às reformas económicas do Leste - que, «numa perspectiva de médio e longo prazos, provocará a expansão do mercado europeu, o que trará um efeito relevante para um maior desenvolvimento e revitalização da economia mundial» -, não deixou de afirmar que «o futuro destas reformas está repleto de dificuldades».

Precisou, inclusive, que, «por agora, e talvez durante os próximos cinco anos, os países do Leste serão uma grande preocupação para o Ocidente».

O apoio financeiro ao Leste, para o qual julga insuficientes os recursos do Banco Europeu para a Reconstrução e Desenvolvimento, poderá acentuar, ainda mais, a diferença entre o Norte e o Sul, «que constitui um importante desequilíbrio da economia mundial, resultado do progresso do desenvolvimento económico dos anos 80».

Isto «é, de facto, um problema importante que não podemos negligenciar como até agora», concluiu.

R.N.

COTAÇÕES

Companhia Geral de CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

(Por Unidade)

COTAÇÕES DE NOTAS	COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	45\$00	51\$00
ALEMANHA FED. (marco)	87\$70	88\$90
ÁUSTRIA (xelim)	12\$45	12\$65
BÉLGICA (franco)	4\$049	4\$299
BRASIL (cruzado)		
CANADÁ (dólar — notas de 1 e 2)	123\$65	126\$15
(notas de 5 a 1000)	124\$15	126\$65
DINAMARCA (coroa)	23\$00	23\$40
ESPAÑA (peseta)	1\$362	1\$482
EUA (dólar — notas de 1 e 2)	144\$30	147\$80
(notas de 5 a 1000)	144\$80	148\$30
FINLÂNDIA (marka)	36\$90	37\$50
FRANÇA (franco)	26\$05	26\$75
HOLANDA (florim)	78\$00	79\$10
IRLÂNDIA (libra)	236\$25	240\$25
ITÁLIA (lira)	\$108	\$123
JAPÃO (iene)	\$876	\$931
NORUEGA (coroa)	22\$50	23\$00
REINO UNIDO (libra)	242\$70	247\$20
SUÉCIA (coroa)	23\$95	24\$45
SUÍÇA (franco)	102\$20	103\$70
VENEZUELA (bolívar)	2\$631	3\$431

OBSERVAÇÕES:

- 1 — No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.
- 2 — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil

Os particulares pagam o imposto à taxa do Estado onde fazem as compras (menos para veículos automóveis e vendas por correspondência) e as empresas à taxa do país de destino das mercadorias

IVA: período transitório prolonga-se até 1996

Do nosso correspondente em Bruxelas

A uniformização comunitária do IVA (Imposto sobre o Valor Acrescentado) vai beneficiar de um período transitório, que se prolongará até final de 1996. Só a partir dessa data tudo será taxado no país de origem e não no país de destino. No entanto, os controlos de fronteira cessam a 1 de Janeiro de 1993. Nessa altura, a fiscalização será feita documentalmente junto das empresas. A aproximação entre as diversas taxas de IVA dos Doze deverá fazer-se até 1991. Segundo a comissão europeia, isso será uma «inevitabilidade» decorrente da concorrência de mercado.

A proposta da Comissão, apresentada ontem por Christiane Scrivener, terá de ser

submetida a aprovação do Conselho de Ministros e do Parlamento Europeu. A comissão francesa, responsável pela fiscalidade, solicitou que a apreciação deste documento fosse feita com a maior celeridade. O documento estipula que os particulares pagarão o IVA no país de origem e as empresas no país de destino. De qualquer modo, os controlos alfandegários, que hoje representam apenas um por cento dos métodos utilizados, serão totalmente abolidos. Os procedimentos serão simplificados e a fiscalização feita a posteriori, através dos documentos, nomeadamente facturas, guias de transportes e outros, nas próprias empresas.

A comissão solicitou o empenhamento dos diversos Estados-membros numa

grande cooperação administrativa, por forma a não ser reduzida a eficácia contra a fraude. Através do método administrativo, as exportações declaradas deverão corresponder à importação, e qualquer informação sobre esta matéria deverá ser solicitada no prazo de três meses. «Trata-se de construir algo completamente novo» - salientou Christiane Scrivener.

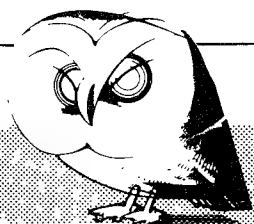
Os ministros das Finanças dos Doze tinham rejeitado em Dezembro último uma proposta da Comissão. Relativamente aos automóveis, por exemplo, o IVA varia entre 12 por cento no Luxemburgo e 38 por cento em Itália. Na opinião da comissão europeia, a aproximação entre as taxas nos diferentes países da Comunidade será uma «inevitabilidade» de que se

vai encarregar a concorrência, muito provavelmente até finais de 1991. E foi mais longe: «Novos atrasos colocarão em causa a credibilidade do mercado único na data prevista.» Os particulares poderão adquirir sem limite qualquer artigo noutro Estado-membro. O Mercado Único possibilitará aos cidadãos escolher para o efeito o país que lhes oferece maiores vantagens.

Assim, os países que praticam taxas mais elevadas manifestam inquietação. Os automóveis e motos, no entanto, serão taxadas consoante o país de destino. O mesmo acontecerá com os produtos adquiridos por correspondência, através de empresas especializadas.

José Rui Cunha

CULTURA



olhar de mocho

Histórias e TV

A História já passou por todas e já foi tudo. Já foi dogma, apologética, religião, antireligião, filosofia, e naturalmente, propaganda política. Nos tempos da Bíblia, a História era crónica dos feitos de Deus, em geral vitórias militares e descrição dos humilhados e vencidos, mas também, mera crónica jornalística do que se passava. Depois, nos tempos dos antigos gregos, a História era a ciência obtida através da observação própria - quem testemunhasse um facto, adquiria uma ciência que se distinguia da outra ciência - a matemática -, cujas regras eram universalmente válidas para todos.

O Montesquieu, já mais chegado aos tempos modernos, ainda tentou interpretar, historicamente, as causas da decadência e desagregação do Império Romano, mas só depois, já com os pés bem fincados na realidade, é que nasceu a ciência histórica. Mesmo assim, os actuais israelitas ou meros judeus, ainda continuam cercados na barreira da História tal como ela foi entendida nos livros bíblicos: o povo eleito por Deus é um «facto» histórico que permite as mais líricas e perigosas ilações para a política do dia a dia. Convém não esquecer que para o judeu ortodoxo de hoje, um polaco e um russo assassinados pelo Hitler não são a mesma coisa que um judeu assassinado em iguais circunstâncias: o polaco ou o russo não foram eleitos por Deus e não têm direito à Terra Prometida.

«O Riso de Caim» e o «Século XX» do Canal 2 por serem programas históricos, obrigam a reflectir sobre a função da Televisão quando se trata de interpretar a História. Pode-se fazer espectáculo de tudo e seria mau confundir histórias com historietas, romance com romance histórico. Ora subjacente à «teoria» da Segunda Guerra Mundial havia a ideia de que o progresso absoluto viria do desenrolar da revolução industrial, fosse essa revolução levada a cabo em moldes capitalistas ou socialistas. Não podemos esquecer o papel desempenhado pelo motor da industrialização, quer se trate da história dos vencedores da guerra, capitalismo e comunismo, quer da dos vencidos - neste caso os alemães, uma espécie de Caim que, contra a vontade do Deus bíblico, acabou humilhanamente derrotado.

Entretanto os tempos foram passando, e a análise histórica também se modificou. Hoje já há quem fale numa análise da História feita a partir da perspectiva das vítimas - as vítimas da guerra têm a palavra-chave da interpretação.

Ressuscitar esses mortos passou a ser tarefa básica para se entender o sentido da História e o conceito de progresso.

E finalmente, como não poderia deixar de acontecer, para as novíssimas teorias históricas, o enigma passou a residir na ecologia e nos movimentos alternativos. Só aí, afirmam os novos filósofos da História, se descobrirá a via que levará ao progresso. Enquanto a RTP vai importando filmes sobre a última Grande Guerra da Europa e propondo análises possíveis, as nossas guerras coloniais continuam na gaveta dormindo o sono dos justos por ainda não pertencerem ao século XX - ainda ninguém as lá chamou. A saudável dieta portuguesa consiste em abster-se assexuadamente do Portugal do século XX.



José Sousa Monteiro

A Compagnie Lubat em Lisboa, ontem na abertura do nosso mini-Printemps de Bourges

Visitação das ruínas

Dir-se-ia uma visita de ruínas, a «Comédie del Jazz» que a Compagnie Lubat ontem apresentou na sala do Grupo Recreativo do BESCL, a abrir a selecção lisboeta do Printemps de Bourges. Uma visita de ruínas do jazz, com o chefe-de-fila dos enviados da Gasconha, o baterista/percussionista, teclista, acordeonista, cantor/actor Bernard Lubat perguntando-se, e à assistência (que, note-se, não era a costumeira dos concertos de jazz), qual será o destino deste género musical e afinal de contas onde é que se pode encontrar o *must* número um para os apreciadores: o *swing*. Como não podia deixar de ser, Lubat e a sua troupe, ao todo seis músicos que também foram performers, acabaram por constatar, e nós, público, muito menos do que eles, que o *swing* nunca ninguém viu. Ouvir para crer, ver para ouvir...

Agrupamento com uma ideologia e nela dois valores fundamentais, a ironia e a sátira, a Compagnie Lubat tem já um longo percurso de questionações sobre a sua própria prática e sobre a coerência íntima e essencial do jazz, mas que lhe inculcam uma curiosa dose de imunidade. Lubat crê no encontro em terreno comum das diversas músico-culturas, como ontem suficientemente exemplificou, e se este é um pressuposto ideológico que materializa na citação de formas exteriores ao domínio, hoje já por si bastante largo, do jazz, como o baladismo *moody* da música ligeira à americana, o vernáculo musical gascão e mais latamente a *chanson française*, ou como



Francisco Paraiso

a música africana e outras derivas mais ou menos étnicas e mais ou menos populares, a verdade é que é sempre o jazz, nas suas versões *hardbop*, *free* ou de fusão, o berço estilístico a que o multi-instrumentista volta. Os exorcismos é para isso que servem...

Para a Compagnie Lubat as ruínas do jazz são como que as primeiras pedras de uma nova cidade, e os seis franceses do Sul, ao acordeão e ao sax barítono, ao trombone e à bateria, *swingaram* de facto. A palavra desdisse, mais uma vez, a simples fonia, e nisso mesmo reside um trunfo grande do interessante espectáculo que é esta

«Comédie del Jazz», espécie de ópera bufa com liberdades interpretativas, estruturas adaptáveis e muita espontaneidade improvisacional, embora no sentido inverso de certos intelectualismos vanguardistas do passado. O problema é que foi precisamente neste aspecto operacional que as coisas não estiveram tão bem quanto aquilo que ouvimos nos discos mais recentes da companhia de Bordéus. Caracterizada nos seus registos por algum rigor na integração dos géneros parajazzísticos e afins e na interpretação instrumental, a Compagnie Lubat, com culpas acrescidas para o próprio líder da sessão, que até foi quem esteve pior, actuou na sala do BESCL um tanto ou quanto abaixo do seu nível. Bernard Lubat e os seus dispensaram, nesta visita a Lisboa, determinados cuidados na qualidade solística e nas formulações de conjunto que é de lhes exigir. Dommage.

Rui Eduardo Paes

Morreu Luigi Nono

O compositor italiano Luigi Nono morreu ontem em Veneza, na sequência de uma longa doença, com a idade de 66 anos.

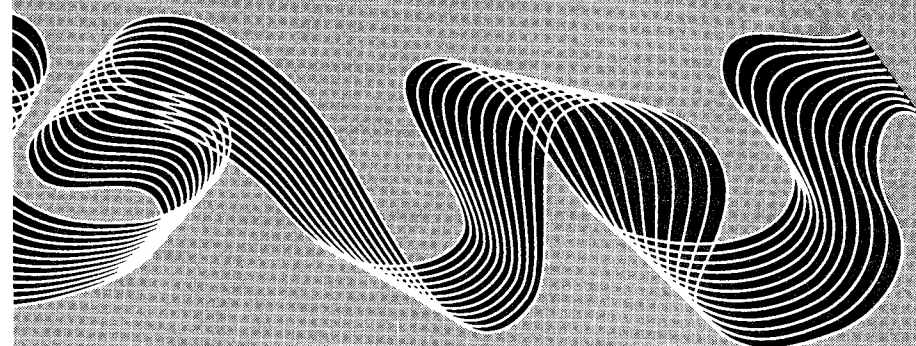
Nono dedicou grande parte da sua carreira musical ao desenvolvimento das técnicas do canto vocal, antes de abordar, a partir dos anos 60, a música electrónica. A sua primeira obra para banda magnética, «Homenagem a Vedova» (pintor abstracto seu conterrâneo) coincidiu em 1960 com duas das suas composições vocais mais refinadas, sem qualquer acompanhamento instrumental, «Sara Dolce Tacere», sobre textos de Cesare Pavese e, sobre poemas do espanhol Antonio Machado, «Ha venido. Canciones para Silvia».

Homem de esquerda, Luigi Nono faz da sua música uma consciência crítica e política.

«A Rapariga dos Anúncios»

Destinado à faixa etária dos 9 aos 11 anos, Edições Asa apresentou terça-feira ao público, em sessão de autógrafos concorrida, «A Rapariga dos Anúncios», de Álvaro Magalhães. Ilustrações de José Pedro Costa, que tem acompanhado o itinerário do escritor. Breves palavras foram proferidas, na cerimónia, por Mendes Dias, da direcção daquela casa editora.

TEATRO NACIONAL DE SÃO CARLOS

CONCERTO NA AULA MAGNA
13 de MAIO (21h 30)CECILIA
GASDIAOrquestra Sinfónica do TNSC
Direcção Musical: Philippe AUGUIN

APOIOS: Rádio Comercial Rádio Comercial Rádio Comercial

CULTURA E ESPECTÁCULOS

Crónica em que se diz sobretudo de uma epopeia que Cannes vai ver já no dia 14 e Lisboa só em Outubro: «Non ou a Vã Glória de Mandar», de Oliveira. Este país face às suas derrotas históricas, ou de como o que fica é o que se dá, não o que se tira. De génio

Os Lusíadas de Manoel

CINEMA

Fosse o jornalismo apenas o fruto do que acontece e esta crónica começaria com um justificativo, qualquer coisa como isto: vai aqui falar-se de um filme porque esse filme representa no dia 14 Portugal no Festival de Cannes, embora em Lisboa ele só passe dentro de seis meses.

Mas o jornalismo, felizmente, ainda pode ser uma paixão e as paixões não se justificam, nem carecem de alibi, assumem-se. Portanto, vai aqui falar-se de um filme porque esse filme é ele próprio uma paixão, até no que ela é capaz de conter o martírio, a perplexidade, o inexplicável, «o nada que é tudo» com que há meio século, em Português, se define o mito.

Esse filme chama-se «Non ou a Vã Glória de Mandar», assina-o Manoel de Oliveira, acaba de ser visto em exibição privada por umas dezenas de privilegiados, eu fui um deles e aqui estou.

Aqui estou para vos dizer de um monumento maior, isso mesmo, um monumento simultaneamente iconográfico, filosófico e literário que descende em linha recta dos Painéis de S. Vicente e, por aí fora, de Camões às Capelas Imperfeitas da Batalha, de António Vieira a Oliveira Martins e deste a Fernando Pessoa. De tudo isto porque este «Non...» é a prova de que, graças a Oliveira, uma arte em Portugal se tornou já tão grandiosa e tão espelho reflector do nosso ser comum como as maiores: o cinema.

«Non...» e não «Não...»

porque o filme de Manoel de Oliveira abre com uma epígrafe do padre António Vieira. Esta: «Terrível palavra é um non.» Depois, imediatamente a seguir, eis-nos perante um dos mais belos planos de toda a história do cinema (sim, de toda ela...): uma árvore que a câmara, envolvente e ao mesmo tempo receosa e distante, vai filmando em redor, como se essa árvore fosse uma deusa pagã e venerável, à espera que os homens a seus pés depositassem oferendas e, respeitosos, se afastassem, deixando-a ali, imensa, na sua solidão secular.

E o filme começa: em África, antes do 25 de Abril, com Portugal vestido de caqui, em cima de um Unimog, pela boca dos seus soldados, o povo vai dizendo de si e dessa derradeira guerra do Império. E interroga-se.

E vêm-lhe então à memória outras eras, não vitórias mas derrotas, as que este povo sofreu frente ao sonho e ao destino, aos romanos, aos espanhóis, aos árabes - a que a África negra nos irá infligir esboça-se já e adivinha-se.

Derrotas? Só até certo ponto, porque se é vã a glória de mandar, apenas o que se dá perdura e fica - nunca o que se tira - e Portugal perdendo-se, derramado, se ganhará, quem sabe?

Subjacente a esta nova História de Portugal eis pois uma filosofia, procura incessante do saber, não sabedoria.

Que este filme termine no



«Non ou a Vã Glória de Mandar» (quatro planos do filme, à direita Luís Miguel Cintra)

dia 25 de Abril de 1974, com a morte simbólica do herói vítima de «hemoptise fulminante», não significa nada, senão, talvez isto: o povo que, descobrindo, se expandiu e, pela expansão, teve a vã glória de mandar, exangue regressa agora a casa, que destino?

Aqueles que esperam de Oliveira uma resposta vão ficar desiludidos. Ele não tem resposta para dar, ele interroga-se e interroga-nos, procurando na História um sentido colectivo. Ideologicamente, o seu filme não se resolve, estabelece o vazio, o

vácuo absoluto, assim como quem diz: «Chegados aqui, importa renascer como se houvéramos desnascido.»

Isto assim e planos, cenas, sequências inteiras de uma beleza tal que sufoca e faz doer, este dramático fresco é Portugal, reconhecemo-lo pelas imagens que Oliveira retoma do fundo da nossa memória; uma palavra para Luís Miguel Cintra, sublime, como se fora um príncipe (ou um santo...) que houvesse saído de uma pintura antiga para morrer hoje num prosaico leito de hospital.

Não sei se Cannes vai

amar este filme, Portugal tão-pouco. Sei que Manoel de Oliveira (que com «Francisca» já nos dera essa obra-prima absoluta do amor romântico) dá-nos agora uma epopeia.

Uma epopeia feita de derrotas sucessivas que importa assumir para nascer de novo. E sei também, pelo saber despudorado da paixão, que este homem de 82 anos chamado Manoel de Oliveira - o único cineasta em actividade em todo o mundo que já filmava no mudo -, este homem é quem no século XX em Portugal

pode ombrear com Fernando Pessoa. Um génio.

**

Talvez esta crónica devesse ficar por aqui. Acontece, porém, que se estreou um novo filme português («Filha da Mãe», de João Canijo) e não é justo esquecê-lo. Mesmo que para dizer, como é o caso, que desilude. Desilude tanto como o primeiro filme do autor («Três Menos Eu») agradara e gerara expectativas.

Quer isto dizer que Canijo deixou de ser o que era como

A Ver

Dos filmes em exibição comercial em Lisboa, eis uma lista elaborada por ordem decrescente de qualidade e interesse, de acordo com um critério obviamente pessoal.

Em estreia

- «O Cozinheiro, o Ladrão, a Sua Mulher e o Amante Dela», Peter Greenaway (1989)
- «Crimes e Escapadelas», Woody Allen (1989)
- «Campo de Sonhos», Phil Alden Robinson (1989)
- «Sempre», Steven Spielberg (1989)
- «O Meu Pé Esquerdo», Jim Sheridan (1989)
- «Um Amor Inevitável», Rob Reiner (1989)
- «A Guerra das Rosas», Danny De Vito (1989)
- «Os Fabulosos Irmãos Baker», Steve Kloves (1989)
- «Henrique V», Kenneth Branagh (1989)
- «O Clube dos Poetas Mortos», Peter Weir (1989)
- «Miss Daisy», Bruce Beresford (1989)
- «Filha da Mãe», João Canijo (1990)
- «Nascido a 4 de Julho», Oliver Stone (1989)
- «Blaze, Um Amor Proibido», Ron Shelton (1989)
- «Ligações Sujas», Mike Figgis (1990)
- «Tango & Cash», Andrei Konchalovsky (1989)

Em reposição

- «Cinema Paraíso», Giuseppe Tornatore (1989)

R. da S.



CULTURA E ESPECTÁCULOS



cinasta? Não. Quer isto dizer que Canijo não é ainda tão bom como isso, ou tão bom que se possa dar ao luxo de partir para um filme com umas ideias e um tanto à toa, confiado na sua boa estrela e na sua boa direcção de actores (excelentes, à partida, todas elas, sublinhe-se).

O que daqui resulta, ao

menos no sentir do espectador, é que «Três Menos Eu» era uma primeira obra que respirava frescura, autenticidade, oferecia-nos uma história pela descoberta interior das personagens, e «Filha da Mãe» é tudo menos isso, um filme perante o qual nos sentimos estranhos e pouco nos diz. Os actores

estão lá, obviamente, mas entre eles apenas Rita Blanco como personagem tem alma.

O que é uma sorte para ela, diga-se, porque seria uma pena que esta actriz excepcional tivesse tido o mesmo destino que coube a outro actor de excepção, Diogo Dória. Não por culpa dele (que não sabe ir mal), mas por culpa do realizador, que reduz o seu papel a uma caricatura grotesca.

Rita Blanco, graças ao único papel verdadeiramente pensado deste filme, pode revelar que não é apenas um talento, é muito mais do que isso, pertence a essa raça de grandes actores que, num ápice, com um golpe de asa, transfiguram uma cena, imortalizam um plano.

Ela só, porém, não consegue salvar este filme que de qualquer modo merece atenção. O país que somos está lá no abandono desasado de um punhado de zés-ninguéns. Mas até por isto, ele merecia mais cuidado, mais rigor, mais hu-

mildade da parte do seu autor. Estimar João Canijo, acreditar nele como merece que acreditemos não passa por dizer que este filme «enfim, tem coisas boas...». Não. Passa por dizer que «bolas, tem coisas más», o homem de cinema que Canijo é tem a obrigação - estética e ética - de fazer melhor.

**

Fim da crónica para dizer que estreou para aí mais um filme com o qual não vale a pena gastar dez réis de latim. Chama-se «Ligações Sujas», diz de polícias corruptos e outros que não o são, termina como se imagina, fica-se a saber de Los Angeles o que já se sabia, é ver e OK quem dera, adiante. O cinema passa por um falhanço como o filme de Canijo. Por «Ligações Sujas» passa outra coisa: o entretém. Nada contra, mas tenho mais que fazer...

Rodrigues da Silva

CRÓNICA DE TOUROS

Curro e as moscas

Praça de Touros de Sevilha. Sexta-feira, 27 de Abril de 1990. Touros de Torrestrella para Curro Romero, Joselito e El Litri.

As moscas são insectos ligados à festa de touros. Sol e moscas, diz-se, e sem ânimo de ofensa. Porque se mosca é coisa chata, indesejada, em restaurante uma mosca na sopa dá direito a reclamação, o criado levando o prato para dentro com cara de caso, vozes na cozinha, gerente acorrendo a pedir mil desculpas, tudo por causa de uma mosca só, na praça de touros o insecto é aceite em quantidade não limitada, como uma existência natural, tão natural como o sol, que nesta tarde nublada não apareceu na Maestranza de Sevilha, as moscas não sei, confesso que não as vi, mas é suposto que existiriam, doutra forma Curro Romero não se poria assim a enxotá-las.

De facto o Faraó de Camas, quase sexagenário, parece que 57 anos já leva, nessa coisa de enxotar moscas tornou-se um especialista. E os especialistas, em princípio, são bem pagos. Quatro corridas teve Curro nesta feira de Sevilha, à módica quantia de nove milhões de pesetas cada uma, e parece que com um suplemento de mais quinze milhões por esta última, dado que seria transmitida em directo pela televisão, a Espanha inteira de olhos postos em Romero, suspensa do mistério, quem sabe se depois de três tardes espantando moscas não iria Curro reservar para a derradeira alguma variante, ao menos uma verónica, um passe qualquer, uma graça das suas. Mas não senhor. Curro estava ali para espantar as moscas dos touros, para mais coisa nenhuma.

Saiu o primeiro Torrestrella, ainda ninguém tinha visto se trazia moscas e já Curro com seu capote as sacudia. Depois da segunda vara, que o touro tomou codicioso, saiu Joselito ao quite, e com duas verónicas e meia suaves, pausadas, que iam ser o momento de beleza da tarde, mostrou ao veterano maestro que aquele touro pedia que o toureassem, não que do lustroso pêlo lhe espantassem as moscas. Mas Curro não se deu por acheado. Tanto mais que em bandarilhas, num par que seu peão Manolo Triana cravou com verdade, o touro lhe levantou os pés da arena, o corpo do toureiro suspenso da haste que a carne penetrava certa, um rasto de sangue deixou em seus passos angustiados até à trincheira, onde em braços o levaram, deixando na praça um sentimento de tragédia, e na expressão de Curro o ar afligido com que pegou na muleta, pelo menos havia o pretexto do sangue que vira derramado, como se Curro precisasse de pretextos para aquele bailado descomposto, procurando de qualquer maneira como apontar aos baixos o estoque, e nem aí se acabaram os sustos, precisou o Faraó de dez sobresaltados descabellos, até que por fim o touro caiu, e Curro se retirou com o seu ar compungido, a descansar na barreira do esforço que o público não reconhece nem agradece, mas em todo o caso aguenta, fica sempre uma esperança, é como dizia o outro, o público vai à praça para ver artistas, não gente honrada.

Mas se o frasco de suas essências não destapou Curro com o melhor touro da corrida, fechado a continuar no quarto, era a última oportunidade de Curro nesta sua feira de Sevilha, para ao menos ter um detalhe, uma postura, qual quê, o touro trazia moscas, ou se não trazia era a mesma coisa, havia que fingir que as enxotava, a muleta para cá e para lá, a figura descomposta, bem bastou levá-la direita e impávida quando no final saiu pelo alívio da porta da enfermaria, deixando pouco espaço para a chuva de almofadas, aliás as almofadas não têm chifres e as broncas também não.

Além de assunto para os estudiosos do fenómeno Curro, desse pasmoso cartaz que mantém através de tão lastimoso acaso, que ameaça prolongar-se até ao ano 92, celebrando a Exposição Universal de Sevilha, a corrida não deu mais de si. Os touros de Torrestrella, salvo o primeiro tiveram mais facha que motor, acusaram essa falta de casta que, de generalizada, reclama urgente remédio. E com eles, Joselito voluntarioso e com ofício, mas algo trêfalo em momentos luzidos com a capa, certo com a uspada, acabou ovacionado pelo esforço decoroso para sair de Sevilha com o triunfo que ainda destovado não logrou o jovem madrileno. E sem pena nem glória, a tarde de El Litri, com valor se paiou junto às hastas, mas carente de temple, afogando os inimigos com um toureiro opaco, cinzento, a dizer com a tarde sem sol, para já não falar das moscas, que essas enxotou as Curro Romero.

Solilóquio

Esta tarde, às 18 e 30

«Brandos Costumes» na Cinemateca

A retrospectiva de Frank Borzage (que continua na Cinemateca) e a de António Macedo (que se inicia no Teatro da Malaposta) marcam as Sessões Especiais da semana que hoje (cinematograficamente) começa em Lisboa.

Para além disto, pouco mais há, mas é deste «pouco» que se destaca um importante filme português, a exhibir na Cinemateca, hoje à tarde, inserido no ciclo Isabel de Castro. Trata-se de «Brandos Costumes», o filme de Alberto Seixas Santos que, iniciado em 1972, só viria a ser concluído em 1974, já depois do 25 de Abril. E se «O Mal Amado», de Fernando Matos Silva (1972) é o filme de um certo viver em Portugal nos anos finais do fascismo, «Brandos Costumes», de Alberto Seixas Santos é a melhor reflexão sobre o fascismo português que o cinema já produziu. Uma obra exemplar. Quanto a Borzage, registre-se que os seus filmes, a exhibir desde hoje e até quarta-feira, cobrem um período que vai de 1917 a 1931.

O calendário a seguir, com a resolução de alterações eventuais alterações de última hora.

Hoje, dia 10

Cinemateca (respectivamente, às 18 e 30 e 21 e 30): «Brandos Costumes», de Alberto Seixas Santos; e «Song O' My Heart», de Frank Borzage.

Amanhã, dia 11

Cinemateca (respectivamente, às 18 e 30 e 21 e 30): «The Gun Woman», seguido de «Back Pay», e «Doctor's Wives», todos de

Frank Borzage. Teatro da Malaposta (em Olival Basto, às 21 e 30): «Fatima Story», de António Macedo.

Depois de amanhã, dia 12

Cinemateca (respectivamente, às 15 e 30, 18 e 30 e 21 e 30): «Liliom», de Frank Borzage; «Liliom», de Fritz Lang; e «Carousel», de Henry King. Teatro da Malaposta (em Olival Basto, às 21 e 30): «As Horas de Maria», de António de Macedo.

Domingo, dia 13

Teatro da Malaposta (em Olival Basto, às 17): o mesmo programa do dia 12.

Segunda, dia 14

Cinemateca (respectivamente, às 18 e 30 e 21 e 30): «Billy Jim» e «Humoresque», ambos de Frank Borzage.

Terça, dia 15

Cinemateca (respectivamente, às 18 e 30 e 21 e 30): «Lerpar», de Luís Couto; e «The River», de Frank Borzage. Instituto Britânico (às 18): «The Elephant Men», de David Lynch.

Quarta, dia 16

Cinemateca (respectivamente, às 18 e 30 e 21 e 30): «The Minth Commandment», ambos de Frank Borzage. Instituto Britânico (às 18): o mesmo programa do dia 15.

CANAL DA CRÍTICA

Festival: num céu de 12 estrelas!

Eurofestival o desfile foi aberto pela Espanha, com o seu «Bandido».

Por detrás de uma batida à la moda, percebe-se a respiração flamenga. Vem daí um encanto especialíssimo. E aquela presença das duas ciganas, não lhes digo nada, tinha cá uma força...

A faladura era banal, exageradamente apaixonada. Como convém a uma cigana das boas, das autênticas, das andaluzas de Llorca.

Os leitores não têm nada com isso, mas eu explico. Gosto das pessoas excessivas, truculentas, excessivas, género Camilo, Ary dos Santos, A. Vitorino d'Almeida, Natália Correia. A Natália que estou a ver na segunda emissão de *Leituras*, que estou a ver preso à força do seu verbo: «Ser-se açoriano implica também ser-se patriota. Somos até mais portugueses do que muitos portugueses, porque somos depositários de um velho Portugal que está a desaparecer aqui!» Força, Natália. Fogo neles! A mesma Natália que sai em defesa de Teófilo Braga: «... um Pulido Valente que anda para aí a dizer que um país que admirou Teófilo Braga é um país sem interesse nenhum. Mas por mais que o senhor Pulido Valente ande, caminhe e avance, nunca chegará às peúgas rotas de um Teófilo Braga!»

Voltemos ao *Bandido*. Uma cigana confessa:

*A lua enfeitou-me
e levou-me a ti...*

A outra, muito séria, corrobora:

«Teus olhos, bandido,

*roubaram
o sangue e a vida
do meu coração.»*

Bandido? Deixem lá. É tudo ternura.

A segunda canção a sair do forno vinha da Grécia. Apenas sei que se chamava *sem objectivo*, porque me disseram. Não percebi mais nada a não ser aquele *s'agapo*, que deve querer dizer qualquer coisa como *amo-te*. Tirei pelas feições de *ágape*, que era a refeição em que os cristãos davam o beijo da paz, em memória do amor e da fraternidade. Lá vem no Camilo «... amor que une os positivistas nos seus ágapes...»

Desculpem o atrevimento, se erro. E o *ágape* continua...

Quem não chora...

... agora com a Bélgica a jogar forte na choraminguice do amor de fricassé e a afundar todos os meus projectos. Ou seja.

Pelas minhas contas, e dada a conjuntura comunitária, as canções dedicadas à CEE viriam em força. De facto, assim foi, particularmente naquelas duas que lutaram até de madrugada. Pensei em que, Bruxelas, etc., a Bélgica tomara a dianteira. Enganei-me. Veio um amor à adolecente, muito macedónio:

*Quando ela chora,
é todo o Adriático
que se deita
nos seus olhos.*

Brrrr! Assim por diante, até à conclusão:

Vocês podem chorar



«Você lembra-se de Simone?» (Simone de Oliveira em 27-2-73 durante a sua actuação durante o Festival TV da Canção desse ano)

*vocês podem rir
mas ela é mais bela
que todas as outras.*

Acredito. Voto na sinceridade. E na eficácia das lágrimas. Neste mundo, quem não chora, não mama. Vejam o que sucedeu ao dr. Mário Soares. Vejam lá se o *Telejornal* perde agora alguma das suas passeatas. Uma câmara segue-o para todo o lado, menos (até ver...) para a casa de banho. Certamente porque aí é ele que fecha a porta.

Turquia, a democrática

Depois, a Turquia, cantou (diz-se...) uma coisa chamada «Preso pelos teus olhos». Ainda teve a seu favor uns votos bem bons. Não sei mais nada, a não ser que a Turquia é um país democrático, premente à entrada na CEE. Lá, não existe liberdade, partidos políticos não podem exercer, direitos sindicais são ficção. Lá, é com sangue que se festeja ainda o Primeiro de Maio. A mania persecutória é tanta que, lá, até os olhos prendem. Só visto! Entretanto, democracia é com eles. Há até quem pense na CEE, que democracia os turcos têm quantum satis para efeitos de adesão.

(choro ou rio?)

Dormir, dormir...

Da canção da Holanda também não entendi patavina. Nem um dique, nem um moinho, nem uma tulipa. Sorte danada.

Já o mesmo não aconteceu com o Luxemburgo cuja canção (*quando sonho contigo*) narrava uma paixão inenarrável. Deus, Deus, como é que tão grande amor pode existir em país tão pequeno? Assim, mais ou menos:

*Vejo-te
em Singapura
à chuva de Cherbourg
no jardim do Luxembourg
sempre muito longe.*

*É como um verão
que começa.
Quando te sonho
tu me prendes
levantas-me
com um sorriso nos lábios.*

*Ah, as viagens que eu faço
em silêncio
quando te sonho!*

Vem no meu sonho...

Por causa destas e doutras é que o outro disse «dormir, dormir, sonhar talvez»...

Partilhar - à Inglesa

A cândida Inglaterra (quão longe ela está da «cínica Inglaterra, bêbeda imprudente de Guerra Junqueiro») amandou-nos com uma mensagem de alto valor ecológico-evangélico. Assim:

*Devolvam um pouco de amor
ao mundo
não podemos exigir
que seja ele apenas a amar-
nos
para sempre.*

*Um dia
os nossos filhos
poderão nada ter
para partilhar.*

*Amanhã pode ser
demasiado tarde.*

Será que a repressão policial contra as manifestações anti-Thatcher se inscreve neste registo?

Absolutamente discreto
A Islândia deixou-nos o seu

fio de música, fruto doce num clima severo. A Noruega falou do significado da abertura da porta de Arandemburgo - aliás os países de Leste também estiveram na ordem do dia. Israel, sem o fulgor da novidade doutros tempos, deu-nos uma produção monótona. A Dinamarca telefonou, em vão, a sua modinha ingénua.

Quanto à Suíça, houve a novidade de o intérprete se fazer acompanhar ao violino:

*Música
que voa pelo mundo inteiro
música
que o meu violino toca
e torna as minhas palavras
mais verdadeiras
música tão maravilhosa...*

A Alemanha, com tradições de qualidade musical, avançou com uma canção «revolucionária» e com sabor local:

*Viver livre
dia a dia
mão na mão
cada vez mais
aqui e agora
para lá
de todas as fronteiras.*

A França, habitualmente tão *je t'aime*, deixou-se agora disso e fez canção social:

*Nós, os lilack,
somos milhões
pacíficos
white and black
não importa a cor.*

*À percussão do tantam
todos se balançam
ao som dos white and black's
blues.
I am black!*

A Jugoslávia falava de chocolate. Portugal, absolutamente discreto (viria a receber pontos do Luxemburgo - homenagem e influência - e da Inglaterra, em obediência à tática da distribuição dos pontos) não deixaria pegada.

A Irlanda competiu até aos últimos minutos com a Itália a quem, ao dar os seus 12 pontos, e sem receber dela um único em troca, deu ela própria a vitória. O seu tema era igualmente a unidade europeia.

A Suécia, Chipre e Finlândia fizeram o seu percurso sem perturbações nem glórias. A

Áustria também se voltava para o Leste - é o que está a dar!

*O futuro
acaba de nascer
as palavras soam
aos nossos ouvidos!
Já não há muros!*

Como se sabe, a vitória pertenceu à Itália, quebrando-se assim o jejum de muitos anos. O tema da sua canção foi a unidade europeia:

*Contigo
tão longe e tão diferente
amigo
que acreditas na poesia
juntos estaremos
united, united Europe!*

*Sem fronteiras
sob as mesmas bandeiras
sob o mesmo céu
juntos estaremos
united, united Europe!*

*A Europa não está longe.
Há uma canção italiana
para vós, juntos,
united, united Europe!*

Assim termina aquilo que bem poderá vir a tornar-se o hino oficial da CEE. Uma espécie de Maria da Fonte comunitária.

Austera, apagada e vil

E lá passou mais um festival da canção. Que, entre nós, não suscita o entusiasmo, o calor de antigamente. Você lembra-se, Simone? Você arrancava um lugarzinho lá para baixo da tabela e até distribuía prospectos para a irmos esperar ao aeroporto. Muitos iam. Verdadeira multidão. Se alguém entre nós, nesse tempo, tivesse ganho um festival, ia para a Folhinha, tinha direito a comenda e a nome à esquina de uma rua bem central. Foi pena. Agora já não vejo modos disso. Até as cantiguinhas nos arrastaram para uma austera, apagada e vil tristeza. Caiu-se na chuchadeira. Quando para uma emissão de grande audiência, como é a eleição da misse, se convida Marco Paulo para cantar o *ai Joana!*, então é porque os médicos lavam daí as suas mãos e o doente vai para as malvas.

Mário Castrim



TEATRO DA GRAÇA
GRUPO TEATRO HOJE

CENAS

D
A
V
I
D
A
D
E

BENILDE

Subsídio SEC

SEGUNDO «BENILDE OU A VIRGEM MÃE» DE JOSÉ RÉGIO

ENCENAÇÃO: JORGE LISTOPAD

COM ALEXANDRA LENCASTRE, ALEXANDRE DE SOUSA, ANTONINO SOLMER, ELISA LISBOA, ISABEL DE CASTRO, JOSÉ FIGUEIREDO, JÚLIO MARTIN, RUY FURTADO

Em cena de terça a sábado às 21.30
Matinéas aos sábados e domingos às 16.00
Marcações pelos telefones 875626 e 875800

Lucio Muñoz em Portugal

Na Galeria Nasoni (Lisboa) é inaugurada esta noite, 21 e 30, uma exposição de trabalhos recentes de Lucio Muñoz, Prémio nacional de Artes Plásticas de Espanha e, no ano findo, Prémio CECOE da Pintura. A obra de Lucio Muñoz, que nasceu em Madrid em 1929, começa a desenvolver-se num momento historicamente crucial para a vanguarda artística espanhola do pós-guerra: os anos cinquenta. Realiza a sua primeira exposição individual em Madrid, em 1957, na Galeria

Fernando Fe, uma das poucas salas da cidade que se dedicava à arte de vanguarda.

A partir desse momento, o seu trabalho tem percorrido praticamente todo o mundo, sendo de destacar a sua presença na Bienal de São Paulo, em 1959, na Dokumenta de Kassel, em 1972, e na Bienal de Veneza, em 1976. Lucio Muñoz e os pintores Amalia Avia e António Lopes estão presentes na inauguração da exposição, que em 8 de Junho é apresentada no Porto, na Galerias Nasoni.

CULTURA E ESPECTÁCULOS

Acto

Carta aberta a Manuela de Melo

Vou confidenciar-lhe umas palavras que me disseram a seu respeito, já lá vão uns anos, e que nunca revelei. Foi no tempo de *A Casa de Bernarda Alba*, versão Fácio, por isso não se pode dizer que seja coisa recente. Você fazia uma das filhas da Bernarda, que por sinal era o Júlio Cardoso, já não me lembro qual e não tenho vagar para ver, e foi para muita gente que nunca a tinha visto trabalhar aquilo a que se chama uma revelação (antes andara pelo TUP). Depois disso, dissidentou-se com outros do TEP, e fundou o Grupo de Teatro António Pedro que rapidamente sucumbiu à proverbial falta de condições com que os grupos lutam, e ainda mais um grupo novo, do Porto. Depois veio a RTP um trabalho de qualidade excepcional na opinião deste telespectador; finalmente, vereadora da Cultura, como independente, na Câmara do Porto, de maioria socialista.

Do TUP - recordo as suas palavras ao José Manuel da Nóbrega no «Sete»: *vinha habituada ao teatro universitário que era uma coisa sem hierarquias definidas e sem as tricas que encontrei cá fora* - do TUP para a vereação da Câmara, um mundo, calculo, excessivamente burocratizado e hierarquizado que você, também calculo, querará transformar.

Falemos só de uma pequena parte desse mundo, a do teatro, que aqui especialmente me interessa. Os problemas que se levantam só de querer mexer-lhe! A começar por aquele a que se refere na mesma entrevista: o dinheiro, claro! O dinheiro, em primeiro lugar. Depois há o problema das prioridades. Eles são tantos os problemas que nem se sabe por onde começar. Que política teatral para o Porto, para a área do Grande Porto? A notícia da fusão de dois grupos - Os Comediantes e o TEAR - parece indicar o projecto da criação de uma companhia com estruturas mais sólidas, com mais capacidades tanto sob o ponto de vista de repertório como de montagem e de procura dos públicos.

Mas o problema deve por-se noutros termos: não será de retomar o projecto de Lucas Pires, quando ministro da Cultura, de um segundo Teatro Nacional para o Porto? Ou então um centro dramático apoiado pelo Estado e pelas autarquias da área? E quanto a salas? Aí está outro problema bocado. O Carlos Alberto decididamente não serve como

palco principal; o Rivoli, propriedade da C.M.P., vai ser outro problema po-lo operacional; o teatro de que o Porto precisa e que o Porto merece é evidentemente o São Carlos. Não seria preferível concentrar os principais esforços, no que se refere a este problema, na procura da resolução da questão São João? Sem esquecer que a Seiva Trupe precisa do seu espaço, já prometido; e que o TEP ainda não substituiu o seu recordado Teatro António Pedro. E o que se poderá fazer pelo TEP? Não é o TEP um referente histórico do teatro português que merece por isso um esforço especial? E o FITEI? E outros festivais portugueses? Ainda não falamos dos grupos de amadores que exigem, natural e inevitavelmente, atenção. E depois há o problema da formação.

Manuela de Melo: sejamos exactos - é indecente que não exista no Porto uma estrutura de formação técnico-artística a sério, ligada ou não, ao Conservatório de Música. É esse um outro caso a exigir esforços imediatos, a exigir sobretudo que o Porto bata o pé. O Porto, Manuela de

Melo, tem que aprender a bater o pé.

Pelas suas declarações, está a parecer-me que concordará que a solução, não a solução mas o entendimento dos problemas e as propostas para os resolver passam pela discussão por todos aqueles a quem possam interessar. Além dos próprios grupos, associações culturais, todas as entidades colectivas a quem o teatro diga respeito e que possam de algum modo contribuir para o enriquecimento deste debate - o teatro no Porto.

Antes de terminar voltamos ao princípio. Era numa das noites em que vi *A Casa de Bernarda Alba*, no Porto ou em Lisboa, já não sei. No fim, um grande actor perguntou-me: E aquela ali, quem é? Disse-lhe quem era. E ele: aquilo sim, é que é uma actriz. Pouco mais ou menos. Por isso sempre lamentei que tivesse deixado o teatro.

Espero que esta seja uma boa maneira de acabarmos. E espero sobretudo vê-la um dia destes numa qualquer estreia portuguesa. Ou será que aí acontece o que acontece aqui: os nossos governantes da área têm tanto que fazer que raramente os vemos.

A não ser no Dia Mundial do Teatro, claro. Com as medalhas.

Carlos Porto



«Na Solidão dos Campos de Algodão»: João Perry e Mário Viegas

Cartaz

Só visto

A Floresta de Alexandre Ostrovski. CDIAG. Teatro da Malaposta/De 3.ª a sábado, 21.30; dom., 16.

Inimigos de Nigel Williams. Pro Tea. Clube Estefânia/De 3.ª a sáb. 21.30; dom., 16.30.

Na Solidão dos Campos de Algodão de Bernard-Marie Koltès. Novo Grupo. Teatro Aberto/De 5.ª a sáb., 21.30; dom., 17.

A ver

Cenas da Vida de Benilde de José Régio e António Patrício, revistos por Jorge Listopad. Teatro Hoje. Teatro da Graça/De 3.ª a sáb., 21.30; dom., 16.

Klassikus Kabaret de Fernando Gomes. Chapitô/De 5.ª a sáb., 21.30.

Teatro Doce Teatro de Edward Radzinsky. Casa da Comédia/De 3.ª a sáb., 21.30; dom. 16.

Vitória! Vitória. Maria Vitória/De seg. a dom., 20.30/22.45.

What Happened to madalena Iglésias de Filipe La Féria. T.A.B.C.

A ver vamos

O Fim de António Patrício. Teatro Ibérico/De 3.ª a sáb., 21.30; dom. 17.

A Ilusão Cómica de Corneille. CD.E.T Garcia de Resende. Até 27/5, excepto: 11, 12, 13, 20 e 21.

Festival Internacional de Marionetes - Porto/2-13 Maio 1990.

1990/Maio

2 - *Sonho duma Noite de Verão*, de William Shakespeare. The Renaissance Theatre Company. T. São Luiz. Estreia em Lisboa, gala.

3 - *Rei Lear*, de William Shakespeare. The Renaissance Theatre Company. T. São Luiz, Estreia em Lisboa.

Cenas da Vida de Benilde, de José Régio/O Judeu, de António Patrício. Dramaturgia: Jorge Listopad. Teatro Hoje. Teatro da Graça.

A Ilusão Cómica, de Corneille. C.D.E. T. Garcia de Resende.

* Incêndio destrói sala 2 da Casa da Criança, da Comuna, onde O Bando tinha pronto para estreiar o seu novo espectáculo sobre a estória de João Guimarães Rosa, *A Terceira Margem do Rio*.

* *Um Modelo Próprio de Gestão*. Encontro/

Debate com os elementos da Renaissance Theatre Company. Salão Nobre do Teatro Nacional D. Maria II.

Max e Mila, de Volker Ludwig. TEP. Instituto Alemão. Estreia em Lisboa.

4 - *Teatro Doce Teatro* de Edward Radzinsky. Casa da Comédia.

O Terror e a Miséria no Terceiro Reich (Cena da Judia), de Bertolt Brecht. 2.º Ano do Curso de Teatro (Formação de Actores) E.S.T.C. Centro de Estudos Judiciários.

* *Sonho de uma Noite de Verão/Rei Lear*. Debate com os críticos de Teatro. Salão Nobre do T.N.D. Maria II.

Festival Internacional de Marionetas - Porto 2/13 Maio 1990.

A Quarta Margem do Rio

A quarta margem do rio é o lugar do fogo. É aí que a água arde. A terceira margem do rio é o lugar do tempo. É aí que o homem morre. A quarta margem do rio é o lugar onde o actor arde onde o teatro arde onde a vida arde. O lugar do fogo é o lugar da noite onde todos os sonhos são perecíveis excepto o da esperança

(Para o Bando/para a Comuna.)

URSS 1990

VIAGENS

09-04 a 20-04 Páscua	06-08 a 17-08 3 Cidades
27-04 a 11-05 1.º de Maio	06-08 a 20-08 Clássico
04-06 a 15-06 3 Cidades	10-08 a 24-08 Clássico
15-06 a 29-06 Noites Brancas	13-08 a 24-08 3 Cidades
02-07 a 16-07 Clássico	13-08 a 27-08 Báltico
09-07 a 23-07 Báltico	20-08 a 31-08 3 Cidades
16-07 a 30-07 Clássico	24-08 a 07-09 Sibéria
30-07 a 13-08 Cáucaso	31-08 a 14-09 Moldávia
03-08 a 17-08 Báltico	03-09 a 14-09 3 Cidades

PEÇA PROGRAMA DETALHADO

Rua da Glória, 43 (aos Restauradores)
1200 LISBOA Telf. 37 31 10/1
Alv. Op. 414

SÉRGIO GODINHO, ESCRITOR DE CANÇÕES

ABRIL 27 • 28 • 29 • 30

MAIO 3 • 4 • 8 • 9 • 10 • 11 • 15 • 16 • 17 • 18 • 19

um êxito

Uma arrebatadora actuação, sabiamente encenada até ao mais ínfimo pormenor.

FERNANDO MAGALHÃES, PÚBLICO

É com deslumbramento que reconhecemos que como escritor de canções a sua criatividade é inegável.

MARIA JOSÉ MARQUES, DIÁRIO DE LISBOA

Desta vez, S.G. aceitou o risco maior... nenhum grande cantor canta hoje assim em Lisboa, a sós, quase em segredo.

INÊS PEDROSA, EXPRESSO

Um espectáculo de corpo inteiro... que puxa pelas canções até ao limite.

JOÃO GOVERN, CAPITAL

Em 1990, o certo é que ele é o mais coerente e o melhor escritor de canções... despidas de ornamento, elas tornaram-se estranhas, surpreendentes sucessões de palavras familiares, e novas.

RUI MONTEIRO, BLITZ



Auditório do Instituto Franco-Português
A partir de 27 Abril às 21h30

Av. Luís Vilar, 91 - Lisboa Tels. 54 67 78 / 54 43 89

Músicos:

MANUEL FARIA (piano e sintetizadores)

NANI TEIXEIRA (baixo eléctrico)

Direcção:

RICARDO PAIS

Produção:

PAULO PULIDO VALENTE (em colaboração com UNIÃO LISBOA)

Bilhetes à venda na Sala de Espectáculos e Agências ABEP e ALVALADE

Patrocínios:

CAMARA MUNICIPAL DE LISBOA

EMI VALENTIM DE CARVALHO

Apoios:

INDEPENDENTE

PÚBLICO

BLITZ

DESPORTO

Sampdoria, 2-Anderlecht, 0

Taça das Taças viajou para Génova

Depois da certeza de que a Taça UEFA ficará em Itália, dado que a final é discutida entre a Fiorentina e a Juventus, mais um clube italiano inscreve o seu nome no painel de honra da UEFA, ao arrecadar a Taça das Taças. Foi ontem, na cidade sueca de Gotemburgo, que a Sampdoria cometeu a sua primeira grande proeza internacional ao vencer, na final e depois do prolongamento, os belgas do Anderlecht, por 2-0 com golos rubricados pelo talentoso Gianluca Viali.

Resta agora ao Benfica ter a capacidade, força, agressividade e talento bastantes para evitar um cometimento que seria singular no historial da UEFA com as três competições a serem, na mesma temporada, conquistadas por clubes do mesmo país.

O encontro de ontem (presenciado por pouco mais de 20 mil espectadores) desenrolou-se sem grande emotividade e com alguns lances a passarem as normas, pelo que o árbitro Bruno Galler (Suíça) foi forçado a exibir a cartolina amarela por três vezes, contemplando Keshi, Carboni e Nannini.

As equipas alinharam assim:

SAMPDORIA: Pagliuca; Mannini, Vierchowod, Pellegrini (cap.) e Carboni; Invernizzi (Lombardo, 56), Pari, Katanec, (Salsano, 93) e Dossena; Mancini e Vialli.

ANDERLECHT: De Wildé; Grun (cap.), Keshi, Marchoul e Kooiman; Vervoort, Gudjohansen, Musonda e Jankovic (Oliveira, 116), Degryse (Nilis, 104) e Van der Linden.

Europeu de Sub-21

As selecções da URSS e da Jugoslávia qualificaram-se para a final do Campeonato Europeu de Esperanças (sub-21), tendo os jugoslavos eliminado a Itália (0-0 e 2-2) e os soviéticos afastado a Suécia (0-0 e 2-0).

Um ror de incidentes em 24 horas

Tudo acontece no desporto português!

Vai turbulenta a vida do desporto português. Veja-se, assim e de uma só assentada: susto tremendo dos ciclistas da Sicasal em terras espanholas (onde bombas colocadas pela ETA obrigaram o abrandamento da prova), assassinato a tiro, num bar de Pombal, de João António Batista dos Santos (ex-presidente do União de Leiria), com o autor confesso (António Henriques Gomes, proprietário do bar «U 13», detido pela Polícia) e o bem conhecido técnico benfiquista Eriksson envolvido num acidente de viação e a escalar por um triz à pior consequência de um choque de automóveis ocorrido na estrada marginal, Eriksson ia para sua casa, em Cascais, perfeitamente na faixa direita, quando um carro (que conduzia José Alberto Santos Ferreira e Regina Helena Brás Rodrigues) se despiçou e, saindo do seu corredor foi embater no veículo conduzido pelo treinador da água, provocan-

do ferimentos no casal, que, por razões desconhecidas, provocou o acidente. Escapando ileso, Eriksson terá de concordar que teve uma sorte tremenda.

O mesmo não aconteceu, tal como já ontem tínhamos adiantado, às representações futebolísticas do Sporting e do Porto, que compareceram na cidade francesa de Fontainebleau para um jogo ante a colónia de emigrantes. O promotor do encontro (Xavier Dquest), que vendia bilhetes entre 150 e 250 francos (de 4000 a 6750 escudos), apenas viu entrar cerca de 2000 espectadores e como a verba reunida não chegasse sequer para pagar as hospedagens, retirou-se pela porta baixa. Só que, ante os protestos dos dirigentes dos clubes portugueses lá lhes deu uns francozitos, ficando a contas com a Polícia francesa, obrigado agora a explicar onde vai arranjar o resto do dinheiro para os «cachets» e as verbas que

está devendo por viagens, hospedagens e alimentação das duas comitivas e mais de meia dúzia de jornalistas que tinham aceite convite para o passeio. O espantoso é ainda acontecer, quase em fim de século, dois clubes de alto prestígio e com dirigentes qualificados, experientes e sabedores, enfiarem «barretes» deste estilo.

Afinal, talvez tudo isto tenha uma boa paridade com o actual momento do nosso desporto, onde, desde jogos onde falta a luz e têm de ser totalmente repetidos e outros onde calha acontecer exactamente o mesmo ficam por ali, onde juízes vergastados por mil casos e problemas continuam a ser (teimosos e violentamente) utilizados quando andam com a moral abaixo da linha de água, quando centenas de técnicos e jogadores (dos mais diferentes escalões) se queixam de vencimentos em atraso mas os dirigentes dos seus clubes

prosseguem na abordagem a «estrelas» e «cometas» em negócios de milhões, quando se sabe que a utopia lusitana teima em organizar campeonatos mundiais mas o Estádio Universitário de Lisboa está a cair em estilhaços, quando as ofensas verbais entre responsáveis de colectividades do mais alto nível saltam de trincheira para trincheira, quando parece que se confirma a corrupção em diferentes degraus da escala desportiva, que se poderá mais esperar deste desporto português?

Talvez só fechando as portas, correndo os tapais, trancando as janelas. Se alguma coisa ainda não está totalmente perdida, salvem-se os poucos anjos bons da queda numa imensa fogueira. E, pelo não, não andem muito pelas estradas nem circulem por locais privados de frequência muito turbulenta.

Neves de Sousa

Vuelta: ETA manda cartão-de-visita

A etapa de ontem da Volta a Espanha foi assinalada com o rebentamento de dois engenhos explosivos, com o primeiro a estoirar antes do início da prova (em Logrono) e o outro a rebentar quando os ciclistas haviam percorrido 80 quilómetros. Não resultaram acidentes pessoais e o gabinete do governador de Logrono revelou ter recebido várias chamadas telefónicas de alegados elementos da ETA (movimento separatista basco) reivindicando a primeira explosão e anunciando que outras bombas seriam colocadas ao longo do percurso.

O alemão Uwe Raab (da RDA) foi o primeiro a cortar a meta em Pamplona com Manuel Abreu a entrar na 6.ª posição. Cassio Freitas, que na terça-feira havia conseguido o 11.º posto no contra-relógio foi o último representante da Sicasal a chegar à meta, gastando mais três minutos e 38 segundos do que o vencedor.

A classificação geral é liderada pelo italiano Marco Giovannetti (69 horas, 47 minutos e 27 segundos) e os portugueses estão assim escalonados: 79.º, Serafim Vieira, a 1.00.29 horas; 98.º, António Pinto, a 1.15.08; 102.º, Jorge Silva, a 1.18.34; 108.º, José Poira, a 1.25.19; 109.º, Cassio Freitas, a 1.25.34; 129.º, Manuel Abreu, a 1.40.06; 138.º, Fernando Mota, a 1.50.30.

GP Costa Azul

Mercê de bonificações obtidas numa fuga de 110 km, o ciclista José Dias, do Alguerra, envergou a camisola amarela no final da etapa de ontem da 6.ª edição do Grande Prémio Costa Azul ganha por Delmino Pereira, da Recer/Boavista e disputada entre Almada e o Seixal na distância de 165 km.

Por equipas, comanda a Orima/Cantanhede, seguindo-se a Recer/Boavista a um segundo e a Ruquita/Feirense a 13 segundos e na geral individual os melhores posicionados são: 1.º, José Dias, Alguerra, 4.36.27 horas; 2.º, Delmino Pereira, Recer/Boavista, a 06 segundos; 3.º, Francisco Carvalho, Avibom, a 09; 4.º, Pedro Silva, Recer/Boavista, a 11; 5.º, Luís Domingos, Orima, a 12; 6.º, Diamantino Marques, Orima, mt; 7.º, Marco Chagas, Orima, mt; 8.º, Joaquim Carvalho, Orima, mt; 9.º, Fernando Valente, Ruquita/Feirense, a 14 segundos; 10.º, Paulo Couto, Avibom/Lousa, mt.

Acácio na Romandia

Acácio Silva, que ontem obteve o 8.º lugar na primeira etapa da Volta da Romandia, subiu do 22.º para o 10.º posto na geral, encontrando-se a 50 segundos do líder o suíço Rolf Jaermann.

Futebol continua malcomportado

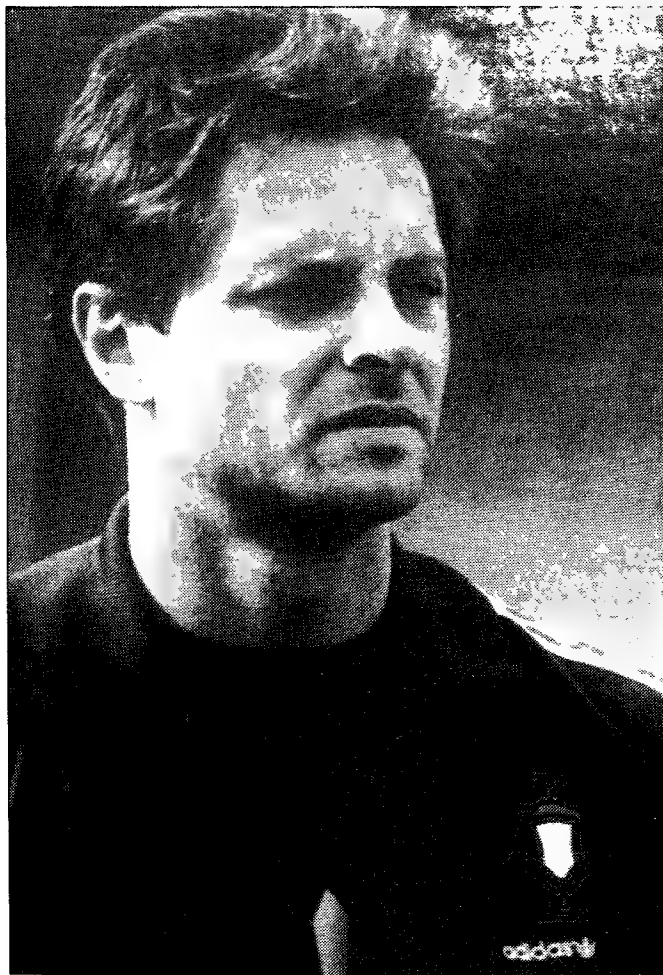
O arremesso de objectos para o campo (cinco casos) e as agressões a árbitros (três) foram alguns dos incidentes registados pelos agentes da Guarda Nacional Republicana que no passado fim-de-semana policiaram recintos desportivos.

Da síntese enviada aos órgãos de informação pelo Comando-Geral da GNR, fazem ainda parte, nomeadamente, duas invasões de campo, um caso de agressão a jogadores e outro de injúrias e ameaças a árbitros.

A maioria dos incidentes, (nove) ocorreram em campos do distrito do Porto, seguindo-se dois no distrito de Aveiro, dois em Braga e um do distrito de Faro, num total de 14 confrontos.

UEFA poderá «recuperar» o Ajax

O presidente da UEFA (Lennart Johansson) anunciou, em Amesterdão, de que aquele organismo irá considerar o apelo do Ajax relativamente ao castigo que lhe foi imposto, interditando-o de participar em provas da UEFA na próxima temporada. Recorde-se que a penalização imposta ao clube holandês, resultou de actos de indisciplina (lançamento de petardos explosivos) quando do encontro com o Áustria de Viena a contar para a Taça UEFA e realizado em Setembro.



Norton de Matos: vítima de estranha manobra?

Nomes no grande baile

Treinadores e jogadores, neste termo de época, andam num virote, Manuel Fernandes continua nas cogitações do

Estrela da Amadora, Manuel Barbosa muda-se do Boavista para o Feirense, Norton de Matos («embrulhado» num complicado imbróglio que toca na mudança do jovem al-

cantarense Camberra, da Tapadinha para as Antas) tem em sério risco o lugar no bloco técnico federativo (onde não tem qualquer contrato rubricado) e, face à recusa de Ivic a Sousa Cintra, talvez avance a candidatura do holandês Guus Hiddink para Alvalade. O técnico jugoslavo exigia, no mínimo, quatro reforços de classe internacional: dois pontas-de-lança, um «back» direito e um centro-campista. Hiddink ou (mesmo) o espanhol Javier Clemente, ambos na situação de desempregados, não devem abrir tanto a boca. Nem a bolsa...

Por seu turno, os atletas também andam na baila. O Portimonense pretende os benfiquistas Dias Graça, Paulinho e Paulo Madeira, mais os sportinguistas Sérgio, Vital, Litos e Carlos Xavier, tudo devendo ficar esclarecido a 19 do corrente, quando a assembleia geral do clube de Manuel João deitar contas a vida futura. Saídas quase garantidas de Portimão: Aurélio (Gil Vicente, Marítimo ou Amadora), Skoda (Sporting da Covilhã, Setúbal ou Estrela da Amadora) e José Pedro (Nacional da Madeira). Ao mesmo tempo, o zaireense Tueba deixa o Tirsense ingressando no Farense. Quanto ao Beira Mar também se reforça com Oliveira (Marítimo), Miro (Académica de Coimbra) e Spassov (Paços de Ferreira).

DESPORTO

A principal luta contra o «doping», não é punir o atleta mas sim desencorajá-lo de práticas que contrariam a verdadeira essência do desporto (Lesseps dos Reis)

«Doping»: cerco vai apertando

Um novo programa de controlo, com testes-surpresa, diversificação das modalidades e incidência nos desportos de «alto risco», é fundamental para ter uma «imagem real da dopagem em Portugal» — defendeu o director técnico do Laboratório de Doping e Bioquímica (LABD).l;

As situações referidas em termos estatísticos podem não descrever o que se passa realmente. Se os testes fossem aleatórios e realizados sem aviso prévio o panorama poderia ser mais exacto, afirmou Jorge Barbosa.

O Laboratório de Doping e Bioquímica do Centro de Medicina Desportiva, em Lisboa, é um dos 20 laboratórios acreditados pelo Comité Olímpico Internacional e responsável pelas análises «antidoping» em Portugal.

Em Portugal, os testes de controlo incidem maioritariamente — cerca de 80 por cento — no ciclismo e no futebol deixando quase esquecidas modalidades de alto risco, salientou o director técnico do LABD numa sessão sobre dados estatísticos sobre a prevalência da dopagem a nível mundial e a nível nacional, integrada no curso de auditores de informação desportiva, organizado pela Direcção-Geral dos Desportos. Além disso, os testes realizados a nível nacional referem-se ao período pós-competição por não haver legislação para a penalização de casos positivos em período de treinos ou pré-competição, à semelhança do que acontece em alguns países, especialmente em certas modalidades.

Assim e porque o «doping» usado difere segundo as características e exigências de cada desporto, os resultados obtidos em Portugal diferem substancialmente dos registados pelos restantes 29 laboratórios acreditados internacionalmente, designadamente no que se refere às substâncias detectadas.

Quando saímos um pouco da esfera do futebol e do ciclismo poderemos ter mais resultados positivos, à imagem real da dopagem em Portugal, afirmou Jorge Barbosa, referindo como exemplo as experiências efectuadas

com as federações de halterofilismo e culturismo, em 1986 e 1988, respectivamente. Em 1986, em 10 amostras recolhidas no halterofilismo, seis tiveram resultados positivos, e em 1988, no culturismo, em 14 análises, houve sete positivas, cinco das quais com duas substâncias dopantes.

Para a realização dos testes e correcta comparação de resultados com outros países, o LABD utiliza os mesmos protocolos analíticos dos restantes 19 laboratórios acreditados pelo COI, submetendo-se todos a três «exames» anuais do Comité Olímpico.

Segundo Lesseps dos Reis, responsável científico do LABD depois de uma primeira fase de criação de meios instrumentais em termos laboratoriais e jurídicos, a luta «antidoping» está agora numa fase de viragem.

A campanha contra o «doping» começa agora a incidir sobre a informação e a formação, tendo como alvos principais os atletas, toda a comunidade desportiva (treinadores, massagistas, médicos e diri-

gentes desportivos) e a própria opinião pública, estando já previsto um simpósio internacional, a realizar em Viena, ainda em 1990, para debater programas educativos.

Assim, numa intervenção sobre *deontologia profissional e responsabilidade ética do jornalista no que respeita ao fenómeno da dopagem no desporto*, Lesseps dos Reis referiu que o objectivo principal da luta contra o «doping» não é punir o atleta mas sim desencorajá-lo de práticas que contrariam a verdadeira essência do desporto.

O responsável científico do LABD referiu também que o COI pretende constituir brigadas internacionais para recolha de amostras dos atletas pré-seleccionados para os Jogos Olímpicos, de forma a que todos sejam controlados antes de saírem dos respectivos países. Este procedimento permitirá, também detectar casos em que as substâncias dopantes são utilizadas no período pré-competitivo e suspensas dentro das margens de risco para evitar testes positivos em competição.

B R E V E S

Torneio do Alverca

O Futebol Clube de Alverca promove, a partir de amanhã até domingo, mais uma edição do Torneio Internacional de Futebol Juvenil, com a participação do Benfica, FC Porto, Boavista, Estrela da Amadora, Atlético de Madrid e o clube organizador. Amanhã (a partir das 20 horas e 30) jogam Benfica-Boavista e Alverca-Porto; no sábado (início às 10 horas) teremos: Boavista-Estrela da Amadora, Porto-Atlético de Madrid e Benfica-Estrela da Amadora (este às 17 h); domingo (10 horas) terão lugar os confrontos para apuramento da respectiva classificação para, às 17 horas, decorrer a final.

Colaboram os seguintes árbitros: Vítor Correia (que dirigirá a final), António Marçal, Sepa Santos, Jorge Coroado, Vítor Pereira, Fernando Correia, Ezequiel Feijão e Juvenal Silvestre.

No domingo (20 horas), decorrerá o jantar entre todos os protagonistas do torneio.

Cartão Jovem

Os portadores do Cartão Jovem poderão beneficiar de um desconto especial nos seguintes encontros da próxima jornada do Campeonato Nacional de Futebol da 1.ª Divisão: Nacional-Chaves, Beira Mar-Penafiel, Setúbal-Portimonense, União-Marítimo, Boavista-Braga e Tirsense-Feirense. De fora ficaram: Estrela da Amadora-Benfica, Sporting-Belenenses e V. Guimarães-FC Porto.

Escândalo à italiana

O presidente do clube italiano Udinese, Gianpaolo Pozzo, é acusado de um presumível acordo para garantir um resultado positivo para sua equipa num jogo do campeonato italiano de futebol, e foi já interrogado pela polícia.

Pozzo poderá estar envolvido na irregularidade desportiva, referente ao jogo com o Lazio, em Roma, a 22 de Abril, e que terminou sem golos.

A notícia do escândalo caiu como uma «bomba» nos meios desportivos de Udine, depois de Pozzo ter denunciado presumíveis irregularidades cometidas por futebolistas do Cesena e do Génova, que a confirmarem-se poderão garantir o regresso imediato da Udinese à primeira divisão.

Rematadores

O mexicano Hugo Sanchez, completou o campeonato espanhol com 38 golos mas a conquista da Bota de Ouro ainda está ao alcance de outros concorrentes nomeadamente o austríaco Gerhard Rodax que, ao serviço do Admira Wacker, já rubricou 35 remates certos restantes ainda dois encontros. Para as Botas de Prata e Bronze, Polster (Sevilha) somou 33 golos, Mats Magnusson (Benfica) conta 32 faltando-lhe dois encontros e o francês Papin ocupa o 5.º posto com 30 golos, faltando-lhe disputar, igualmente, dois jogos.

RDA: como vai o campeonato

Quando restam duas jornadas para o termo do campeonato da RDA, mantém-se a luta pelo trono com o Dínamo de Dresden e o FC Chemnitz no topo da classificação com 33 pontos, enquanto o FC Magdeburgo se encontra na 3.ª posição com 32, depois de baquear, no encontro da passada terça-feira, frente ao Energie Cottbus por 0-2.

Uruguaia testa selecção

A selecção uruguaia empatou (1-1) frente a um misto de Sevilha, em encontro particular de futebol integrado na sua preparação para o Mundial em Itália.

A equipa da Andaluzia, reforçada com jogadores dos melhores clubes espanhóis, abriu o activo, aos 18 minutos, através do médio Adolfo Aldana, do Real Madrid, tendo os uruguaia igualado, aos 75, por intermédio de Fabriel Correia.

O seleccionador uruguaio Oscar Tabarez efectuou seis substituições ao longo do jogo, tendo a partida sido presenciada pelo técnico da selecção espanhola, Luís Suarez, que «espionou» os jogadores sul-americanos.

Xadrez: Fernandes em frente

António Fernandes e o espanhol Miguel Illescas passaram à fase final da zona I-C em xadrez, cujo vencedor irá participar no torneio interzonal em Baguio (Filipinas), a partir de 29 de Junho.

Illescas foi o vencedor da fase prévia do torneio disputado em Los Yébenes, nos arredores de Toledo, com seis pontos após a sétima jornada, enquanto o mestre internacional António Fernandes, que na última jornada venceu o italiano Bruno Bellotti, foi o segundo classificado com 4,5 pontos.

Bjorn Borg nunca «snifou»

A revista sueca «Z» foi condenada a uma multa de 58 mil dólares (cerca de nove mil contos) por ter difamado, Bjorn Borg, por alegado consumo de cocaína.

O júri do processo, constituído por nove membros, tomou a decisão, horas após Bjorn Borg ter intempestivamente abandonado a sala de audiências, alegando que «a verdade não estava a vir ao de cima».

A súbita atitude de Borg seguiu-se a recusa do tribunal em permitir a chamada de uma pessoa que não se encontrava no rol das testemunhas.

A ex-estrela mundial do ténis processou a revista satírica «Z» no seguimento de uma entrevista na qual a antiga companheira de Borg, Jannicke Bjorling, acusava o ex-tenista de ter «snifado» cocaína num bar de Estocolmo e de a ter introduzido no mundo da droga, após terem travado conhecimento em 1984.

Apesar de leitura da sentença em julgado do processo apenas ser lida no dia 14, Borg parece ter feito vingado a sua tese, na qual rejeitava ter alguma vez utilizado qualquer estupefaciente.

Entretanto, o editor da revista «Z», Jorgen Widsell, anunciou já que irá recorrer de um eventual resultado desfavorável do processo em curso, tendo um dos advogados da publicação mostrado confiança em ganharem o caso em segunda instância.



Diego Maradona pretende apresentar-se em plena forma física no próximo Campeonato Mundial de Futebol e, para que isso suceda, terá de reduzir uns quilos. A tarefa já começou e o objectivo é fazer baixar os ponteiros da balança colocada no Centro de Medicina Desportiva de Roma

DESPORTO

Reinserção dos clubes ingleses na UEFA

Mundial-90 servirá de teste

A Grã-Bretanha é *totalmente contra* o regresso dos clubes ingleses às taças europeias de futebol até ver como vão comportar-se os seus adeptos no Mundial Itália-90 — afirmou Colin Moynihan, ministro britânico dos Desportos.

A readmissão dos clubes ingleses por parte da União Europeia de Futebol (UEFA) seria um acto «irresponsável», a verificar-se antes do termo do Mundial, segundo o responsável governamental britânico.

As advertências foram produzidas em Roma, onde Colin Moynihan debateu com as autoridades italianas a melhor forma de controlar os adeptos ingleses de futebol que venham a deslocar-se a Itália para assistir ao Mundial de Futebol.

Não há qualquer hipótese de o Governo britânico apoiar o regresso dos clubes ingleses às taças europeias se não passarmos no teste — o julgamento será no campeonato do Mundo — disse Moynihan.

O ministro britânico referiu que o presidente da Federação Italiana de Futebol Antônio Matarrese, que é simultaneamente vice-presidente da UEFA, apoia também o adiamento de uma decisão sobre o assunto que deverá ser discutido pela União Europeia no dia 24, em Viena.

Segundo Matarrese, qualquer que seja a decisão tomada pela UEFA, ela surgirá, muito provavelmente, demasiado tarde para que os clubes ingleses possam entrar nas competições europeias de clubes à próxima temporada.

Moynihan defendeu o adiamento devido aos violentos confrontos ocorridos no último sábado, em Bournemouth, entre a Polícia e cerca de 2500 adeptos de futebol, que provocaram pelo menos 20 feridos e mais de uma centena de detenções.

Antônio Matarrese advertiu que os adeptos ingleses serão mandados de regresso caso se embriaguem e serão detidos ao mínimo problema que causem durante o Mundial, que começa a 8 de Junho, em Milão.

Câmara de Oeiras apoia clubes

A Câmara Municipal de Oeiras atribuiu um conjunto final de subsídios a diversas colectividades para apoio à manutenção de actividades desportivas, no valor global de 2450 contos.

Por outro lado, a Câmara concedeu subsídios no valor de 925 contos destinados a apoiar a organização de dife-

rentes iniciativas desportivas a integrar nas festas do concelho.

O Clube Desportivo de Paço de Arcos (225 contos), a Associação Portuguesa de Orientação (300 contos), Clube Escola de Ténis de Oeiras (250 contos) e a Associação Desportiva de Oeiras (150 contos) foram as colectividades subsidiadas.

URSS: desporto e criminalidade

Um número cada vez maior de atletas, entre os quais alguns nomes célebres, tem vindo a marcar presença nas páginas da secção criminal da imprensa soviética. «Os 'gangs' mais importantes contam, por vezes, com dezenas de antigos atletas nas suas fileiras», constata Alexandre Gourov, chefe da direcção da Luta Contra a Mafia do Ministério do Interior da URSS.

Bolochine, ex-pugilista de pesos pesados, de Tachkent, colocou-se à margem da lei. Este «hércules», com, uma centena de quilos de peso, após o abandono do ringue, seduzido pelo lucro deixou-se recrutar como guarda-costas de um «patrão» da mafia local, para seguidamente criar o seu próprio «bando», até ver a sua «nova carreira» interrompida pelos agentes da ordem. Este não é um fenómeno recente, mas, anteriormente à «perestroika» constituía matéria tabu, sendo proibida a sua divulgação pela imprensa. Acresce que, nos últimos anos

tem vindo a intensificar-se.

Com a ascensão ao direito de cidadania das cooperativas e empresas individuais na sociedade soviética, os bandos de mafiosos encontraram maior campo de acção, pelo que começaram a recrutar um maior número de «homens de mão» para exercerem a sua chantagem.

O facto de os desportistas constituírem um campo de recrutamento privilegiado pelos mafiosos deve-se, na opinião do chefe da direcção de combate à mafia, «à ausência de perspectivas reais no termo da carreira desportiva».

Também Valery Syssoiev, deputado do povo da URSS e personalidade conceituada nos meios desportivos soviéticos, afirma, sem margem para dúvidas, que «ao nos empenharmos muito em desenvolver o desporto de alto nível favorecemos, involuntariamente, o banditismo». Explica que em certas modalidades, adiando a luta como exemplo, a URSS possui uma dezena ou mais de atletas com uma capacidade

idêntica.

Nestas condições, segundo a lógica do deputado, unicamente um ou dois desses atletas ascenderem, por um golpe de sorte ou qualquer outro motivo, à glória, o que lhes garante o reconhecimento público e a recompensa pelo trabalho e esforço desenvolvidos.

Enquanto isso, os outros atletas, que em nada se acham inferiores ao líder, permanecem eternamente na sombra dos lugares inferiores, não conseguindo sequer garantir o futuro. Nesta situação de frustração, conclui Syssoiev, quando surge um «recrutador» da mafia operando-lhes tudo o que lhes foi «injustamente» recusado, a proposta torna-se irrecusável.

Para o presidente do Goskomsport da URSS, Nikolai Roussak, é preocupante o crescente número de especialistas e treinadores que abandonam a carreira desportiva devido à perda de prestígio e baixo nível de remuneração

das carreiras.

Roussak diz que há uma grande preocupação com o destino dos atletas que abandonam o desporto, pelo que começam a ser dados passos na resolução dos seus problemas. Refere concretamente que começaram a ser atribuídas pensões de reforma, por enquanto só aos atletas medalhados. Também foram criados fundos de assistência a antigos atletas do modo a permitir-lhes sair do quadro da caridade.

O presidente do Goskomsport afirma a disposição de trabalhar no sentido da solução destes problemas, tendo sido já pedido ao Governo o aumento dos salários dos treinadores.

Roussak termina as suas declarações sublinhando que para romper os laços entre o desporto e o mundo criminal, se impõe a elaboração de programas sociais, o que já começou a ser feito, facto que, no entanto, não retira o problema da ordem do dia.



«Golfinhos» nos Olivais

O vereador do pelouro de Desporto da CML (eng. Rego Mendes) que se encontrava acompanhado por Tomás Baltasar (Clube Shell), Vítor Nogueira (presidente da Federação Portuguesa de Natação), John Casqueiro (Clube TAP), presidiu a um encontro com os jornalistas, para anunciar o empenhamento da CML em patrocinar o Meeting Internacional de Natação que decorrerá no próximo fim-de-semana na piscina dos Olivais com a participação de 460 atletas em representação da Dinamarca, Espanha, Andorra, Finlândia, RDA e RFA para além da presença das representações de todos os clubes portugueses com o Sporting, Benfica e Sport Algés e Dafundo e o Clube TAP (clube organizador) a apresentarem maior leque de «golfinhos»

assim vai o

totobola

Penalti: 121 111 111 1122; Jornal de Amarante: 2X1 111 111 1121; Jornal da Beira: X11 1X1 X11 XX22; Correio de Coimbra: 1X1 111 X11 XX22; Defesa de Espinho: X21 111 21X X1X2; O Diário: XXX 111 X11 1121; Diário de Lisboa: 2XX 111 111 XX22; Diário de Viseu: X22 XXX X11 1122; O Distrito de Portalegre: 22X 111 211 21X2; Folha do Domingo: 1XX X11 X11 X1X2; Ecos de Cacia: X21 X11 X11 2122; Eu Sei Tudo: 22X X11 111 1X22; Jornal de Felgueiras: X2X 111 X11 X1XX; Jornal do Fundão: 222 2XX 11X 21XX; Jornal de Gaia: XX1 111 2X1 112X; O Almonda: XXX 11X 112 21X2; Rádio Guarda: X2X X1X 1XX XX1X; Linhas de Elvas: 122 1XX 1X1 11X2; No Estúdio e no Estádio: 22X

X11 X11 1X22; Notícias de Felgueiras: X2X 111 X11 X1XX; Jornal 1X2: 1X1 XX1 111 X12X; Notícias de Viseu: X21 XX1 X11 X12X; Quadrante Norte: XX1 111 X11 X122; Informação Desportiva/Rádio Alitude: X2X 111 X11 XX22; Bom Dia/Rádio Comercial: 222 2XX 1X1 X121; Resenha Desportiva: 1X1 XX1 X11 1X22; RR/Desporto: 1X1 111 111 1X22; RR/Bola Branca: XX1 X11 111 X122; RR/Frente Desportiva: 121 111 111 1122; A Voz do Domingo: XX1 111 X11 X1X2; Voz de Lamego: 221 X11 211 X122; Rádio Guarda/Desporto: 1X1 1X1 X12 1XX1; Contacto/Rádio Guarda: X11 X1X 1XX X2X2; Encontro Com a Manhã/Rádio Guarda: 221 1X1 X21 1X1X; Meia Tarde/Rádio

Guarda: XXX 21X 2XX 11X2; Convidámos Para Lanchar/Rádio Guarda: 111 XX1 112 1X1X; Tarde Desportiva/Antena Um: X22 X11 X11 2XX1; Livre e Directo: 121 1XX 111 1X2X; Um Caso Por Semana/Rádio Covilhã: 1XX 1X1 111 X121; Foi Notícias/Rádio Covilhã: 22X 111 X11 1X22; Desporto e Música/Rádio Covilhã: XXX 111 X11 212X; Cultura e Recreio/Rádio Covilhã: 22X 111 XX1 212X; De Tudo Um Pouco/Rádio Covilhã: X2X 1XX X1X 112X; Jornal Cardeal Saraiva: 211 211 X11 XX12; Correio do Vouga: 2X1 X11 211 2X22; Diário de Coimbra: 1XX X11 X11 X1X2; Jornal da Graça: X2X XXX 111 XX2X; Rádio Totobola: XXX 111 X11 X122; Litoral: XXX 111 21X 1X22; Notícias de Gouveia:

PROGNÓSTICOS DOS ÓRGÃOS DE INFORMAÇÃO

PARA O CONCURSO N.º 19/90 DE 13 DE MAIO DE 1990

	RESUMO			BOLAS (a)		
	1	X	2	1	X	2
1. Guimarães - Porto	17	30	16	3	6	3
2. Amadora - Benfica	6	28	29	1	5	6
3. Belenenses - Sporting	28	28	7	5	5	2
4. Nacional - Chaves	39	20	4	7	4	1
5. Beira Mar - Penafiel	43	19	1	8	3	1
6. Setúbal - Portimon.	49	14	0	9	3	1
7. União - Marítimo	23	31	9	4	6	2
8. Boavista - Braga	54	8	1	10	1	1
9. Tirsense - Feirense	53	7	3	10	1	1
10. Maia - Famacão	26	25	12	5	5	2
11. Rio Ave - P. Ferreira	42	20	1	8	3	1
12. Caldas - Leiria	6	16	41	1	3	8
13. Moscardide - Farense	7	18	38	1	4	7

(a) Nos termos do Art.º 14º do Regulamento Geral dos Concursos, se houver necedd esrerorslaodsigsna elzdsn aad ocro sblsetaõn sead ofi a uniaç opeet

X12 X11 2X1 2X22; Semanário da Região Bairradina: X2X 111 X11 112X; Tempo e Resultados/Rádio Comercial: XXX 111 X11 1122; Secção Desportiva/Rádio Comercial: 22X 111 111 2122; Tempo

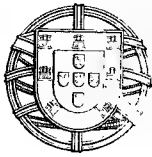
de Desporto/Rádio Comercial: XX1 XX1 X11 1122; Jornal de Sintra: 12X XXX X11 2112; A Voz dos Ridículos: 1X1 111 111 11X2; O Comércio de Leixões: XX1 111 X11 1122; De Tudo Um Pouco: 221 111

11X 112X; Jornal de Notícias: 1XX 1XX 111 112X; Alvo Desportivo: 121 111 X11 1122; Rádio Alvo: XXX 1X1 111 XX11; Alvo: 212 121 X11 21XX; Alvo Desportivo: XXX 11X 211 1122.

AGENDA

I Série N.º 107
Dia 10 de Maio

DIÁRIO DA REPÚBLICA



SUMÁRIO

Presidência do Conselho de Ministros

Decreto-Lei n.º 149/90:
Aprova os estatutos da Fundação Arpad Szênes-Vieira da Silva.

Ministério dos Negócios Estrangeiros

Aviso:
Torna público ter o representante do Governo da República Portuguesa em Estrasburgo depositado, junto da secretária-geral do Conselho da Europa, o instrumento de ratificação da Convenção Europeia para a Prevenção da Tortura e das Penas ou Tratamentos Desumanos ou Degradantes, aberta para assinatura dos Estados membros em Estrasburgo.

Ministério da Educação

Portaria n.º 353/90:
Aprova os modelos correspondentes aos três graus de menção honrosa criada pelo Decreto-Lei n.º 288/88, de 23 de Agosto.

Portaria n.º 354/90:
Autoriza o Instituto Politécnico de Beja, através da Escola Superior de Educação, a conferir o diploma de curso de professores do ensino básico na variante de Português e Inglês.

Portaria n.º 355/90:
Autoriza o Instituto Politécnico da Guarda, através da sua Escola Superior de Tecnologia e Gestão, a conferir o grau de bacharel em Engenharia de Energia e Ambiente e aprova o respectivo curso.

Portaria n.º 356/90:
Fixa nova estrutura curricular para o curso de professores do ensino primário ministrado pela Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Beja. Altera o anexo I à Portaria n.º 655/86, de 4 de Novembro, alterada pela Portaria n.º 523/88, de 4 de Agosto.

Portaria n.º 357/90:
Fixa nova estrutura curricular para os cursos de professores do ensino básico nas variantes de Português e Francês e de Educação Visual ministrados pela Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Beja. Altera os anexos II e III à Portaria n.º 775/87, de 7 de Setembro.

Portaria n.º 358/90:
Autoriza o Instituto Politécnico da Guarda, através da sua Escola Superior de Educação, a conferir o diploma de estudos superiores especializados em Novas Tecnologias na Educação e regulamenta o respectivo curso e condições de acesso.

Portaria n.º 359/90:
Autoriza o Instituto Politécnico da Guarda, através da sua Escola Superior de Tecnologia e Gestão, a conferir o grau de bacharel em Gestão Industrial e da Produção e aprova o respectivo curso.

Ministério do Emprego e da Segurança Social

Despacho Normativo n.º 31/90:
Dá nova redacção aos n.ºs 7.1 e 8.2 do Despacho Normativo n.º 86/85, que estabelece o regime aplicável aos programas ocupacionais destinados a combater o desemprego sazonal.

Ministério do Ambiente e Recursos Naturais

Decreto-Lei n.º 150/90:
Aprova normas impeditivas do fabrico, importação, exportação ou comercialização de produtos vulgarmente conhecidos por imitações perigosas. Procede à transposição da Directiva n.º 87/357/CEE, de 25 de Junho.

HOJE

CONTINENTE

Em todo o território
Céu pouco nublado no Norte e períodos de muito nublado no Centro e Sul, com o vento soprando fraco a moderado de Leste. Ainda no Centro, e especialmente no Sul, haverá condições favoráveis à ocorrência de aguaceiros e trovoadas durante a tarde.

Mar de pequena vaga com ondulação Noroeste de 2 metros na Costa Ocidental e com ondulação Sueste de 2 metros na Costa Sul.

Amanhã
Períodos de céu muito nublado. Vento geralmente fraco. Aguaceiros, em especial durante a tarde e nas regiões do Sul. Nebolina ou nevoeiro matinal.

Depois de amanhã
Regiões do Norte e Centro: céu pouco nublado com aumento de nebulosidade a partir da tarde. Vento fraco ou moderado de Sueste. Períodos de chuva em especial nas regiões do Norte para o fim do dia. Pequena descida da temperatura máxima.

Regiões do Sul: Céu pouco nublado com aumento de nebulosidade para o fim da tarde. Vento fraco. Pequena descida da temperatura máxima.

MADEIRA

Períodos de céu muito nublado. Vento moderado a forte de Norte. Aguaceiros nas vertentes viradas a Norte.

Mar cavado a grosso com ondulação Norte de 2 a 3 metros na Costa Norte e encrespado ou de pequena vaga com ondulação inferior a 1 metro na Costa Sul.

No Funchal
Períodos de céu muito nublado e vento fraco.

Amanhã
Períodos de céu muito nublado. Vento fraco.

Depois de amanhã
Períodos de céu muito nublado e vento Norte fraco ou moderado.

AÇORES

Grupo Ocidental
Céu geralmente muito nublado. Vento Sudoeste moderado rodando para Noroeste no fim do dia e soprando por vezes forte. Períodos de chuva passando a aguaceiros. Mar cavado a grosso com ondulação Noroeste de 2 metros.

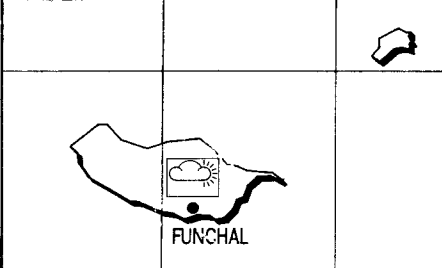
Grupo Central
Céu geralmente muito nublado. Vento Sul fraco ou moderado rodando para Oeste no fim do dia. Períodos de chuva fraca para o fim do dia. Mar de pequena vaga com ondulação Noroeste de 2 metros.

Grupo Oriental
Períodos de céu muito nublado. Vento geralmente fraco. Mar de pequena vaga com ondulação Noroeste de 2 metros.

Amanhã
Períodos de céu muito nublado. Vento Noroeste moderado a forte nos grupos Ocidental e Central e moderado no Oriental. Aguaceiros fracos.

* Informação do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica

MADEIRA



	Céu limpo
	Céu pouco nublado
	Céu muito nublado
	Chuva
	Trovoadas
	Neve
	Vento
	Mar calmo
	Mar encrespado

MARÉS

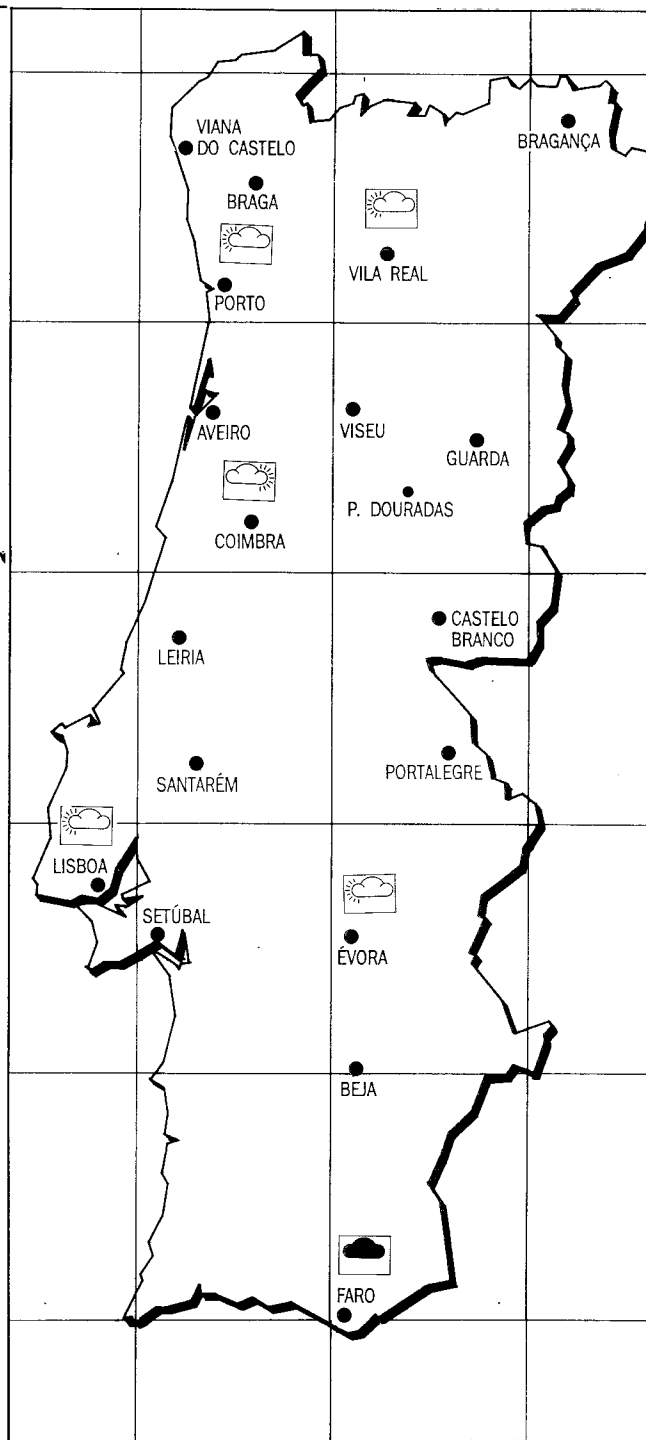
Hoje

PREIA-MAR	BAIXA-MAR
04.18 3,4m	09.46 0,8m
16.33 3,5m	22.06 0,8m

Amanhã

04.53 3,3m	10.18 0,8m
17.08 3,5m	22.40 0,8m

O ESTADO DO TEMPO



PORTUGAL

	Min.	T. 6 h	Às 18 h.
Bragança.....	10	10	P. nub.
V. Castelo.....	10	10	P. nub.
Vila Real.....	14	14	P. nub.
Porto.....	13	13	Limpo
P. Douradas.....	-	-	-
Coimbra.....	14	15	Limpo
C. Carveiro.....	15	15	Limpo
C. Branco.....	12	12	P. nub.
Portalegre.....	14	15	P. nub.
Lisboa.....	16	17	P. nub.
Évora.....	14	14	M. nub.
Beja.....	13	13	P. nub.
Faro.....	16	16	Aguaceiros
Sagres.....	16	16	M. nub.
P. Delgada.....	11	12	Nebolina
Horta.....	15	16	Encoberto
Funchal.....	13	14	P. nub.

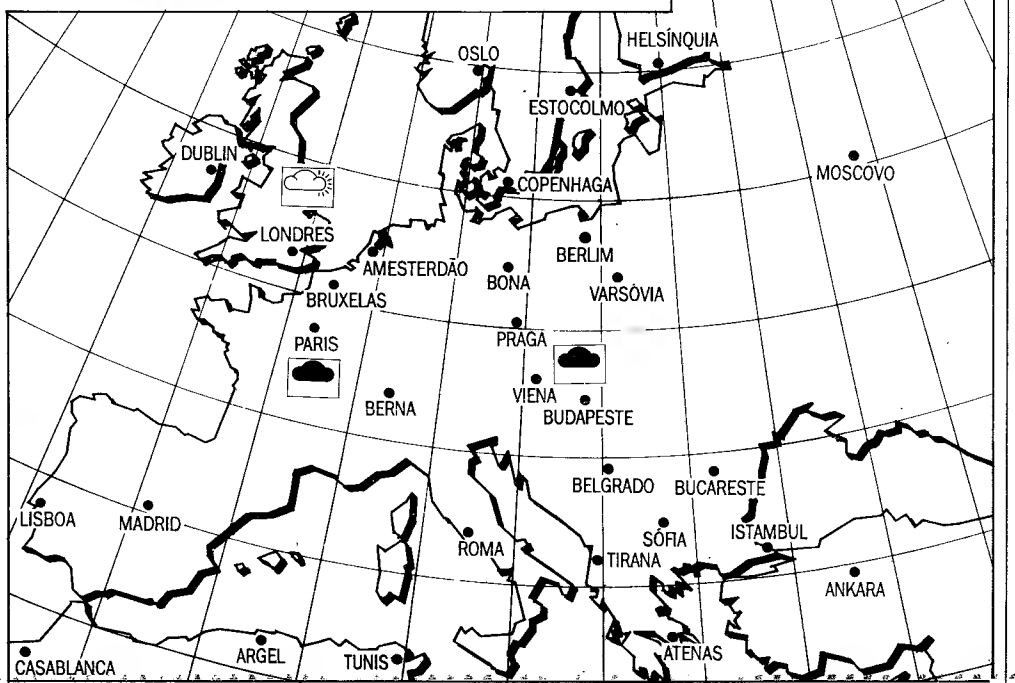
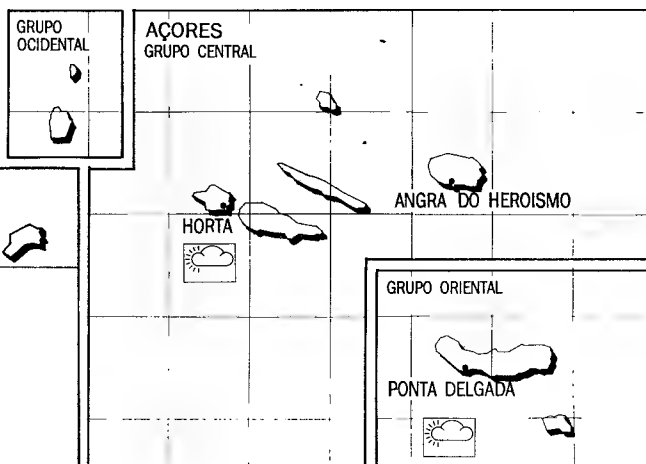
Tem. máx. prevista para hoje: Lisboa, 25; Porto, 26; Faro, 24; P. Delgada, 19; Funchal, 21.

EUROPA

	Min.	T. 6 h	Às 18 h.
Madrid.....	7	9	P. nub.
Londres.....	7	8	Nevoeiro
Paris.....	10	10	Trovoadas
Bruxelas.....	8	11	M. nub.
Amsterdão.....	8	11	P. nub.
Genebra.....	9	10	Nebolina
Roma.....	9	13	Nevoeiro
Oslo.....	8	11	Nevoeiro
Copenhaga.....	14	14	P. nub.
Estocolmo.....	7	14	P. nub.
Berlim.....	13	14	P. nub.
Viena.....	15	21	M. nub.
Varsóvia.....	8	16	P. nub.
Atenas.....	17	19	P. nub.
Moscovo.....	1	8	M. nub.

MUNDO

	Min.	Máx.	Às 13 h.
Chicago.....	4	11	Chuva
Houston.....	17	28	Nebolina
Los Angeles.....	14	21	Limpo
Montreal.....	11	19	Aguaceiros
Nova Iorque.....	16	24	Trovoadas
S. Francisco.....	12	23	Nebolina
Toronto.....	8	15	Aguaceiros
Vancouver.....	8	17	Limpo
Washington.....	16	26	Trovoadas
Hong Kong.....	23	27	Aguaceiros
Melbourne.....	13	20	P. nub.
Pequim.....	14	28	P. nub.
Perth.....	10	19	Limpo
Singapura.....	26	33	Aguaceiros
Sydney.....	14	21	Aguaceiros
Tóquio.....	18	23	Aguaceiros
Wellington.....	11	18	P. nub.



AGENDA

FARMÁCIAS

LISBOA

SERVIÇO

PERMANENTE

Alameda - Fonte Luminosa: Ibéria, Rua Barão Sabrosa, 235-235-A, Tel. 888277; **Alvalade:** Alvalade, Av. da Igreja, 18-A, Tel. 892070; **Amoreiras:** Ivone, Rua Silva Carvalho, 232-C, Tel. 650760; **Anjos - Lisboa Gin. Clube:** São José, Rua Anjos, 41-A, Tel. 570730; **Bairro Alto:** Veritas, Rua Misericórdia, 135, Tel. 327564; **Beato:** Grilo, Rua do Grilo, 25, Tel. 385264; **Benfica - Charquinho:** Macedo, Rua República da Bolívia, 69-C, Tel. 7511227; **Calvário - Alcântara:** Calvário, Rua José Dias Coelho, 4, Tel. 3631635; **Encarnação:** Ascenso, Praça do Norte, 11-A, Tel. 311216; **Estrela - Possidónio Silva:** Tagus, Rua Possidónio da Silva, 162-A, Tel. 669485; **Lumiar:** Alameda, Alameda das Linhas de Torres, 201-B, Tel. 7590942; **Saldanha:** Cruz Nunes, Praça Duque Saldanha, 14-15, Tel. 521845; **Brandoa - Amadora:** Correia, Urb. Alformel - Cel. G - Lote 137 - Lj. B (Poente), Tel. 990122; **Carnaxide:** Central Carnaxide, Av. Portugal, 16-B, Tel. 4184913; **Moscavide:** Varela, Av. Moscavide, 44-B, Tel. 2518520; **Odivelas:** Central Odivelas, Alameda Infante D. Henrique, 1, Tel. 9311203; **Pontinha:** Cruz Correia, Estrada Santo Elói, 41-A, Tel. 992453.

REFORÇO

À Av. Estados Unidos N.º 9: Nova Lisboa, Rua Guilhermina Suggia, 12, Tel. 887721; Campo de Ourique: Porfírio,

Rua Francisco Metrass, 59-B; **Chile - Arco Cego:** São Jorge, Largo do Leão, 3, A-B, Tel. 534027; **Conde Barão:** Açoreana, Largo Conde Barão, 2, Tel. 661330; **Estrela:** Aurélio Rego, Calçada da Estrela, 139, Tel. 661758; **Graça:** Almeida Dias, Largo da Graça, 38-39, Tel. 862909; **Jerónimos:** Remísio, Rua dos Jerónimos, 14-C, Tel. 3631699; **Largo Campo Pequeno:** Miranda, Largo Campo Pequeno, 36, B-C, Tel. 770776; **Olivais Velho:** Olivais, Rua Alves Gouveia, 19, Tel. 311237; **Palhava:** Curie, Av. Madame Curie, 15-A, Tel. 7263220; **São José - Tivoli:** Fernandes, Rua São José, 187, Tel. 326476; **Buraca - Amadora:** Vaz Martins, Praceta Fernando Pessoa, Loja E - 36-B, Tel. 970660; **Olival Basto:** Nova, Rua Açores, 11-A, Tel. 9810305.

LINHA

DE CASCAIS

Algés: Cabrita, P. Miraflores, Lote 12, Tel. 4101486. Permanente; **Linda-a-Velha:** Pinto, R. Antero Quental, 9, Tel. 4190610. Permanente; **Tires:** Guimarães, L. Duarte, Lote A - r/c, Tel. 2441616. Até às 22 h; **Alcabideche:** Carvalho, B.º Padre P. Correia, 4, Tel. 2690363. Até às 22 h; **Porto Salvo:** Ferreira Bastos, R. D. Firmo Rebelo, Tel. 2421015. Até às 22 h; **Carcavelos:** Vilar, Av. M.ª Conceição, Lote B, Tel. 2470777. Permanente; **S. Dom. Rana:** Godinho Silveira,

R. A. Albuquerque, Lote B - Lj. 2, Tel. 2470361. Até às 22 h; **Malveira da Serra:** Luz, Estrada Nacional, Tel. 2850635. Até às 22 h; **Paço de Arcos:** Trindade Brás, R. Costa Pinto, 184, Tel. 2432034. Até às 22 h; **Nova Oeiras:** Leal, Quinta da Palmeira, Lote 24, Tel. 2478737. Permanente; **Parede:** Macau, R. J. Elias Garcia, 42, Tel. 2471785. Permanente; **Murtal:** Primavera, R. das Parreiras, 2, Tel. 2472278. Até às 22 h; **Sasoeiros:** Amaral Semblano, Quinta das Encostas, Tel. 2461312. Até às 22 h; **Birre:** Imani, Lote 7-B - Hera, Tel. 2852121; **Madorna:** Madeira, Rua A, Tel. 2476326. Até às 22 h; **Amoreira:** Abrantes, Viv.ª Maria Carlos Anjos, Tel. 2682313. Até às 22 h; **Monte Estoril:** Ostende, R. Espinho, 1, Tel. 260391. Até às 22 h; **Cascais:** A. Costa, R. Freitas Reis, 24-C, Tel. 280214. Permanente.

LINHA

DE SINTRA

Amadora: Romeiro, Urb. Casal S. Brás, Lote 116, Tel. 4949050. Permanente; **S. Jorge:** Rua Pedro Del Negro, 5 - Reboleira, Tel. 4938703. Até às 22 h; **Damaia:** D. João V, Av. Gurgel Amaral, 2-A, Tel. 970461. Até às 22 h; **Queluz:** O'Neill Pedrosa, R. Casal Olival, Lote 3-A - Massamá, Tel. 4377205. Permanente; **Albergaria:** L. Prof. Dr. José Mineiro, 42 - Q. Baixo, Tel. 4356487. Até às 22 h; **Cacém:**

Guerra Rico, Av. Bombeiros Voluntários, Tel. 9244002. Permanente; **Mem Martins:** Miranda Garcia, Est. Mem Martins, 173, Tel. 9214103. Até às 22 h; **Mercês:** Claro Russo, R. Abade Faria, 2-A, Tel. 9215275. Até às 22 h; **Rinchoa:** Dumas Brousse, Calç. Rinchoa, 2, Tel. 9260404. Até às 22 h; **Sintra:** Simões, R. Heliodoro Salgado, 26, Tel. 9230832. Permanente; **Colares:** Abreja, Tel. 9290088; **Loures:** Saraiva, Av. República, 86, Tel. 9830027. Permanente.

OUTRA

BANDA

Almada: Pragal, R. Dt.ª Pragal, Tel. 2767126. Permanente; **Cova da Piedade:** Avelar da Silva, R. Dr. Alberto Araújo, 19-A, Tel. 2750337. Permanente; **Monte de Caparica:** Guerreiro, Lote 31, IJ, Moinho, Tel. 2950727. Até às 19 h; **Costa de Caparica:** Higienica, Av. República, 23, Tel. 2900020. Até às 19 h; **Feijó:** Feijó, R. Borges Rego, 7, Tel. 2290911. Até às 22 h; **Sesimbra:** Lopes, R. Cândido Reis, 23, Tel. 2233028. Até às 19 h; **Lavradir:** Parreira, R. D. Silva Cristino, 15-A, Tel. 2042016. Até às 19 h; **Barreiro:** Central, Av. Alfredo Silva, 48, Tel. 2073207. Permanente; **Baixa da Banheira:** Nova Fátima, Est. Nacional, 244-A, Tel. 2040141. Até às 19 h; **Corroios:** Abreu Cardoso, B.º Cid. Setúbal, 1-B, Tel. 2536172. **Cruz de Pau:** Duarte Ramos, R. Bafatá, 11 - Loja 30 - Centro Belsul, Tel. 2243143. Permanente; **Arrentela:** Ana Branco, Quinta Murtinheira, Tel. 2215590. Até às 22 h; **Montijo:** Moderna, R. Bulhão Pato, 60, Tel. 2310156. Até às 22 h; **Moita:** Silva Rocha, P. República, 16, Tel. 2390029. Até às 19 h.

HÁ 20 ANOS



Novos ataques ao Líbano

A artilharia israelita abriu fogo a noite passada sobre duas aldeias libanesas, ferindo três civis - anunciou um informador militar libanês, salientando que este ataque é o segundo naquela área em menos de 24 horas. O informador militar (Beirute) declarou que a artilharia israelita começou a bombardear a aldeia de de Al-Khiyam, a seis quilómetros da fronteira israelita. Onze edifícios, incluindo duas escolas e uma estação dos correios, foram atingidos, e um tractor e um autocarro ficaram danificados.

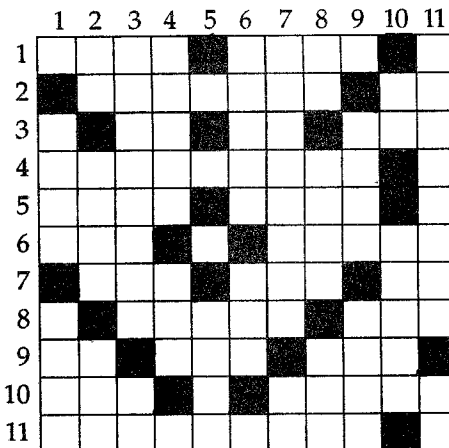
Portugal, 1- Itália, 2

No Estádio do Jamor, defrontaram-se, esta tarde, em jogo particular, as selecções de Portugal e de Itália. Presentes - vinte e cinco mil pessoas. No camarote de honra - o Chefe do Estado, na companhia de membros do Governo.

Jornais asfixiantes

Nem só o gás asfixia. Na cidade de Malmoe, um sexagenário excêntrico morreu asfixiado no quarto, com jornais que caíram sobre ele enquanto dormia. O quarto estava pejado de jornais até ao tecto, havendo apenas uma passagem estreita da porta até à cama.

PALAVRAS CRUZADAS



PROBLEMA N.º 17915

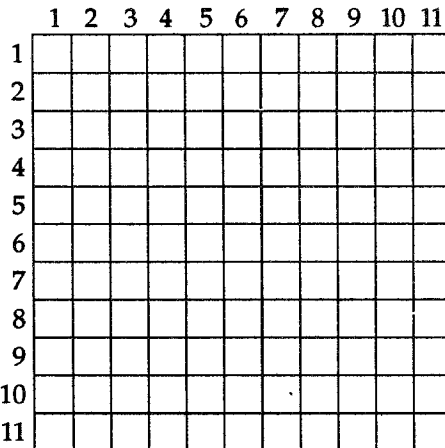
HORIZONTAIS:

- 1 - Em mais alto grau. Paixão.
- 2 - Acorrentam. Depois de Cristo.
- 3 - Conjunção. Letra grega. Pertences. Artigo indefinido.
- 4 - Caras feias.
- 5 - Língua vernácula indiana. Ilha do Pequeno Belt.
- 6 - Ruído. Tomar a cor da rosa.
- 7 - Preposição. Em as. Pronome pessoal.
- 8 - Em menor quantidade. Reles.
- 9 - Muito Digno (abrev.). Colina na Suécia. Oceano.
- 10 - Cabelos brancos. Amofinar.
- 11 - Familiaridade.

VERTICAIS:

- 1 - Boatos. Dois mil e duzentos em romano.
- 2 - Autores. Anéis. Rio de Portugal.
- 3 - Publicam. Serviço Nacional.
- 4 - Fora para fora. Mediana.
- 5 - Nome hebraico que significa profeta, vidente.
- 6 - Lugar de contenda. Pronome pessoal.
- 7 - Disfarces para o rosto. Rado (s.q.).
- 8 - Grande ribeira da Ásia Russa. Bebida do Peru (inv.). Palavra gaélica que significa filho e precede um grande número de nomes irlandeses e escoceses.
- 9 - Costumes. Fosso.
- 10 - Decímetro. Arremessa.
- 11 - Reprimires (fig.). Rubídio (s.q.).

Resolveu completamente este problema? Procure, agora em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.



PROBLEMA N.º 16725

HORIZONTAIS:

- 1 - Homem que tem várias amantes. Porco selvagem da América.
- 2 - Computei. Saio frequentemente à rua.
- 3 - Dança popular portuguesa. Cenas pungentes.
- 4 - Sufixo que designa abundância. Deusa da Aurora, esposa de Titono.
- 5 - Título honorífico na Índia. Faz companhia.
- 6 - Mitologia. Nome usado por muitas cortesãs gregas.
- 7 - Crença. Rédeas.
- 8 - Governanta. O mesmo que oh! (Bras.). Descrédito.
- 9 - Plantas dos pés. Nesse lugar.
- 10 - Célio (s.q.). Confronta.
- 11 - Costurais. Solitário.

VERTICAIS:

- 1 - Terror. Caruma.
- 2 - Preveniremos.
- 3 - Sura ou vinho de palmeira, cozido duas ou três vezes (ex-Índia Port.). O mais.
- 4 - Flancos. Miriãre. Ferro temperado.
- 5 - Elegantes.
- 6 - Soldado de polícia do Rio de Janeiro (ant.). Pronome pessoal.
- 7 - Enguias. Uma das Novas Hébridas na Melanésia.
- 8 - Albergarias por esmola.
- 9 - Armaria. O Diabo.
- 10 - Artéria. Irmãs da mãe. Carta de jogar.
- 11 - Uma das Cíclades. Pronome demonstrativo.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 17 914

HORIZONTAIS: 1 - MOÇA. TRISTE. 2 - Opí-paro. Al. 3 - Ua. Aio. Raça. 4 - Agradaram. 5 - Aspa. Oiro. 6 - Ro. Quili. 7 - Hás. 8 - Trepa. Cai. 9 - Miai. Adiais. 10 - Rasto. 11 - As. Os. Ave. **VERTICAIS:** 1 - Moura. HOMEM. 2 - Opa. Sra. 3 - Cl. Apostara. 4 - Apa. Rias. 5 - Air. QUE. 6 - Troa. Pato. 7 - Ro. Doirados. 8 - Rail. 9 - Arriscara. 10 - Tacão. Ai. 11 - Elam. EXISTE.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 16 724

HORIZONTAIS: 1 - Polichinelo. 2 - Oba. Aa. Arar. 3 - Tisnara. 4 - Cão. Aleitar. 5 - Nua. Iço. 6 - Unta. Pó. 7 - Sua. Nua. Co. 8 - Aas. Há. Ba. 9 - Cântaros. 10 - Ca. Curado. 11 - Arrotai. Sés. **VERTICAIS:** 1 - Polonesa. Ba. 2 - Ob. Au. Uai! 3 - Lascaras. Cr. 4 - Cão. 5 - Catalunha. 6 - Hail. Nu. ança. 7 - Seita. Tui. 8 - Nanica. Bar. 9 - Erato. Caras. 10 - Lara. Pó. Ode. 11 - Orário. Usos.

PROVÉRBIO:
MOÇA TRISTE,
HOMEM
QUE EXISTE.

EFEMÉRIDES

1979

- Um pelotão de fuzilamento iraniano executa cerca de 200 pessoas condenadas à morte por tribunais revolucionários islâmicos.

1983

- Os dois dirigentes do PS e do PSD, Mário Soares e Mota Pinto, respectivamente, realizam o primeiro encontro formal na Assembleia da República, com vista à formação de um governo de coligação.
- A revista alemã-federal «Stern» despede o seu repórter Gerd Heidemann, que descobriu os finais falsos diários secretos de Hitler.

1984

- Após dez dias em estado de coma, morre, em Lisboa, Joaquim Agostinho, 41 anos, considerado o maior ciclista português de todos os tempos.

1985

- Termina, em Albufeira, o julgamento de Al Awad, com a sua condenação a três anos de prisão por uso de passaporte falso e liberação dos crimes de homicídio consumado, homicídio frustrado e posse de arma proibida, já que o júri deu como não provado que tivesse sido o autor do atentado de Montechoro que vitimou o dirigente da OLP Issam Sartawi.

1986

- Um violento incêndio destrói o Teatro Maria Vitória, em Lisboa.
- É, finalmente, dominado o incêndio no núcleo do reactor da central nuclear de Chernobyl, mas a radioactividade continua a ser libertada para a atmosfera.

CARTAZ

CINEMAS

LISBOA

ALFA 1

Av. Almirante Gago Coutinho
T. 806496
LIGAÇÕES SUJAS
Filme de Mike Figgis
M/16 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00, 21.30 e 24.00

ALFA 2

ALWAYS - SEMPRE
M/12 anos - Às 14.15, 16.45,
19.15, 21.45 e 00.15

ALFA 3

TANGO & CASH
Filme de Andrei Konchalovsky
M/16 anos - Às 14.15, 16.45,
19.15, 21.45 e 00.15

ALFA 4

HENRIQUE V
Filme de Kenneth Branagh
M/12 anos - Às 14.15, 16.45,
19.15, 21.45 e 00.15

ALFA 5

UM AMOR INEVITÁVEL
M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00, 21.30 e 24.00

ALFA CLUBE

Av. Almirante Gago Coutinho
T. 806496
MISS DAISY
Filme de Bruce Beresford
M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00, 21.30 e 24.00

AMOREIRAS 1

Shopping Center de Lisboa - T. 691275
LIGAÇÕES SUJAS
M/16 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00, 21.30 e 24.00

AMOREIRAS 2

MISS DAISY
M/12 anos - Às 13.45, 15.45,
17.45, 19.45, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 3

UM AMOR INEVITÁVEL
M/12 anos - Às 13.30, 15.30,
17.30, 19.30, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 4

CRIMES E ESCAPADELAS
M/12 anos - Às 13.30, 15.30,
17.30, 19.30, 21.30 e 00.15

AMOREIRAS 5

HENRIQUE V
M/12 anos - Às 14.15, 16.45,
19.15, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 6

TANGO & CASH
M/16 anos - Às 13.45, 15.45,
17.45, 19.45, 21.45 e 00.00

AMOREIRAS 7

OS FABULOSOS IRMÃOS BAKER
Filme de Steve Kloves
M/12 anos - Às 14.15, 16.45,
19.15, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 8

ALWAYS - SEMPRE
M/12 anos - Às 14.15, 16.45,
19.15, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 9

NASCIDO A 4 DE JULHO
M/16 anos - Às 13.30, 16.15,
19.00, 21.45 e 00.30

AMOREIRAS 10

CLUBE DOS POETAS MORTOS
M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00, 21.30 e 24.00

APOLO 70

Av. Júlio Dinis, 10-A - T. 763319
CLUBE DOS POETAS MORTOS
M/12 anos - Sessões às 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30

BERNA

Av. Marquês de Tamar, 10 - T. 776098
LIGAÇÕES SUJAS
M/12 anos - Às 15.00, 18.00 e 21.30

CAPITÓLIO

Parque Mayer
ELEIÇÕES SEXUAIS
Hard-core - 1.ª escalão (porno)
M/18 anos - Às 15.00, 17.00,
19.00, 21.00 e 23.00

CINE CAMÕES

R. do Loreto, 15 - T. 324194
O DRAGÃO IMPLACÁVEL
Filme de Cheng Kang
M/12 anos - Às 14.15, 16.30 e 21.30

CINE 222

Av. Prata da Vitória, 37 - T. 533253
AMIGOS E DETECTIVES
M/6 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30
CÓDIGO VÍBORA
Com Chris Robinson
M/18 anos - Às 24.00

CINE PORTELA

ESTÚDIO ANUSHA

T. 9434762
DEMÔNIO DE SAIAS
M/12 anos - Às 15.30 e 21.30

ESTÚDIO SHEZA

NEGÓCIO DE FAMÍLIA
M/12 anos - Às 15.15 e 21.15

CINEBOLSO

R. Actor Taborda, 27 - T. 573407
ÍDOLOS DO SEXO
Hard-core - 1.ª escalão (porno)
M/18 anos - Às 12.30, 14.30,
16.45, 19.00, 21.30 e 23.30

CINEMATECA

PORTUGUESA

R. Barata Salgueiro, 39 - T. 546085
BRANDOS COSTUMES
Filme de Alberto Seixas Santos, às 18.30
SONG O'MY HEART
Com John McCormack, às 21.30

CITY CINE

R. Tomás Ribeiro, 34 - T. 549999
A GUERRA DAS ROSAS
M/12 anos - Às 14.30, 16.45,
19.00 e 21.30

CONDES

Av. da Liberdade, 2 - T. 322523
LIGAÇÕES SUJAS
M/16 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30

ESTÚDIO

Al. D. Afonso Henriques, 35 - T. 3525133
CLUBE DOS POETAS MORTOS
M/12 anos - Às 14.30, 16.45,
19.00 e 21.30

ESTÚDIO ACS

Av. da Igreja, 17-F - T. 8487255
CAMPO DE SONHOS
M/12 anos - Às 15.30, 18.30 e 21.30

FONTE NOVA 1

Est. de Benfica 503 - T. 7145088
AMIGOS E DETECTIVES
M/6 anos - Às 14.30, 16.45,
19.00 e 21.30

FONTE NOVA 2

LIGAÇÕES SUJAS
M/16 anos - Às 14.15, 16.30,
18.45 e 21.15

FONTE NOVA 3

TANGO & CASH
M/16 anos - Às 14.45, 16.30,
18.45 e 21.15

FORUM PICOAS

Av. Fontes Pereira de Melo - T. 541037

AUDITÓRIO 1

FILHA DA MÃE
Filme de João Canijo
M/16 anos - Às 14.00, 16.00,
18.00, 20.00 e 22.00

AUDITÓRIO 2

O COZINHEIRO, O LADRÃO, SUA MULHER E O AMANTE DELA
Filme de Peter Greenaway
M/18 anos - Às 14.00, 16.30,
19.15 e 22.00

IMPÉRIO

Al. D. Afonso Henriques - T. 3525133
TANGO & CASH
M/16 anos - Às 15.30, 18.30 e 21.30

KING GEMINI

R. Sousa Lopes - T. 8480808
LAMBADA - A DANÇA PROIBIDA
M/16 anos - Às 15.30, 18.30 e 21.30

KING TRIPLEX 1

R. Bulhão Pato, 1-C - T. 8480808
CAMPO DE SONHOS
M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30

KING TRIPLEX 2

BLAZE - UM AMOR PROIBIDO
M/12 anos - Às 14.15, 16.45,
19.15 e 21.45

KING TRIPLEX 3

TANGO & CASH
M/16 anos - Às 14.30, 17.00,
19.30 e 21.45

LAS VEGAS 1

Pingo Doce - Alcântara - T. 3631162
CRIMES E ESCAPADELAS
M/12 anos - Às 15.15, 18.30 e 21.30



«Filha da Mãe», de João Canijo

LAS VEGAS 2

TANGO & CASH
M/16 anos - Às 15.30, 18.45 e 21.45

LONDRES

Av. de Roma, 7-A - T. 801313
CRIMES E ESCAPADELAS
M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30

MUNDIAL 1

R. Martens Ferrão - T. 538743
LIGAÇÕES SUJAS
M/16 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30

MUNDIAL 2

TANGO & CASH
M/16 anos - Às 14.15, 16.45,
19.15 e 21.45

MUNDIAL 3

UM AMOR INEVITÁVEL
M/12 anos - Às 14.15, 16.45,
19.15 e 21.45

NIMAS

Av. 5 de Outubro, 42-B - T. 574362
LUA-DE-MEL ATRIBULADA
M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30

ODEON

R. dos Condes, 4 - T. 326283
ONDE MORREM OS VALENTES
M/16 anos - Às 14.30, 16.45,
19.00 e 21.30

OLIMPIA

Rua dos Condes, 13 - T. 325309
CONCURSO SEXUAL
Filme porno
M/18 anos
Sessões contínuas a partir das 14.00

PLAZA 1

Centro Com. Alvalade
CINEMA PARAÍSO
M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
18.45 e 21.30 e 23.45

PLAZA 2

FILHA DA MÃE
M/12 anos - Às 14.15, 16.45,
19.00, 21.45 e 24.00

POLITEAMA

R. Portas de St.º António - T. 326305
TANGO & CASH
M/16 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30

QUARTETO 1

R. Flores de Lima, 16 - T. 771378
O MEU PÉ ESQUERDO
Filme de Jim Sheridan
M/12 anos - Às 14.15, 16.15,
18.15, 20.00, 22.00 e 24.00

QUARTETO 2

CLUBE DOS POETAS MORTOS
M/12 anos - Às 14.30, 17.00,
19.30, 21.45 e 24.00

QUARTETO 3

CRIMES E ESCAPADELAS
M/12 anos - Às 14.15, 16.15,
18.15, 20.00, 22.00 e 24.00

QUARTETO 4

O COZINHEIRO, O LADRÃO, A SUA MULHER E O AMANTE DELA
M/18 anos - Às 14.15, 16.30,
19.00, 21.45 e 24.00

SÃO JORGE 1

Av. da Liberdade, 175 - T. 579144

ALWAYS - SEMPRE

M/12 anos - Às 15.30, 18.30 e 21.15

SÃO JORGE 2

HENRIQUE V
M/12 anos - Às 13.30, 16.15,
19.00 e 21.45

SÃO JORGE 3

MISS DAISY
M/12 anos - Às 14.30, 16.45,
19.15 e 21.30

7.ª ARTE

Av. da República - T. 730715
COMO O CÉU SE ENGANOU
M/12 anos - Às 14.45, 17.00,
19.00 e 21.45

STAR

Av. Guerra Junqueiro, 14-C - T. 804210
LIGAÇÕES SUJAS
M/16 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30

TERMINAL

Estação do Rossio - T. 371573
TANGO & CASH
M/16 anos - Às 13.00, 15.00,
17.00, 19.00 e 21.30

TURIM

Est. de Benfica, 723-A - T. 706666
NASCIDO A 4 DE JULHO
M/16 anos - Às 15.00, 17.30 e 21.30

XENON

Av. da Liberdade, 9 - T. 3468446
BLAZE - UM AMOR PROIBIDO
M/12 anos - Às 14.15, 16.30,
19.00 e 21.30

ALMADA

ACADEMIA

ALMADENSE

Tel. 2752127
TANGO & CASH
M/16 anos - Às 15.30 e 21.30

9.º JUÍZO CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA

ANÚNCIO

São citados os credores desconhecidos que gozem da garantia real sobre os bens penhorados aos executados para reclamarem o pagamento dos respectivos créditos, pelo produto de tais bens, no prazo de dez dias, depois de decorrida a dilatação de vinte dias, que se começará a contar da segunda e última publicação do anúncio.

Execução Ordinária n.º 12 978 1.ª Secção

Exequentes — Maria Alice Fernanda Pinto e Francisco José Pinto

Executados — Serra & Irmão, Lda com sede na Rua D. João I, 31-1.º Dt.º Almada

Lisboa, 90-4-28

O Juiz de Direito,
Fátima Galante

A escrivã-adjunta,
Maria José Torresi

Di. 10.5.90 — 2.ª Pub

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA

Proc.º 1.125-A

2.ª secção

ANÚNCIO

FAZ-SE SABER QUE — nos termos e para os efeitos do disposto no n.º 2 do artigo 1.123.º do Código Processual Civil, e nos autos de Liquidação Judicial, em que é Requerente — Fernando Gomes da Silva, residente na Av.ª Gomes Pereira 35-2.º - Esq.º em Lisboa e Requeridos — José David Caseiro e mulher Maria da Conceição Martinho Caseiro, residentes na Rua Teresa Gomes, 9-3.º Dt.º em Lisboa e Outros, que correm seus termos por este Juízo e Secção, com o n.º 1.125-A, são convidados a comparecer neste Juízo, no dia 6 de Junho de 1990, pelas 14 horas e 30 minutos, todos os eventuais sócios desconhecidos, a fim de serem ouvidos previamente sobre a nomeação de liquidatários, da Sociedade Irregular de Quotas e Capital constituída entre o Requerente e Requeridos acima referidos.

Lisboa, 26 de Abril de 1990

O JUIZ DE DIREITO,
António Manuel Martins Lopes

A ESCRIVÃ ADJUNTA,
M.ª Teresa Pereira Roberto

CONVOCATÓRIA

SOCIEDADE COOPERATIVA DOS CATRAEIROS DO PORTO DE LISBOA

Apelo do N.º 1 do Artigo 34.º dos nossos Estatutos, convoco a Assembleia Geral Extraordinária da Sociedade Cooperativa dos Catraeiros do Porto de Lisboa CRL, para as 18.00H. do dia 24 de Maio de 1990, na sede social, Avenida 24 de Julho, N.º 96-1.º Esq., com a seguinte ordem de trabalhos:

Ponto Único — Alteração dos Estatutos.

Se à hora indicada não houver quorum, será a mesma iniciada uma hora depois com qualquer número de cooperantes.

Lisboa, 09 de Maio de 1990

O PRESIDENTE DA MESA DA ASSEMBLEIA GERAL

Domingos Antunes Viegas

CARTAZ

COMUNA

Praça de Espanha - T. 7260818

CAFÉ TEATRO

FESTIVAL DA OTITE
De Carlos Paulo
Em cena aos Sábados às 24 horas.

IBÉRICO

R. de Xabregas, 54 - T. 8582531
De 3ª a Sáb. às 21.30.
Dom. Feriados, às 17.00
O FIM
De António Patrício.

MARIA MATOS

Av. Frei Miguel Contreiras, nº 52 - T. 897017
3ª a 5ª, às 21.30, 6ª e Sáb. às 20.30 e 22.45.
Dom. às 15.00 e 18.00
SEVERA
De Júlio Dantas. Encenação de Nicolau Breyner

MARIA VITÓRIA

Parque Mayer - T. 3461740
De 3ª a Dom. às 20.30 e 22.45.
Domingos e Feriados, também às 16.00
VITÓRIA VITÓRIA
De Henrique Santana, Francisco Nicholson,
Augusto Fraga, Nuno Nazareth
Fernandes e Fernando Ribeiro.

TEATRO ABERTO

Praça de Espanha - T. 770969
De 5ª a Sáb. às 21.45
Dom. às 16.00
NA SOLIDÃO DOS CAMPOS DE
ALGODÃO
De Bernard-Marie Koltès

TEATRO DA GRAÇA

Trav. de S. Vicente, 11 - T. 875626
Sáb. e Dom. às 21.30.
CENAS DA VIDA DE BENILDE
Uma adaptação de Jorge Lissop da
peça de José Régio «Benilde ou a
Virgem-Mãe»

TEATRO DA TRINDADE

R. Nova da Trindade - T. 320000
Hoje e amanhã às 21.30

A VIZINHA DO LADO
De André Brun
Pelo Grupo de Teatro dos TLP

VARIEDADES

Parque Mayer - T. 320000
De 3ª a Domingo às 21.30.
Domingos e Feriados também às
16.00
OS MENINOS À RODA DA MAMÃ
Versão livre de Henrique Santana

CASCAIS

CASINO ESTORIL

T. 2684521
De 4ª a 6ª às 21.30
Sáb. às 18.00 e 21.30.
Dom. às 17.00
SOMENTE ENTRE NÓS
De Reginaldo Faria

MUNICIPAL

MIRITA

CASIMIRO

Av. Fausto Figueiredo - Monte Estoril - T. 2670320
De 3ª a Sáb. às 21.30. Dom. às 17.00
QUERO SER REI ESTA NOITE
De Peter Shaffer

LINDA-A-VELHA

ACADEMIA

RECREATIVA

R. Fontes P. de Melo, 21
Aos Sábados às 21.30
FALAR VERDADE A MENTIR
De Almeida Garrett

ODIVELAS

TEATRO

DA MALAPOSTA

T. 9873299
De 3ª a Sáb. às 21.30.
Dom. às 16.00
A FLORESTA
De Alexander Ostrowsky
3ª, Sáb. e Dom. às 16.00

PORTO TEATRO SÁ DA BANDEIRA

T. 2003695
5ª às 21.30,
6ª e Sáb. às 20.30 e 22.45.
Domingos e Feriados às 16.00 e 20.30
AI CAVAQUINHO
De Eduardo Dantas

EXPOSIÇÕES

INAUGURAM

BARCOS DE PAPEL - Pintura de Alda Nobre, Fátima Pinto e Teresa Silva
Sala Almada Negreiros - Cais de Alcântara (Inaugura hoje, às 18 horas)
CERVEIRA PINTO e LUÍS PALMA - Instalação de luz e som
Galeria Graça Fonseca - Rua da Emenda, 26 (Inaugura dia 11, às 22 horas)
LUÍCIO MUÑOZ - Pintura sobre madeira
Galeria Nasoni - Avenida Columbano Bordalo Pinheiro (Inaugura hoje às 21 e 30)

LISBOA

CABRITA REIS - Instalação de nove desenhos frente a uma parede enigmática com sete gotas secas, "A casa dos suaves sabores" continua a meditação mediterrânica de Cabrita Reis. O recurso a materiais áridos (estufe), patulados pela seriedade da água ou a luz do azeite, tem revelado um dos percursos mais sérios e exaltantes da arte portuguesa contemporânea.
Galeria Cómicos/Luís Serpa - Rua Tenente Raul Cascals, 1 (14 e 30/19 e 30, excepto domingos. Até 2 de Junho)

HELENA ALMEIDA - Mais dos desenhos que da pintura de Helena Almeida, poderíamos falar de levitação. Depois de uma relação com o corpo (em "Desenho Habitado/Pintura Desabitada"), Helena Almeida apagava, frequentemente, o corpo fotografado com a pintura) nunca como agora o risco do desenho levitou, numa vo-



Cabríta Reis, na galeria Cómicos

lume que - na pintura, nos ferros pintados - se confronta com a espacialidade da escultura.
Galeria Valentim de Carvalho - Rua da Cruz dos Palais, 111 (15/20 horas, excepto domingos. Até dia 19)

MANUEL VILARINHO - Desenhos a tinta da china e carvão sobre papel, mostrados na intimidade que a Loja de Desenho lhe dispensa. A liberdade do desenho permite confidências que a pintura de Manuel Vilarinho não faz. O resultado é um diário de bordo de uma itinerância profundamente urbana, sem os tiques da denúncia, percorrida pela exemplaridade da solidão.
Loja de Desenho - Rua da Academia das Ciências, 2 (15/19 e 30, excepto domingos e segundas-feiras. Até dia 15)

MANUEL BAPTISTA - A SNBA recolhe-lhe em duas salas 27 anos de pintura recortada e colada. Obra sem sobresaltos, indiferente às solicitações da viagem do mercado, esta exposição permite compreender um trajecto coerente consigo próprio, evolutivo sem espalhafato. A dignidade da obra de Manuel Baptista, aqui antologada, bem merecia que a SNBA lhe atribuísse o espaço do salão, em vez de distribuímos o prazer de piso em piso.
SNBA - Rua Barata Salgueiro (14/20 horas, excepto segundas-feiras. Até dia 20)

PAULO QUINTAS - Primeira exposição individual de um pintor onde se saúda a orfandade. Paulo Quintas escapa aos escrutinadores de referências, e mostra uma pintura de que, se mais

não houvesse a dizer, teríamos que falar do prazer de inventar/descobrir. Para isso, Paulo Quintas dispõe apenas do papel, como suporte, e o amarelo infectado pelo verniz. O que já não é pouco. Para atravessar o fogo, a salamandra só precisa da pele.
Pedro e o Lobo/Arte Contemporânea - Rua do Salitre, 169 (15/20 horas, excepto domingos. Até dia 17)

ÁLVARO CARNEIRO - Escultura
Galeria DN - Rua António Maria Cardoso, 41 (10/19 horas, excepto domingos. Até dia 26)
DUANE MICHALS - Fotografia
Centro de Arte Moderna
GIL TEIXEIRA LOPES - Pintura
Alfa Mixta - Escolas Gerais, 34 (14/20 horas, excepto domingos e segundas-feiras. Até 2 de Junho)
MIGUEL HORTA - "Fronteiras", pintura
Galeria Novo Século - Rua do Século, 23 (Até dia 19)

ALMADA

ROCHA DE SOUSA - Pintura, desenho, colagem e vídeo
Galeria Municipal de Arte (15/22 horas, excepto segundas-feiras)

CASCAIS

ESTORIL
MARIA GABRIEL - Desenhos recentes
Galeria Arcada - Arcadas do Parque, 18 (11/13 e 14/19 horas, excepto terças-feiras. Até dia 14)
FERNANDO GASPAR - Aquarelas
Espaço 2 do Casino Estoril
MATILDE MARÇAL - Pintura
Galeria do Casino Estoril (15/24 horas, até dia 23)

OEIRAS
FRANCESAS EM COLECTIVA - Aquarelas de Brigitte Papi Junça, Ghislaine Tournier, Christine Faguet, Leonor de Castro, Dominique Larrouy e Claudine Thireau
Galeria Espiral - Rua Cândido dos Reis, 90 (10/13 e 14/19 horas. Sextas e sábados, também 20 e 30/22 e 30. Até 5 de Junho)

J.F.

RÁDIO

ANTENA 1

Desdobramento em Onda Média - Emissores do Litoral - e 99.4 em FM - Zona de Lisboa

14.00: O Lixo e a Seda; 15.00: Musical; 18.00: Porto d'Abriço.

Desdobramento em FM 99.4 MHz

15.30: Antena 1 - 14/17 - Cont.; 17.00: Sete Mares.

Onda Média e FM Estéreo

14.00: Antena 1 - 14/7; 16.30: Tarde Desportiva; 18.00: Sete Mares; 19.00: Informação e Música; 20.00: No Estádio e no Estádio; 20.15: Musical; 20.30: A Viver Também se Aprende; 21.00: Musical; 21.30: Imaginário. Noticiários de hora a hora.

PROGRAMA 2

Programa 2
Rede Nacional FM 2 - Estéreo

RÁDIO

COMERCIAL

Onda Média 283, 290 e 397 m

16.30: Quando o Telefone Toca; 17.00: Contacto; 19.00: Jornal; 19.30: Quanto o Telefone Toca; 20.00: Praça de Táxis; 21.00: Pela Estrada Fora; 22.00: Religiosos; 22.15: Desporto; 23.00: 24ª Hora. Noticiários de hora a hora.

RC-FM - Estéreo 97.4 MHz

18.00: RDS - Rádio dos Seis; 21.00: Mercado de Sonhos; 00.00: A Noite Passada; 01.00: Som da Frente; 03.00: Quem Tramou o Locutor. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO

RENOVACÃO

Canal 1 - Rede Nacional de OM-FM

16.00: Hora da Música; 16.00: Banda da Amizade; 18.00: Bola Branca; 18.30: Transmissão do Terço; 19.00: A Viagem Continua; 20.10: Boa Nova; 20.30: Conversa de Amigos; 21.00: Espaço musical; 21.30: Transmissão directa da Capela das Aparições - Sant. de Fátima do Tríduo Prep. p/ a peregr. a Fátima; 22.30: Bola Branca; 23.30: Suplemento Especial da BBC; 23.55: Meditando.

RFM

RFM - Canal 2 - Rede Nacional de FM Estéreo

15.00: Fórmula Três; 18.00: Idealix; 19.00: Atlântida; 20.00: Serra de Estrelas; 22.00: Oceano Pacífico.

TSF

FM/89.5

15.10: Linha Directa; 16.10: Consultório; 16.45: Conversa de Vizinhos; 17.10: Ponto da Situação; 17.12: Quilisque-Rev. Imprensa Nacional; 17.20: Conversa de Escámo e Mal Dizer; 17.40: Economia Dia a Dia; 17.50: Herman José; 18.05: Destaque do Dia; 19.35: Desporto; 20.45: Espaço Empresas; 23.30: Última edição.

TEATRO DA TRINDADE INATEL

VI CICLO DE TEATRO

De 11 a 27 de Maio/90

PROGRAMA

11 de Maio - às 21.30 horas A VIZINHA DO LADO de André Brun pelo GRUPO DE TEATRO DO CENTRO CULT. DESP. DOS TLP.	12 de Maio - às 21.30 horas A CASTRO de António Ferreira pelo GRUPO AMADOR DE TEATRO DE TAVEIRO - COIMBRA
13 de Maio - às 16.00 horas A SOGRA DE LUÍS XIV de Georges Feydeau pelo GRUPO DE TEATRO DO CLUB TAP AIR PORTI GAL.	16 de Maio - às 21.30 horas O SACO DAS NOZES de António Pires Cabral pelo GRUPO TEATRO MARCONI
17 de Maio - às 21.30 horas O VALENTÃO DO MUNDO OCIDENTAL de John M. Synge pelo GRUPO DE TEATRO PROSCÉNIO	18 de Maio - às 21.30 horas FANNY de Joaquim Pacheco Neves pelo GRUPO DE TEATRO PASSAGEM DE NIVEL
19 de Maio - às 21.30 horas TERRA FIRME de Miguel Torga pelo GRUPO DE TEATRO EXPERIMENTAL FLAVIENSE - CHAVEN	20 de Maio - às 16.00 horas A FARSA DE INÊS PEREIRA de Gil Vicente pelo GRUPO DE TEATRO «CEGADA» DA CASA DA JUVENTUDE CULT. DE ALVERCA
25 de Maio - às 21.30 horas O CAMARADA MIOUSSOV de Valentin Kaitaiev pelo GRUPO DE TEATRO PROSCÉNIO	26 de Maio - às 21.30 horas O DUELO de Bernardo Santarém pelo GRUPO CÉNICO «OS AMIGOS DO TEATRO» - SABUGO

27 de Maio - às 16.00 horas
AUTO DE SANTO ANTÓNIO
de José M. B. Silva
pelo GRUPO DE TEATRO DE CARNIDE

ENTRADA GRATUITA

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE LEIRIA

ANÚNCIO

FAZ-SE SABER que pela 2.ª Secção/3.ª Juízo do Tribunal Judicial de Leiria, correm Editos de dilação de trinta dias, contada da data da 2.ª e última publicação do presente anúncio, citando a requerida MARIA DA AJUDA SAMPAIO PEREIRA, solteira, com última residência conhecida em Av.ª Guerra Junqueiro, 1.º esq.ª, Lisboa, para NO PRAZO DE OITO DIAS que começará a correr depois de finda a dilação, nos autos de Acção Esp. De Declaração de Estado de Abandono, n.º 89/89, que o Digno Magistrado do M.º P.º nesta Comarca move contra a requerida e outro, contestar, querendo, a referida acção, devendo, com a contestação oferecer rol de testemunhas e requerer outros meios de prova, conforme preceitua o Art.º 166.º n.º 2 da OTM e 303.º do C.P.C., tudo, como melhor consta do duplicado da petição que à sua ordem se encontra no Tribunal por onde corre o processo.

Leiria, 20 de Abril de 1990

O JUIZ DE DIREITO
Dr. António José Ascensão Ramos

A Escrivã/Adjunta
Dorinda Freire

«DL.» - 1.ª Pub. - 10/5/90

SNOOPY POR SCHULZ



CARTAZ / TELEVISÃO

HOJE

RTP-1

15.35 - MATINÉE:

«UM ESTRANHO NO PARAÍSO»
Um filme de Vincent Minnelli (EUA, 1955), com Howard Keel, Ann Blyth, Dolores Gray, Monty Woodley, Sebastian Cabot e Vic Damone. «Kismet», no título original, é a adaptação ao cinema de uma famosíssima peça musical da Broadway, da autoria de Robert Wright e George Forrest, espectáculo feérico opulentemente filmado. Rei do musical, que ajudou a revitalizar o pós-guerra, Vincent Minnelli criou nos seus filmes um universo imaginário, um mundo fechado onde tudo é beleza, sonho, harmonia, por vezes criações oníricas puras, fantasias de cor e movimento, paraísos inventados onde o artifício é rei.

17.30 - A HORA DO LECAS

18.30 - O SÍTIO DO PICA PAU AMARELO

4º episódio

19.00 - JOGO DE CARTAS

19.30 - TELEJORNAL

20.00 - BOLSA

20.05 - O TEMPO

20.10 - BOLETIM AGRÁRIO

20.15 - VALE TUDO

109º episódio

21.15 - NOME DE CÓDIGO KYRIL

22.10 - CONVERSAS VADIAS

No programa desta noite, Herman José entrevista o Prof. Agostinho da Silva. Alguns versos do autor de «Reflexão»

e «Um Fernando Pessoa»

servirão de base à conversa.

22.40 - MURPHY BROWN

5º episódio

23.10 - 24 HORAS

23.40 - UM DIA...

38º programa, com João Lagarto

23.45 - REMATE

24.00 - CARTAS DE HUMOR

44º programa, com Fernando Luís



Na rubrica «Clássicos da TV», às 19.50 no 2º canal, o 1º episódio de «Reviver o Passado em Brideshead»

RTP-2

16.35 - OS CENTURIÕES

16.55 - NOVO ELUCIDÁRIO

MADEIRENSE

17.25 - OS DESAFIOS DA LEI

18.15 - TELEMERCADO

18.30 - O MEU PÉ DE LARANJA

LIMA

19.15 - ESPAÇO INFANTIL

19.50 - CLÁSSICOS DA TV

«Reviver o Passado

em Brideshead»,

1º episódio: estamos no ano

de 1944, é tempo de guerra.

Charles Ryder e a sua desanimada companhia partem com destino secreto.

Viajam durante a noite e, ao amanhecer, Charles reconhece o Castelo de Brideshead...

20.45 - VIA RÁPIDA

21.00 - JORNAL DAS NOVE

21.30 - EMOÇÕES

16º episódio

21.50 - SINAIS DO TEMPO

22.55 - 5ª DIMENSÃO

22º episódio

23.15 - UNIVERSIDADE

ABERTA

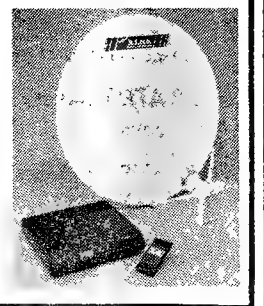
ALBA

ANTENAS PARABÓLICAS
ACESSÍVEIS A TODOS

INFORME-SE NA

AUDIMAX

TEL. 410 62 75
ALGÉS



AMANHÃ

RTP-1

09.01 - BOM DIA

10.00 - ÀS DEZ

12.05 - A GATA COMEU

1º episódio

13.00 - JORNAL DA TARDE

13.27 - BOLSA

13.30 - GLOSS

14.20 - ANIMAIS

14.45 - PONTO POR PONTO

15.30 - MATINÉE: «GLÓRIA»

17.30 - JUNTOS E AO VIVO

18.25 - O SÍTIO DO PICA-PAU

AMARELO

19.00 - JOGO DE CARTAS

19.15 - BOLETIM METEOROLÓGICO

PARA A AGRICULTURA

19.30 - TELEJORNAL

20.00 - BOLSA

20.05 - O TEMPO

20.10 - BOLETIM AGRÁRIO

20.15 - VALE TUDO

21.15 - MISSÃO IMPOSSÍVEL

22.10 - O ROSTO DA NOTÍCIA

23.15 - CHEFE, MAS POUCO...

23.45 - 24 HORAS

00.15 - UM DIA...

Com Alice Vieira

00.20 - REMATE

00.35 - CARTAS DE HUMOR

Com Amélia Videira

RTP-2

14.02 - PRIMEIRO JORNAL

14.15 - ESPAÇO INFANTIL

14.45 - FILHOS E FILHAS

15.00 - AGORA ESCOLHA!

16.20 - HEROIS

16.45 - AS GRANDES VIAGENS

DE COMBOIO

17.50 - PRIMEIRO ANDAMENTO

18.15 - TELEMERCADO

18.40 - O MEU PÉ DE LARANJA

LIMA

19.25 - ESPAÇO INFANTIL

19.55 - AS CIDADES E AS TERRAS

20.20 - BUCHA E ESTICA

20.40 - VIA RÁPIDA

21.00 - JORNAL DAS NOVE

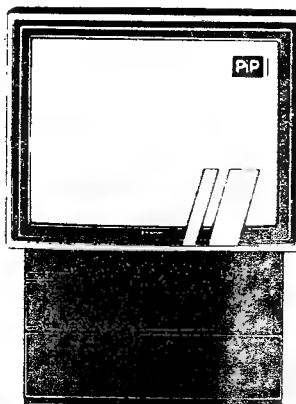
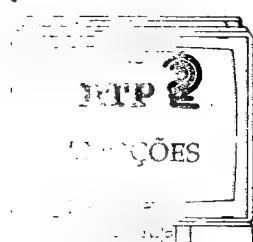
21.30 - DONA BEIJA

23.00 - ROTAÇÕES

24.00 - HAJA MÚSICA

BLAUPUNKT

Seleccionou para si...



BLAUPUNKT
Grupo BOSCH

Um pequeno ponto faz a diferença

GIBEL

O SEU CABELEIREIRO

MAIS
RÁPIDO E ECONÓMICO

Â
PÊLOS EXTRAÇÃO ELÉTRICA
SEM DOR • SEM MARCAS
A CERA QUENTE OU FRIA

Das 8 às 20 horas
Calçada do Sacramento, 38



«Em todas as revoluções os cristãos-novos pedem a força para os outros, com receio de serem eles os enforcados»

Raul Rêgo, «Diário de Notícias», 09.05.90

A PERGUNTA DO DIA



Isabel Sanches
Sindicato
dos Enfermeiros
de Portugal

Quais os objectivos do encontro nacional que o Sindicato dos Enfermeiros de Portugal vai realizar no próximo sábado, em Coimbra?

«A temática do encontro é o papel do enfermeiro no sistema nacional de saúde. Neste sentido, está prevista a realização de uma conferência dedicada à evolução histórica dos sistemas de saúde em Portugal e noutros países, com a qual se pretende dar a conhecer aos enfermeiros o que se passa no estrangeiro. A conferência será seguida de uma mesa-redonda sobre o papel do enfermeiro, que pretende analisar as possíveis consequências do novo sistema nacional de saúde na actividade destes profissionais. Finalmente, vai ser discutida a resposta que se pretende que o serviço nacional de saúde dê aos utentes, bem como os meios institucionais que estes têm para se defender e para participar, pois, na verdade, em Portugal os utentes têm muito poucas formas de tomar parte na administração de cuidados de saúde. Este encontro é organizado no âmbito do Dia Internacional do Enfermeiro que se comemora, em todo o mundo, a 12 de Maio.»

Sexta-feira no

Diário de Lisboa

O «Jornal de Notícias»
na Bolsa de Valores

Fátima,
hipermercado da Fé

Artigos
de F. Piteira Santos
e de Guilherme
d'Oliveira Martins

ENTREVISTA

António Colaço, bem conhecido entre os jornalistas como assessor de Imprensa do PS é, além disso, pintor e poeta. A educação franciscana que recebeu no seminário leva-o a ver a vida como algo de precário e todas as actividades, como experiências

«Sou um profissional da vida»

D.L. - Sempre foste uma espécie de free-lancer da política. Como te sentes, agora, dentro da disciplina partidária e burocrática do PS e da Assembleia da República?

A.C. - Tenho sido free-lancer na vida. A política é mais um lugar onde se está na vida, de forma comprometida mas solta. É com esse espírito que estou a fazer esta experiência. Meti-me na política como nunca tinha acontecido e não estou agarrado a isto, mas enquanto aqui estou, faço o melhor possível, acreditando que, em cada lugar em que estamos a combater, é possível dar um contributo.

D.L. - Tu foste um dos pontas-de-lança da «pirataria» radiofónica, na Rádio Antena Livre de Abrantes. Como é que isso começou?

A.C. - Comecei na Antena 1 e foi por ter chegado à conclusão de que aquela história de fazer um pequeno apontamento lá da terrinha de vez em quando não dava e por ter constatado que ali as pessoas não tinham um local onde pudessem dar conta das coisas, que me juntei com um grupo para dar a volta ao monopólio da informação.

D.L. - O que pensas das rádios locais que existem actualmente?

A.C. - Hoje em dia - e eu digo isto de uma forma construtiva - é preciso uma nova pirataria para dar a volta a isto porque se está a cometer toda uma série de atentados. Há muitas pessoas novas que, de um momento para outro, se viram com um microfone na mão e ficaram muito deslumbradas, mas com uma grande falta de criatividade e, por vezes, de atenção ao quotidiano. Há muitas histórias que davam para fazer emissões que fossem além do disco-jockey que passa desde o pedido do namorado mais desconsolado até ao último top, copiando tudo e mais alguma coisa.

D.L. - Achas que as rádios locais estão a tentar copiar as nacionais?

A.C. - Curiosamente, as rádios nacionais aprenderam muito com todo este movimento e reformularam as suas emissões, enquanto as rádios livres passaram a fazer pior do que aquilo que criticavam nas rádios nacionais. Apesar de tudo, é um movimento cheio de vitalidade.

D.L. - Vais inaugurar amanhã uma exposição no Forum de Santarém. Quais são as obras expostas?

A.C. - Neste momento, estou um pouco separado da família por questões profissionais, isso deu-me uma maior disponibilidade para redescobrir a noite e a pintura, como acontecia nos anos 70. Ultimamente, uma coisa que me tem interessado bastante são as caligrafias porque,

como não posso fazer reportagens nem contar coisas, refugiei-me nas escritas sobrepostas, como forma de transmitir os muitos recados que tenho para dar. As obras expostas em Santarém vão nesse sentido. Escolhi Santarém porque foi onde estive nos dois últimos anos, na trincheira das rádios livres. A exposição é um pouco a forma de me reencontrar com as pessoas, não através da rádio, mas das aguare-



las e das esculturas.

D.L. - De onde vem o teu interesse pela pintura?

A.C. - Sempre gostei de pintar e, quando vim para Lisboa, tentei mesmo fazer a aptidão a Belas Artes. Na altura, aquilo era muito restrito e eu chumbei, o que me deu mais energias para continuar. A pintura tem sido uma constante, mas como algo decorrente do estar na vida. Não me chega fazer o que tenho que fazer por razões profissionais.

D.L. - Além da pintura, também fazes poesia. Já editaste algum livro?

A.C. - Fiz uma edição de autor com textos escritos nos telhados da RTP, durante a ocupação da televisão no 25 de Abril. Era um caderninho que eu próprio distribuí e guardo com muita vontade a hipótese de o reeditar, juntamente com outros textos. É uma das coisas que me dói hoje em dia é não poder contar histórias mas, ou se faz uma coisa ou se faz outra e, neste momento, a postura é outra.

D.L. - A carreira política atrai-te?

A.C. - Quem tem a visão da precariedade da vida, como eu, não pode dizer: 'Finalmente deu-me para fazer carreira'. Porém, a política é um mundo demasiado fascinante, as pessoas envolvem-se e, às vezes, tenho medo de me esquecer desta visão. Estando na política, gostaria de contribuir para ajudar a resolver alguns dos problemas básicos, como a pobreza ou a marginalidade. Acredito que posso ajudar, mas não digo que vou ser um profissional para ajudar a resolver o problema do emprego ou da marginalidade. Continuo a preferir estar de passagem, dando o meu melhor. Sou profissional da vida.

D.S.

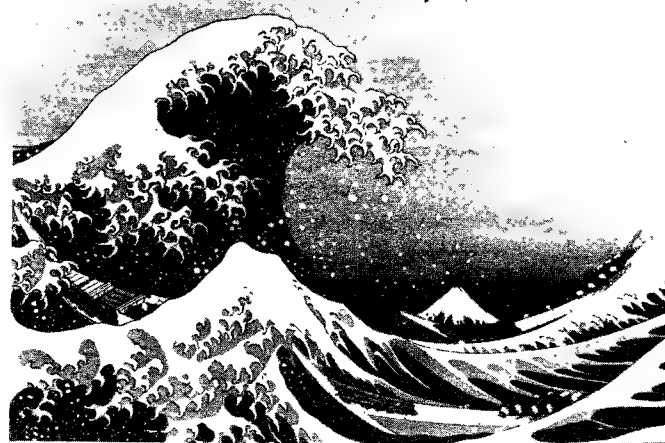


Desejados e lunáticos

Não quero saber as razões por que o último filme de Paulo Rocha não pode ser visto em Portugal na empobrecida rede dos cinemas normais. Não quero saber razões: delas, justificadas, imaginadas ou incompreensíveis, está o inferno do cinema português cheio. Falo de «O Desejado ou as Montanhas da Lua», terminado em 1987, visto em Veneza, e talvez em Paris, numa ou noutra ocasião, eventualmente na Cinemateca e agora no Acarte, no dia de anos da casa, em homenagem a Madalena Perdigão.

Filme insensato, quase feliz na sua subtil irreabilidade, no povoado vazio social, belo em tantas sequências, distraidamente contado, dissipando o tesouro das intenções afloradas; se um protestantismo fosse capaz de criar um estilo barroco, Paulo Rocha seria o seu profeta.

O que sabe este artista que vive onde calha na sua toca intocável, um



tanto oriental, provavelmente falando com os seus botões em nipónico, o que ele sabe, é colocar o homem só dentro do espaço fílmico, inventando a natureza, natural ou pintada — o que é maneira de dizer. O que menos sabe, e «O Desejado...» disso se ressentido, é fazer contracenar dois ou mais actores. Não é incomunicabilidade que Paulo Rocha demonstra, mas uma certa incapacidade de dirigir os actores, de os pensar em grupos humanos bem sinalizados. Pecha dos realizadores portugueses? Pelo menos de alguns.

Filme sobre Sá Carneiro, Francisco? Se sim, então recriado por alguém que sabe ler Sá Carneiro, Mário.

Uma distribuidora, já. Correr o risco, já.

Jorge Listopad

A.M.A. *Auto Monumental do Acervo*

CONCESSIONÁRIOS  

AUTOMÓVEIS — PEÇAS — SERVIÇOS — OFICINA

Av. Padre Manuel da Nóbrega, 8 • Telef. 894185/6/7/8
1000 LISBOA
Telex 63403 AMACAR • Telefax 80 47 75

SUPLEMENTO LITERÁRIO

SUPLEMENTO DAS QUINTAS-FEIRAS DO **Diário de Lisboa** 10 DE MAIO DE 1990. NÃO SE PODE VENDER EM SEPARADO

Raduan Nassar, pág. 3; Entrevista a Mia Couto, págs. 4 e 5; Produção de Livros: *As capas que nos escolhem* e *Os livros que nos formam*, págs. 6 e 7; Lembrança de Fidelino de Figueiredo, pág. 8.

O homem é o machado; a mulher é a enxada

(Provérbio moçambicano)

Naquela noite, as horas me percorriam, insones ponteiros. Eu queria só me esquecer-me. Assim deitado, não sofria outra carência que não fosse, talvez, a morte. Não aquela, arrebatante e definitiva. A outra: a morte-estação, Inverno subvertido por guerrilheiras florações.

O calor de Dezembro me fazia desaparecer, atento só à extinção do gelo no copo. A pedrinha de gelo me semelhava, ambos nós transitórios, convertendo-nos na prévia matéria de que nos havíamos formado.

Nesse enquanto, ela entrou. Era uma mulher de olhos lisos que humedeciam o quarto. Vagueou por ali, parecia não acreditar em sua própria presença. Seus dedos passeavam pelos móveis, em distraído afecto. Quem sabe ela sonambulasse, aquela realidade lhe fosse muito fictícia? Eu queria avisar-lhe que estava enganada, que aquele não era seu competente endereço. Mas o silêncio me alertou que ali estava a decorrer um destino, o cruzar das fatais providências. Então, ela se sentou na minha cama, ajoitou seu delicado lugar. Sem me olhar, começou a chorar.

Nem me guiei: já minhas carícias se desenrolavam em seu colo. Ela se deitou, imitando a terra em estado de gestão. Seu corpo se me entreabria. Mais fôssemos, no seguinte, e chegaríamos a vias do facto. Mas, nos avanços, me tremurei. Vozes ocultas me seguravam: não, eu não podia ceder.

Mas a estranha me atentava, descendo do seu decote. Seu peito me espreitava, subornando meus intentos. As lendas antigas me avisavam: virá uma que acenderá a lua. Se resistires, merecerás o nome da gente guerreira, o povo de quem descendes. Nem eu bem decifrava a lendável mensagem. Certo era que ali, naquele quarto, se executava a prova de mim, o quanto valiam meus mandos.

Porém. Por artes da intrusa, eu desaparecia, intermitente, da existência. Me irrealizava. E quando me apelava, rumo à razão, nem sequer eu chegava a meu cérebro, o austero juiz. Por causa a voz dessa mulher: lembrava o murmurinho das fontes, a sedução do regresso a dantes, quando não havia antes. Ela me queria meninar, conduzir-me às primitivas dormências. Avemente, se ninhou em meu peito. Procurava em mim o espelho para o suave luar? Deixei-me, sem estatura. Aqueles círculos negros, seus olhos, redondos de não terem fim, me surgiam como dois soluços, fossem partes de mim, saudosas, que me espreitassem.

Ela contou sua história, seus episódios. Variantes de verdade, me davam o doce gosto do fingimento. Me apetecia o infinito tal igual às crianças que sempre perguntam: e depois?

Mas a estranha notou em si uma ausência.

MULHER DE MIM



cia. Devia ir. Prometeu que regressava logo. Já, o mais tardar. No umbral da porta, soprou um beijo a modos de antiquíssima esposa. Saiu, penumbrou-se.

Não sei o quanto demorou. Talvez umas tantas noites. Ou escassos instantes. Nem sei. Porque adormeci, ansioso por me suprimir. Doe-me acordar, malvorei-me. Nesse custo, entendi: acordar não é a simples passagem do sono para a vigília. É mais, um lentíssimo envelhecimento, cada despertar somando o cansaço da inteira Humanidade. E concluí: a vida, ela toda, é um extenso nascimento.

Então, me recordei do antecedente sonho, sabendo da verdade que só ela em delírio se revela. Afinal: os mortos, os vivos e os seres que ainda esperam por nascer formam uma única teia. A fronteira entre seus territórios se resumem frágil, movente. Nos sonhos todos nos encontramos num mesmo recinto, ali onde o tempo se despromove à omniausência. Nossos sonhos são senão visitas a essas vidas outras, passadas e futuras, conversa com nascituros e falecidos, na irrazoável língua que nos é comum.

Os vindouros, esses aguardam por corpo, são quem mais devíamos temer. Porque deles sabemos o quase nada. Dos mortos ainda vamos recebendo recados, afeiçoamo-nos a suas familiares sombras. Mas o que não suspeitamos é quanto a nossa alma se compõe desses outros, transvisíveis. Esses, os pré-nascidos, não nos perdoam o habitar-mos o luminoso lado da existência. Eles congeminam as mais perversas expectâncias, seus poderes nos puxam para baixo. Pretendem que regressemos, teimando-nos em sua companhia.

O que invejam eles, os vindouros? Será o não terem nome, não respirarem a límpida

luz? Ou sentirão, como eu, receio que alguém percorra as suas vidas antes deles? Duvidarão que essa antecipação os torne menos possíveis, como se gastos por um prévio original?

Pois eu, no instante, invejava as ambas categorias: os mortos, por se aparentarem à perfeição dos desertos; os nascituros, por disporem do inteiro futuro.

Sentado sobre os leões engelhados, olhava a recente luz do dia, suas trôpegas poeirinhas luminosas. Pela janela me chegavam os sons do trânsito, a cidade satisfeita com suas rápidas desordens. Me veio a saudade, não das sobrenaturais crenças mas das outras, infranaturais, nossas calçadas convicções animais. Não era a humana nostalgia que me assaltava. Porque a saudade dos homens é toda do presente, nasce do amor não cumprir, na hora, os seus deveres. Minha tristeza era outra: vinha de ter tocado aquela mulher. Me sentia com a despesa do arrependimento. Que infração eu cometera se o desejo despontara apenas na flor dos dedos?

Me levantei, procurando algum descuido. Mas aquele quarto me desprotegia, me organava. Porque, no visto das coisas, a gente vai transitando do útero para a casa, cada casa não sendo senão outra edição do ventre materno. Como um pássaro que sempre e sempre tecesse o ninho, o seu, para suas futuras nascenças e não das crias. Aquela mulher me lembrava que aquela casa, afinal, não me dava nenhum acolhimento.

Espreitei pela janela, vi a mulher chegando. Veio-me ao pensamento a suspeita, certa, que ela não era mais que um desses seres vindouros, enviado para me retirar do reino dos vivos. Sua tentação era

essa: levar-me ao exílio do mundo, emigrar-me para outra existência. Em troca eu lhe daria a carícia, em matéria de corpo, isso que apenas os vivos logram possuir.

Precisava pensar rápido: ela gozava a vantagem de não precisar de consultar a razão. Eu devia encontrar, súbito, a saída do momento. Me chegou por via de intuição: em qualquer lugar deveriam de existir os assassinos dos mortos, justiceiros dos pré-nascidos. O que eu precisava era convocar um desses matadores para suprimir não a vida mas a suspeição daquela mulher. Sendo a pergunta: onde encontraria um desses matadores, como instigar a sua repentina aparição? Porque tudo urgia, ela vinha chegando, seus passos já superavam as escadas.

Que fazer, se nenhum tempo me restava? Matá-la eu, de corpo e sangue? Serviria só se ambos estivéssemos em sonho, coisa que eu não parecia. Ela era uma enviada, com encomendado serviço de me buscar, levar-me para onde tudo é ainda futurível.

Ela entrou, eu estremei. A futura virginal agora com maior beleza, cada vez mais deusa, requerendo a total devoção de um crente. Me adveio um recurso, tábua que a onda traz. Lhe disse:

— *Te adivinho ainda pequena, ontem de antes. Recordas-te?*

Ela se afligiu, atingida, por momento, lhe faltou o peito, ela toda se inspirou. Os nascituros estão isentos de memória, seu primeiro choro está ainda por despontar. O medo dela me dava argúcia, eu me ajudava enquanto a via chegar-se ao espelho. A estranha se contemprou despidendo, sorrindo na pétala de cada gesto.

São finges, nem te vês, lhe disse, mais dono de mim, Ela desistiu de si mesma, veio até ao leito, me tocou. Chamou por meu nome, docemente. Passou o dedo por meus lábios.

— *Tu não entendes.*

Sorria com mágoa. Minhas frágeis habilidades lhe haviam feito ofensa. Contudo, me perdoava, O sereno sorriso lhe regressava.

— *Tranquila-te, eu não te venho buscar.*

O que vinha fazer, caso então? Porque tanto mais ela se senhorava mais eu me inquietava. A enviada prosseguiu:

— *Não percebes? Eu venho procurar lugar em ti.*

Explicou suas razões: só ela guardava a eterna gestação das fontes. Sem eu ser ela, eu me incompletava, feito só na arrogância das metades. Nela eu encontrava não mulher que fosse minha mas a mulher de mim, essa que, em diante, me acenderia em cada lua.

— *Me deixa nascer em ti.*

Fechi os olhos, em vagaroso apagar de mim. E assim deitado, todo eu, escutei meus passos que se afastavam. Não seguiam em solitária marcha mas junto de outros, de feminino deslize, fossem horas quem, nessa noite, me percorreram como insones ponteiros.

Mia Couto

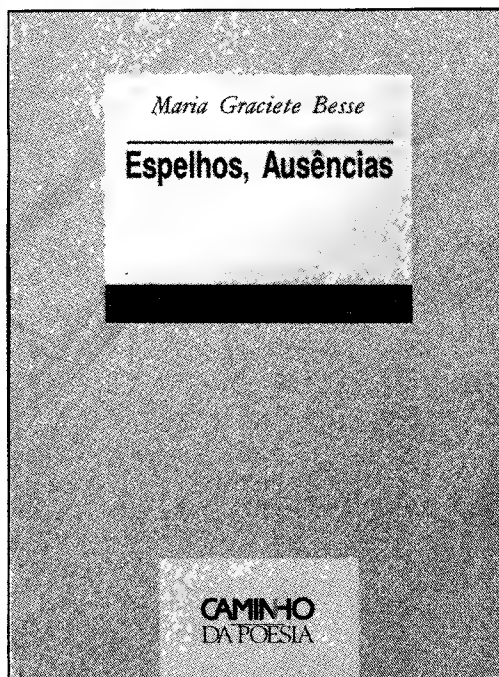
NOVIDADES

DA POESIA

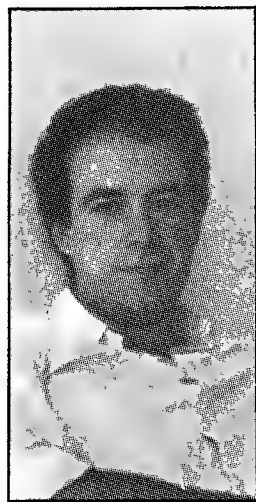


Maria Graciete Besse nasceu na Costa da Caparica em 1951. Doutorou-se em Literatura Portuguesa e é professora universitária em França. Tem várias obras publicadas e diversas colaborações em jornais e revistas, nomeadamente: Colóquio Letras, Vértice, Letras e Letras, Quadrant.

Para além da intimidade do caos, o percurso através de palavras organizadoras de um mundo partilhado entre sombras e reflexos de ausência. Escrita de jubilação e silêncios, em busca de uma transparência feroz onde o fazer poético se funde, dinamicamente, nas malhas da identidade e nos sobressaltos da alteridade.

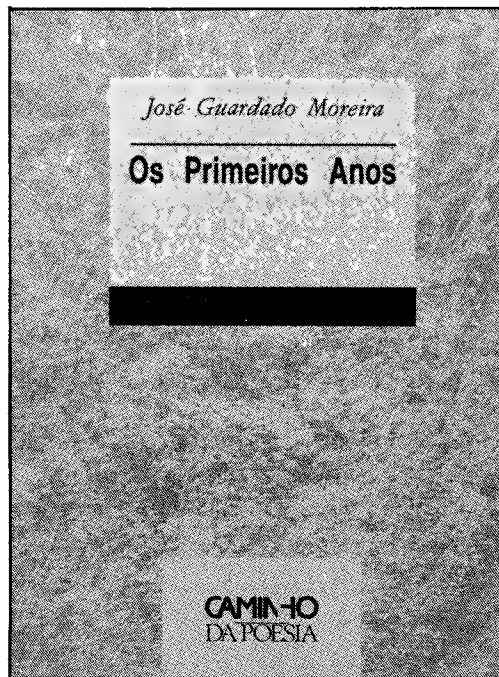


ISBN 972-21-0476-4
pp. 102 Preço: 1500\$00



José Guardado Moreira nasceu em 1952, em Castelo Branco. Licenciado em Antropologia, colabora regularmente na imprensa desde 1978. Em 1985 foi atribuído o Prémio de Teatro da APE Rádio Comercial à peça Trakhoma. Escreve actualmente para as revistas Sábado e Ler.

Depois da luz se ter ido
Quando o calor das mãos se perdia
Nas chaves da flauta abertas a carvão, agora
Disse a ave branca, devias
Acolher o silêncio sem demora
Para olhando te fixares
Na haste escura da madeira
Que brilha sem haver luar,
O segredo que sem saber desvendas
Está dentro do veio do olhar
Sabendo que de ti se não há-de perder,
Confia, não procures.

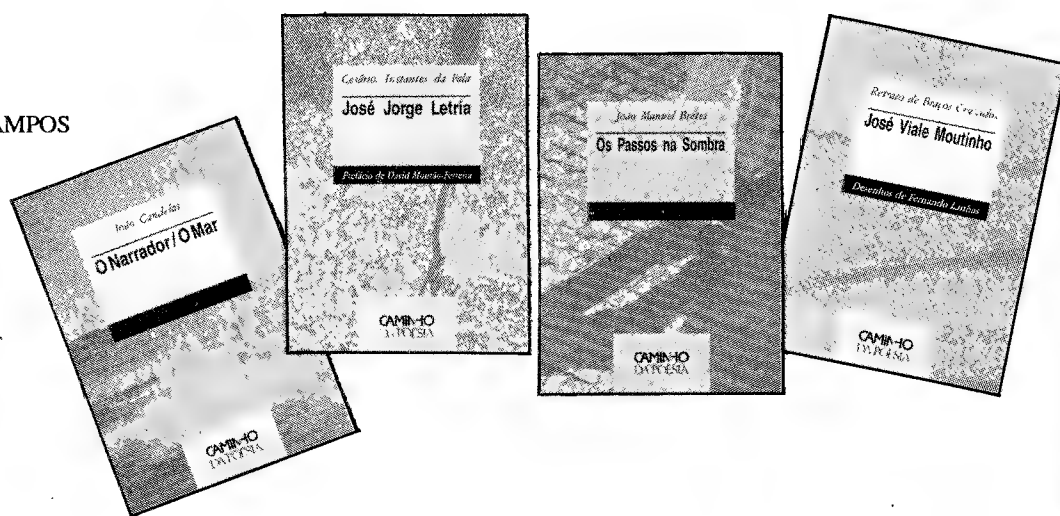


ISBN 972-21-0500-0
pp. 44 Preço: 1100\$00

A Caminho da Poesia é uma colecção significativa e indispensável no panorama rico e variado da poesia portuguesa contemporânea

VOLUMES PUBLICADOS NESTA COLECÇÃO

DEMONSTRAÇÃO A GIZ, *Maria da Graça Varella Cid*
CARTAS DE MAR E AR, *José Carlos González*
HOUE MESMO UM DIA DE DESESPERO EM QUE SE CULTIVARAM CAMPOS
DE CICUTA, *Oliveira Castro*
ESFERA DOS DIAS, *Pedro Alvim*
PIANO BAR, *José Viale Moutinho*
COMO QUEM LEVA AO OMBRO A VIDA TODA, *Eduardo Olímpio*
IDOS E CALENDAS, *José Carlos González*
AS PLANÍCIES DONDE VIM, *Oliveira Castro*
AS IMAGENS, *Francisco José Viegas*
O QUINTO ELEMENTO, *António de Almeida Mattos*
DA MELANCOLIA, *Luisa Brehm*
A VOZ DO CHORINHO OU OS APELOS DA MEMÓRIA, *Albano Martins*
EQUILÍBRIO, *Alberto Soares*
A PERFEIÇÃO DAS COISAS, *Jaime Rocha*
A MALA DOS MARX BROTHERS, *João Camilo*
A REGIÃO BRILHANTE, *Paulo Teixeira*
TODAS AS COISAS, *Francisco José Viegas*
CESÁRIO: INSTANTES DA FALA, *José Jorge Letria*
RETRATO DE BRAÇOS CRUZADOS, *José Viale Moutinho*



PRÓXIMOS VOLUMES

A FLAUTA NA FALANGE, *António Magalhães*
AÍ A SOMBRA: O DIZER, *José Fernando Guimarães*
DOIS SÓIS, A ROSA, *Manuel Gusmão*

CAMINHO DA POESIA

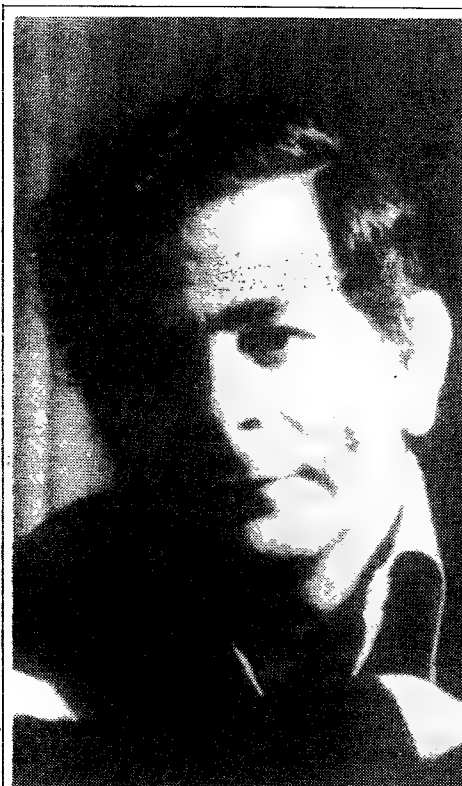
CDL a distribuição

LAVOURA ARCAICA

Era uma vez um faminto. Passando um dia diante de uma morada singularmente grande, ele se dirigiu às pessoas que se aglomeravam nos degraus da escadaria, perguntando a quem pertencia aquele palácio. "A um rei dos povos, o mais poderoso do Universo" responderam. O faminto foi então até os guardiães postados no pórtico de entrada e pediu uma esmola em nome de Deus. "Donde vens tu?" perguntaram os guardiães, "então não sabes que basta te apresentares ao nosso amo e senhor para teres tudo quanto desejas?" Animado pela resposta, o faminto, embora um tanto ressabiado, transpôs o pórtico, atravessou o pátio espaçoso que se seguia à entrada, assim como o jardim sombreado de vigorosas árvores, e logo alcançou o interior do palácio, passando de aposento em aposento, todos grandes, de paredes muito altas, mas despojados de qualquer mobília; sem se deixar perder no labirinto daquela estranha moradia, ele acabou por chegar a uma ampla sala revestida de azulejos decorados com desenhos de flores e folhagens que compunham agradavelmente com a enorme taça de alabastro plantada no meio da peça, de onde jorrava água fresca e docemente rumorejante; um tapete de veludo bordado com arabescos cobria parte desta sala, onde, recostado em almofadas, estava sentado um ancião de suaves barbas brancas, a face iluminada por um sorriso benigno. O faminto avançou para o ancião de barbas formosas, saudando-o: "Que a paz esteja contigo!" "E contigo a paz, a misericórdia e as bênçãos de Deus!" respondeu o ancião inclinando ligeiramente a fronte. "Que desejas, pobre homem?" "Ó meu senhor e amo, peço-te uma esmola em nome de Deus, pois estou tão necessitado a ponto de cair de fome." "Por Deus!" exclamou o ancião "é possível que eu esteja numa cidade onde um ser humano tenha fome como dizes? É intolerável!" "Que Deus te abençoe e abençoada seja tua santa mãe" disse o faminto em reconhecimento aos sentimentos do ancião. "Fica aqui, pobre homem, quero repartir contigo o pão e que te sirvas do sal da minha mesa." E logo o ancião bateu palmas e ao jovem serviçal que se apresentou ordenou que trouxesse o gomil com a bacia. E disse pouco depois para o faminto: "Hóspede amigo, chega-te mais perto e lava as mãos." E o próprio ancião levantou-se, dobrou o corpo para a frente, e fez com nobreza o gesto de esfregar as mãos debaixo da água que era supostamente derramada de um gomil invisível. O faminto ficou sem saber o que pensar da encenação que seus olhos viam e, como o ancião insistisse, ele deu dois passos e fez também de conta que lavava as mãos. "Ponham a toalha. Depressa!" ordenou o ancião aos servidores "e não demorem em trazer-nos o que comer, que este pobre homem está quase a desfalecer de fome." Vários servos começaram a ir e vir, como se pusessem a mesa e a cobrissem com numerosos pratos. O faminto, dobrando-se de dor, pensou com seus botões que os pobres deviam mostrar muita paciência diante dos caprichos dos poderosos, abstendo-se por isso de dar mostras de irritação. "Senta-te a meu lado" disse o ancião "e trata de honrar a minha mesa." "Ouço e obedeço" disse o faminto sentando-se no tapete ao lado do ancião, frente à mesa imaginária. "Senhor meu hóspede, minha casa é a tua casa e minha mesa é a tua mesa. Não faças cerimônia, come enquanto estiveres no apetite." E

como o ancião o estimulasse a acompanhá-lo, o faminto não se fez esperar, logo simulando também tocar nos supostos pratos, espetar bons naços, e, movendo o queixo, mastigar e engolir a comida inexistente. "Que me dizes deste pão?" perguntou o ancião. "Este pão é bem alvo e muito bom, nunca na vida comi outro que mais me soubesse" respondeu prontamente o faminto, sem forçar sua gentileza. "Que prazer tu me dás, ó senhor meu hóspede! Mas penso que não mereço esses elogios, senão que dirás tu das iguarias que estão à tua esquerda, este assado com recheio de arroz e amêndoas, este peixe em molho de gergelim, ou estas costelas de carneiro! E que dirás do aroma?" "O aroma é embriagador tanto quanto o aspecto e o paladar divinos." "Não posso deixar de reconhecer que o senhor meu hóspede está animado da maior indulgência para com a minha mesa, por isso mesmo vais provar agora da minha própria mão um bocado incomparável" disse o ancião, simulando tirar entre as pontas dos dedos um bocado da travessa e chegá-lo aos lábios do faminto, dizendo: "Deves mastigar bem!" O faminto estendeu os lábios para que o bocado lhe fosse introduzido na boca, mastigando-o bastante em seguida, fechando até os olhos de deleite para dar maior realidade à sua representação: "Excelente!" exclamou em acabamento. "O meu hóspede amigo, pelo modo como falas bem se vê que és pessoa de gosto, habituado a comer à mesa de príncipes e de grandes; come mais, e que te faça bom proveito." "Estou satisfeito, já provei de todos os pratos, não posso mais" disse o faminto sorrindo em agradecimento, e mal contendo as dores da sua terrível fome. O ancião então bateu palmas e quando vieram os servos disse: "Podem trazer a sobremesa." Os jovens servos romperam numa azáfama, agitando os braços em gestos variados e com certo ritmo, depois de tantos outros rápidos e precisos que significavam levantar uma toalha e pôr outra, embora nada fosse mudado. Finalmente o ancião ergueu a mão e eles se retiraram. "Dulcificuemos" disse o ancião com algum preciosismo "vamos aos doces: esta torta empolada de nozes e romãs, com certo ar épico, parece muito capaz de nos tentar. Prova um bocado, hóspede amigo, é em tua honra que ela há de ser partida. Tens aqui a calda almiscarada, talvez queiras mesmo polvilhá-la... Come, come, não faças cerimônia." E o ancião dava o exemplo, imolando colherada sobre colherada, com apetite e requinte, numa encenação tão perfeita, como se saboreasse uma torta de verdade. E o faminto o imitava com arte, embora a fome mais do que nunca lhe contraísse o estômago. "Geléias? Frutas? Tens aqui tâmaras secas, tâmaras em licor, passas... De que é que mais gostas? Por mim prefiro a fruta seca à fruta preparada pelo confeiteiro, não se perdeu o sabor nativo. Tens de provar também esses figos acabados de colher da árvore. Não? E os pêssegos? Talvez prefiras ameixas... Tens aqui, come, come, Deus é clemente com os humanos!" O faminto, que à força de mastigar em falso tinha a boca e a língua e os maxilares cansados, ao passo que o estômago lhe gritava cada vez mais alto, respondeu à insistência continuada do ancião: "Estou satisfeito, senhor, não quero mais nada!" "É estranho! Pela fome que te trouxe até aqui, hóspede amigo, admira que te saciasses tão depressa; de qualquer forma, foi uma honra di-

vidir minha mesa contigo. Mas ainda não bebemos..." disse o ancião com um leve traço de zomba lhe percorrendo os lábios, e logo bateu palmas e a esse sinal acorreram adolescentes de braços graciosos em suas túnicas claras, e simularam levantar a toalha, pôr outra, e plantar em cima taças e copos de toda a ordem. E o anfitrião, encenando sempre, encheu as taças, oferecendo uma ao faminto que a recebeu com vênica amável, levando-a em seguida aos lábios: "Que vinho sublime!" exclamou ele fechando de novo os olhos e estalando a língua. E mais vinho foi derramado nas taças, e outros supostos vinhos foram trazi-



RADUAN NASSAR é paulista, um homem de Pindorama, onde passou a infância. Adolescente, veio para São Paulo onde cursou direito e filosofia na USP. Depois de desempenhar diversas atividades, nomeadamente o jornalismo, lançou-se na literatura com «Lavoura arcaica», de 1975. Três anos depois publicava a novela «Um copo de cólera». Apesar do êxito incomum alcançado pelos dois livros (traduzidos em diversas línguas), Raduan Nassar abandonou a literatura para se dedicar ao trabalho no campo.

dos, de muitas espécies e sabores. Um e outro entremeavam a consumação, entregando-se ao jogo instável dos embriagados, pendulando lentamente a cabeça e o meio-corpo, além de muitos outros trejeitos, até que todas as garrafas fossem provadas. E depois de ter deitado tanto vinho nos copos, o ancião interrompeu subitamente a falsa bebedeira, e, assumindo sua antiga simplici-

dade, a fisionomia de repente austera, falou com sobriedade ao faminto com quem dividira imaginariamente sua mesa: "Finalmente, à força de procurar muito pelo mundo todo, acabei por encontrar um homem que tem o espírito forte, o caráter firme, e que, sobretudo, revelou possuir a maior das virtudes de que um homem é capaz: a paciência. Por tuas qualidades raras, passas doravante a morar nesta casa tão grande e tão despojada de habitantes, e está certo de que alimento não te há de faltar à mesa." E naquele mesmo instante trouxeram pão, um pão robusto e verdadeiro, e o faminto, graças à sua paciência, nunca mais soube o que era fome.

(Como podia o homem que tem o pão na mesa, o sal para salgar, a carne e o vinho, contar a história de um faminto? como podia o pai, Pedro, ter omitido tanto nas tantas vezes que contou aquela história oriental? terminava confusamente o encontro entre o ancião e o faminto, mas era com essa confusão terapêutica que o pai deveria ter narrado a história que ele mais contou nos seus sermões; o soberano mais poderoso do Universo confessava de fato que acabara de encontrar, à custa de muito procurar, o homem de espírito forte, caráter firme e que, sobretudo, tinha revelado possuir a virtude mais rara de que um ser humano é capaz: a paciência; antes porém que esse elogio fosse proferido, o faminto — com a força surpreendente e descomunal da sua fome, desfechava um murro violento contra o ancião de barbas brancas e formosas, explicando-se diante de sua indignação: "Senhor meu e louro da minha frente, bem sabes que sou o teu escravo, o teu escravo submisso, o homem que recebeste à tua mesa e a quem banqueteaste com iguarias dignas do maior rei, e a quem por fim mataste a sede com numerosos vinhos velhos. Que queres, senhor, o espírito do vinho subiu-me à cabeça e não posso responder pelo que fiz quando ergui a mão contra o meu benfeitor.")

(Em memória do avô, faço este registro: ao sol e às chuvas e aos ventos, assim como a outras manifestações da natureza que faziam vingar ou destruir nossa lavoura, o avô, ao contrário dos discernimentos promíscuos do pai — em que apreciavam enxertos de várias geografias, respondia sempre com um arrote toco que valia por todas as ciências, por todas as igrejas e por todos os sermões do pai: "Maktub.")

¹ "Está escrito."

(Em memória de meu pai, transcrevo suas palavras: "e, circunstancialmente, entre posturas mais urgentes, cada um deve sentar-se num banco, plantar bem um dos pés no chão, curvar a espinha, fincar o cotovelo do braço no joelho, e, depois, na altura do queixo, apoiar a cabeça no dorso da mão, e com olhos amenos assistir ao movimento do sol e das chuvas e dos ventos, e com os mesmos olhos amenos assistir à manipulação misteriosa de outras ferramentas que o tempo habilmente emprega em suas transformações, não questionando jamais sobre seus designios insondáveis, sinuosos, como não se questionam nos puros planos das planícies as trilhas tortuosas, debaixo dos cascos, traçadas nos pastos pelos rebanhos: que o gado sempre vai ao poço.")

extractos de *Lavoura Arcaica*
Companhia das Letras
Dina Livro

LIVRARIA



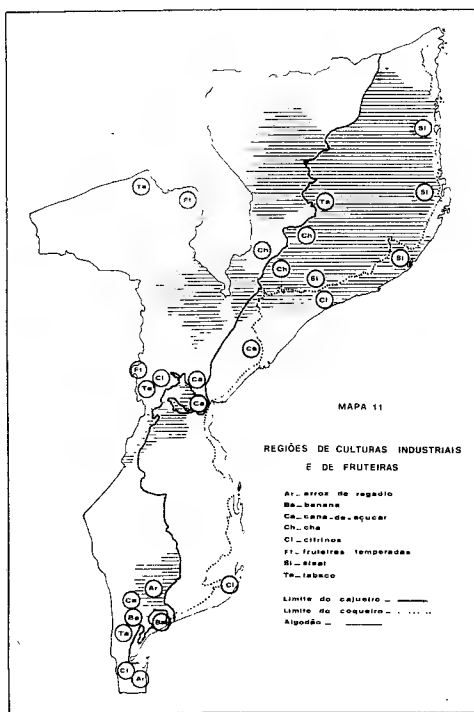
LISIPO

Livros antigos • Gravuras
Compra e Venda

Deslocamo-nos a qualquer ponto do país

Lg. Trindade Coelho, 7
☎ 346 2771 - 37 35 60
1200 LISBOA





«Inquirido sobre a sua raça, respondeu: — A minha raça sou eu, João Passari-nheiro.

Convidado a explicar-se, acrescentou: — Minha raça sou eu mesmo. A pessoa é uma humanidade individual. Cada homem é uma raça, senhor polícia.»

(Extracto das declarações do vendedor de pássaros)

Conta-me que a última entrevista que lhe fiz para jornal português deu polémica e que nestes quatro anos de intervalo desconsigui sempre de responder a muitas perguntas sobre o quê disso de não se «sentir estrangeiro» em terras lusas. A conversa, essa tal, foi no tempo que anunciava a edição «pergaminhada» das «Vozes Anoitecidas». Entendam o - nos: «pergaminhar(-se)» é ser editado em Portugal. Raio de rectângulo! E ainda hoje Mia Couto carrega o fardo desse pecado a cheirar a suspeito mosto das vindimas quando, para sua desgraça, anuncia descaradamente que vai voltar a «pecadilhar», desta feita com uns textos a que resolveu chamar «Cada Homem é uma Raça». Já se vê: título a batucar sinais de alarme, sentença à rei Salomão.

Seguramente um dos nomes mais importantes da literatura que se faz em Moçambique, António Emílio Leite Couto — de seu nome de registo — viu seu discurso anti-heróico, sua nenhuma apetência épica, sua reflexão desde sempre a emergir duma espécie de «parte maldita», sua mal disfarçada tentação para um mulatismo cultural a esboçar-se, ganhar corpo no texto poético-narrativo da sua primeira prosa.

O reconhecimento aí está. Edição inglesa da Heineman, tradução italiana a acontecer brevemente. Para tratar desses casos andou por Londres e Roma, passou por Lisboa e falou com este escriba. Em Maio sairá a primeira edição de «Cada Homem é uma Raça» com a chancela da «Caminho», oportunidade e pretexto para Mia Couto visitar a capital e participar, com José Craveirinha e outros, no Congresso do Pen Clube a realizar-se na Madeira. Uma das tarefas que levou para Maputo é a organização de uma antologia do conto moçambicano para ser editado em Itália.

«Diário de Lisboa» — «Vozes Anoitecidas» foi um livro insólito, simultaneamente objecto de grande aceitação tanto no País como nos meios especializados do estrangeiro, como também alvo de polémica, alguma dela a descambar mesmo para a má-língua. Tens alguma explicação para isto?

Mia Couto — Bem... o livro tenta mane-

jar com a língua portuguesa de forma diferente e penso que isso foi mexer com preconceitos, com atitudes muito arraigadas em relação à norma da língua. Paradoxal é que isso tenha acontecido precisamente em Moçambique onde o português está a ser sujeito a toda esta moldagem nova. Uma objecção era se a minha tentativa não queria só explorar o exótico e aproveitar-se da ignorância das pessoas no seu uso quotidiano da língua. Quanto a mim penso que foi um debate até com aspectos saudáveis, apesar das inevitáveis saca...

Mia Couto pede-me que mude de palavra, que suavize «nalhas» e «nagens».

Toda a conversa será em cortiço de silêncios, no não jeito de inventar» Logo agora entrevistas», no escrupuloso medir das palavras. Pelo caminho, antes do lugar santado desta prosa, vinhamos falando dos casos mais recentes da acontecência moçambicana, dizendo este perguntador de como se «outrou» em esquizofrenia o discurso político do país. Terríveis dualidades, maniqueísmos vários, cronómetros para marcar a História que parece agora vestir-se de novos desenvolvimentos, mudança a tomar rosto. Rostinho é puzzle de complicadas pedras onde a literatura tem algum lugar. Interventor directo em seu «Croniscando» que semanalmente publica nas páginas do jornal «Notícias» de Maputo, o autor de «Raiz de Orvalho» sabe como o tipógrafo Raimundo da Importância da gralha e do perigo das interpretações delirantes.

MC — Contudo, hoje há pessoas a escrever no mesmo sentido da transgressão do português o que levou à desdramatização do debate que aconteceu em torno das «Vozes Anoitecidas». Tens um Suleiman Cassamo, um Tomás Vieira Mário e outros jovens que enveredam, à sua maneira, por um experimentalismo análogo ao meu.

«DL» — Utilizando a desconstrução da língua como estratégia acontece que tu fazes a «petite histoire», nas antípodas do que é o cometimento e até a tendência marcante da prosa que se escreve em Moçambique como em Angola. Há espaços dialogantes entre esses dois patamares?

MC — Creio que sim, apesar dos níveis serem diferentes. O problema que surgiu é que se estava diante de um trânsito novo e apareceram logo os polícias a quererem regulamentá-lo. A linguagem um pouco autoritária que tem sido usada noutras áreas estava também a ser utilizada no domínio da literatura. Hoje a questão está mais diluída e deixa-se que cada um conduza à sua maneira. Acha-se que todas as escolas valem. Por outro lado há uma coisa terrível que é a autêntica mania de, antes de tudo, haver a interrogação sobre aquilo que se faz é moçambicano ou não. Essa é sempre a primeira postura e não a preocupação de atender à qualidade literária da obra. Ora isto é um olhar mais europeu do que africano que surge a partir de instâncias antropológicas, etnológicas, sei lá. O que dá como consequência que a literatura africana fique sempre separada na prateleira do lado, bicho raro para curiosos.

«DL» — A Heineman é também uma editora exclusivamente virada para as coisas africanas. Como é que explica as em relação à literatura do continente, e existem nomes com boa projecção, ainda não tenha acontecido o que já é uma realidade com as literaturas latino-americanas? Ain-

da a prateleira e um Nobel para Soyinka assim a modos de quem lava as mãos?

MC — É complicado. Por um lado há mesmo a barreira da raça. Mesmo do Soyinka se diz que ganhou por razões extraliterárias...

«DL» — Põem-se os judeus no «guetho» e depois confirma-se que eles são todos porcos...

MC — Por outro lado penso que os africanos ainda não conseguiram preparar o seu próprio terreno. Copiam-se modelos, falta a familiaridade com o papel e a passagem da oralidade para a escrita faz-se na base de muitos medos.

«DL» — Agora em Londres e em Roma não sentiste nenhuma estranheza ante a tua «branquitude»? Como é que te viam?

MC — Sim, primeiro tinha que me apresentar. Houve alturas em que até ficava ofendido mas hoje penso que até é natural. Se eu estiver à espera de uma delegação francesa espero europeus. Por outro lado, ocasiões destas são uma boa oportunidade para mostrar a diversidade de que é composto o tecido social moçambicano. De qualquer forma o público que ia às conferências era um público informado. Ainda assim perguntavam-me como é que, sendo eu branco, vivia, escrevia, era, em Moçambique. Dava respostas circulares.

«DL» — Quando sai «Vozes Anoitecidas» são essas também algumas das questões que se põem no Maputo. Acusaram-te de artificialismo, de falso suburbano.

MC — Sim, é verdade. Exigiam-me provas sobre as minhas vivências. Apesar de tudo acho que há uma certa razão nesse tipo de objecções. É verdade que a comunidade branca, e mesmo uma pequena faixa de negros, viviam como que numa nuvem e a independência foi a oportunidade de mergulhar no oceano mais vasto da realidade. Até para aprender qual a sua posição, o seu relacionamento com os outros. Isto sem nenhuma catarse, como quem cumpre uma pena mas no sentido de quem redescoberta. Sobre tudo encontrar os códigos de entendimento, de troca.

UMA ESTÓRIA

Na Inhaca, ilha larga que delimita a baía de Maputo e olha o Índico, há um batuque. O batuque é à noite. As fogueiras estão acesas. Os homens aquecem as peles dos tambores na clareira pejada de gente. Há muitas mulheres. As mulheres mandam. Eu sou biólogo, deixei os jornais, os corredores dos ministérios, as reuniões. Estudo os bancos de corais mais a sul da terra. Estou na Inhaca. Mas há um batuque na noite e eu vou com os meus dois companheiros assistir. Eles são negros, um de Inhambane, outro lá de cima, de Manica. Na clareira há muitas velhas ao redor do fogo. Repararam em nós, os intrusos. Mas há um intruso ainda. Sou eu. Dão-nos cadeiras. Cumprimentamo-nos nariz com nariz e elas fazem «hum, hum» comigo. Nada mudou por causa de mim mas a certa altura elas pedem-nos que nos apresentemos. Não basta estar só ali sentado. Temos que dançar no meio do terreiro. A expressão corporal, melhor do que todas as palavras, dirá quem somos e de onde vimos. Os meus companheiros avançam e dançam. E eu? Agora imagina o que é que eu disse, dançando! Descobri que era completamente estrangeiro. E os meus colegas também. Eram da cidade e não exprimiram a língua-

gem do batuque. Imitaram o Michael Jackson. A sentença das velhas foi contundente:

«Nós não sabemos de onde é que vocês vêm!»

«DL» — Há na tua literatura a procura dessa África profunda...

MC — Sim e sem nenhuma espécie de complexos. Sou um pouco o estrangeiro que tem a vantagem de estar sempre um bocado de fora e assim poder deslumbrar-se e descobrir. Se estivesse completamente por dentro de todos os códigos, de todos os mitos, se calhar não conseguiria tratá-los literariamente. A verdade é que fiquei europeu em casa e africano na rua. No outro tempo casa e rua dividiam estes dois mundos.

Deixar o jornalismo foi deixar a arrogância. A biologia dá-me o contacto com as pessoas, as plantas, os animais. Chegar a um lugar, no decurso das minhas investigações, e ter tempo para ouvir histórias. Se calhar é verdade como tu dizes que me senti suficientemente pequenino para ficar pela «pequena história» e olhar os outros a dialogarem com a grande História. Haverá singularidades de percurso, pormenores biográficos até. Um Ungulani Ba Ka Khosa vai por aí e, depois de fazer o seu ajuste de contas com o Gungunhana, tem já pronta uma «Orgia dos Loucos». Mas és tu



terário

TO OS

que dizes, tu o entrevistador e haverá alguma razão nisso. Acontecesse é que eu preciso de tomar fôlego para escrever o que escrevo. Deixei o poema em verso e sei que a poesia está em tudo que produzo. Não quero é machucar ninguém, nem repetir-me. As minhas personagens comandam mas tudo acontece num cenário um pouco indefinido, num tempo indeterminado. E sinto que preciso de ir muito mais fundo.

«DL» — Na contracapa das «Vozes Anotadas» anunciava-se um romance.

MC — Não há nenhum romance. As editoras é que tentam forçar porque estabelecem a hierarquia dos géneros. Isso dá-me alguma irritação. Porque é que tem de ser assim? Será que o conto não vale? Depois, o romance, se tiver que nascer, será de dentro e não por causa dessa pressão do mercado.

«DL» — Mas é facto que o romance moçambicano não existe. Se esquecermos a «Portagem» do Orlando Mendes, que eu considero uma obra falhada, ninguém tentou ainda. Pensas que isso não interessa, que se trata de uma noção típica do século XIX sem mais sentido?

MC — Acho que nós temos que ter romances mesmo que seja uma categoria pas-



sada. O que sinto é que se está a caminhar para isso e que as pessoas vêm experimentar a prosa. O que atrapalha é que não há muita gente a fazê-lo.

«DL» — Mas fala-se muito num pretensão boom da literatura moçambicana... Por outro lado achas que tudo o que se publica merece o nome de literatura?

MC — Bem... Há uma exaltação apressada das coisas novas que vão surgindo. Estamos ainda muito próximos para as julgar. Mas eu creio que não é possível ter um juízo objectivo. Serão necessárias milhares de pessoas a lerem, outras a fazerem crítica, muitas a escreverem, edição diversificada a acontecer. É verdade que existe uma grande atracção pela escrita mas as escolas pouco estimulam e pouco acompanham. Ainda hoje chegam mais «poemas» do que cartas dos leitores às páginas dos jornais.

«DL» — E a Associação dos Escritores? Nunca te aproximaste dela.

MC — É verdade. Fiz não há muito tempo parte de uma comissão de leitura mas abandonei-a ao fim de uma semana. Tive medo porque não existe mais ninguém que edite e eu não queria enganar-me. Por outro lado, a AEMO como tantas outras instituições nasceu de cima com todos os defeitos e virtudes que isso implica. E penso que é um organismo sem vitalidade suficiente para eliminar as doenças de que vem padecendo.

Quando tudo é amálgama, espécie de matéria compacta, big bang a acontecer em slow motion, a literatura serve para muito. É plataforma para cargos e carros, apartamentos, rocketing para o status do escol a sedimentar-se. Digo eu, o entrevistador. E que dizer dos que se arrogam a pedestais de canção podre inventando movimentos geracionais, vanguardas que só a sua ignorância pode ostentar? Comparar a «Charrua», revista que aglutinou alguns jovens com vontade de se publicarem e que fez sair nove números em princípios da década de oitenta, à «Presença» é, no mínimo, um delírio. Grave é quando especialistas citam outros especialistas a corroborarem afirmações que leram em jornais de algum desses «arautos da modernidade» sem o corpo do delito na gaveta. Que nunca viram.

MC — Há fulanos que elaboram autênticas teorias sem nunca terem ido a Moçambique, lendo e tirando coisas uns dos outros. Trata-se de um jogo de espelhos completamente viciado. No restrito campo da literatura, uma senhora em Coimbra elaborou uma teoria onde defendia que Angola tem uma literatura mulata e Moçambique

uma literatura pintalgada. O negro continuaria negro e o branco também.

«DL» — Isso não decorrerá de uma certa mitologia sobre o que foram as colonizações nos dois países?

MC — Sim, penso que sim.

«DL» — Laivos de «lusotropicalismo» para Angola e influência do «apartheid» e do indirect rule para Moçambique.

MC — Exacto. Mas tudo isso é pouco sério.

«DL» — O que é que se pode fazer?

MC — Penso que o escritor moçambicano não pode fazer muito para denunciar estes eurocentrismos. Por outro lado é preciso que o estudo da literatura seja feito pelos próprios moçambicanos. Esse discurso crítico nas várias disciplinas é fundamental e deve impor-se pelo seu rigor e pela sua qualidade.

«DL» — E as gerações? É verdade que lá estejam em Moçambique assim com tantas clivagens ou é só preciso matar o pai?

MC — Eu não acredito nisso. As gerações não se medem pelo nível etário mas pela capacidade ou não que têm de inovar. Para mim o escritor não se define com o verbo *ser* mas com o *estar*. Eu não sou escritor, eu estou escritor. É esta a relação que tenho com a vida.

«DL» — O teu *estar* escritor é feito com alguma ironia e humor. Mas é isso com muitos fogos fátuos, no sentido necrológico mesmo. Há mortes que são vida e o contrário.

MC — Pensei muito na morte, a morte que há nos meus contos. O Rui Nogar acusou-me de negativismo com base numa leitura política muito neo-realista. Eu interroguei-me. Será que é verdade? Cheguei à conclusão que, na maioria dos casos, as mortes são ambíguas. Havia sempre a possibilidade de se renascer num outro registo.

São os símbolos da água e do fogo, rituais iniciáticos. O que eu não quero é que se veja na minha escrita só essa mensagem destruidora e negativista.

«DL» — Mas porquê? É obrigatória a esperança?

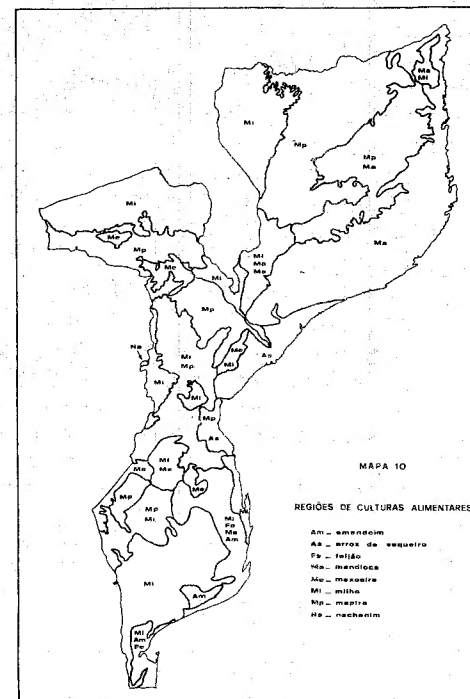
MC — Não. Só que havia situações de conflito que, no quadro em que eram apresentadas, e refiro-me às «Vozes Anotadas», não tinham de facto solução. Uma situação muito comum é a do homem que faz a viagem da loucura enquanto a mulher permanece ligada à terra como centro organizador da vida e que tenta trazer o homem à realidade. E este quadro não tem outra solução que não seja através da morte re-

dentora.

Nesta minha viagem agora por Londres e Roma reparei numa das obsessões do escritor africano. A afirmação constante que as línguas das várias colonizações são incapazes de exprimir os valores da cultura de raiz. E interroguei-me sobre o medo que lhe estava subjacente: o da possibilidade dessas línguas matarem a matriz das expressões autóctones. Penso que não é verdade. Não são as línguas que dominam os povos, estes é que se apropriam delas e utilizam-nas, servem-se. Não foi o piano que escravizou a expressão musical dos escravos negros americanos. Acho que ainda se continua a ter a posição de colonizado. Há um complexo de inferioridade. Alguns sectores do ANC crispam-se quando o Nelson Mandela foi recebido pelo De Klerk. Que ele ia ser utilizado. Eu pergunto-me: porque é que não se põe o problema ao contrário? Não se dará o caso de ser o Mandela quem está a utilizar o De Klerk? Os escravos jamaicanos não transformaram os bidons de gasolina em instrumentos musicais?

Agora é assim. «Vendedor de Pássaros» que valem mais do que as utopias, Mia Couto fala de nomes, inventa-os, aponta-os. «Já não estamos só no *nós pensamos que*. Lembra-te que nunca ninguém dizia *eu penso*». Hoje existe esta recuperação do *eu*, a afirmação da individualidade. Então João Passarinheiro pode amanhecer e retorquir às perguntas do polícia.

Luís Carlos Patraquim



PRODUIZIR LIVROS: A DIMENSÃO OCULTA

As 10 horas de um destes dias, entrei num gabinete com várias secretárias, amplo e cheio de sol. Numa delas, com uma chávena de café à frente, um homem de óculos, cigarro na mão e ar ensonado, avisou-me logo que, de manhã, é tudo muito mais complicado e menos brilhante. Fomos conversando devagar, falámos de capas de livros e de outras coisas. Aqui se transcreve parte dessa conversa com Rogério Petinga, responsável pelas capas da Quetzal Editores.

«DL» — Como é que se escolhem capas para livros?

RP — (sorri) Também gostava de saber!... Para mim é um bocadinho complicado responder a uma pergunta dessas. Suponho que não há «uma maneira» de escolher uma capa. Não quero com isto dizer que seja uma acção totalmente aleatória. Estou convencido que há muito de subjectivo nesta escolha e que ela está ligada à noção imediata que temos de um livro.

«DL» — Há alguma coisa fundamental em relação à escolha de uma capa?

RP — No nosso país ainda precisamos de capas com ilustração, mas continuo convencido que a capa ideal seria a capa nua, sem ilustração específica. Mas nós precisamos de dar qualquer coisa ao leitor que o faça ser atraído pelo livro. Num sistema ideal de



Capas e livros o bom casamento

mercado, as capas deveriam ser neutras. Falo, apenas, de livros literários.

«DL» — Porquê?

RP — Acho difícil, senão impossível, definir-se um livro com uma ilustração. Um livro é uma mensagem rica de muitas mensagens e normalmente é traído pela ilustração. O que é que, normalmente, se

faz? Ou uma alusão a certos aspectos do conteúdo ou uma capa que seja neutra em relação ao livro, isto é, que não exalte demasiado uma parte, uma passagem. Ou então, faz-se uma capa simplesmente apelativa, apenas para chamar a atenção.

«DL» — Estabelece-se um fio entre a capa e o que lá está

dentro...

RP — Tem de haver sempre, senão não haveria razão para a existência das capas. Depois, há é muita discussão sobre isso, que fios...

«DL» — Acha, então, que a necessidade de uma ilustração prende-se com a ausência de hábitos de compra de livros e de leitura, um mecanismo pa-

ra chamar a atenção, já de si tão desviada...

RP — Suponho que sim. Desde o início, foi isso que aconteceu. As capas começaram a ser ilustradas como uma forma das pessoas chamarem a atenção de outras para um elemento esteticamente agradável, que as levasse, eventualmente, a comprarem as obras ou a interessarem-se pelo autor.

«DL» — Lê os livros para os quais faz as capas?

RP — Não, aliás prefiro não ler.

«DL» — Prefere não ler, mas sabe do que se trata?

RP — Sim, normalmente, discuto sobre o livro, passo as folhas com alguma rapidez e tento captar uma mensagem que seja definidora de um certo clima, de uma certa atmosfera, sobretudo isso. Eu sei que há pessoas que acham isto muito estranho. Mas como lhe disse, é impossível definir um livro com uma imagem. Vou mais pela atmosfera, e agarro-me a isto, tentando causar ao leitor uma certa surpresa. Mas a surpresa não é o homem falar de cavalos e eu pôr um burro, mas sim algo que, normalmente, aparentemente, não tenha muito a ver com o livro. Não considero, de modo nenhum, que isto seja uma actividade especialmente malfadada. Acho que é uma actividade criadora e de-

pende dos dias, como do clima, como das estações.

«DL» — Escolhe a ilustração para a capa e depois?

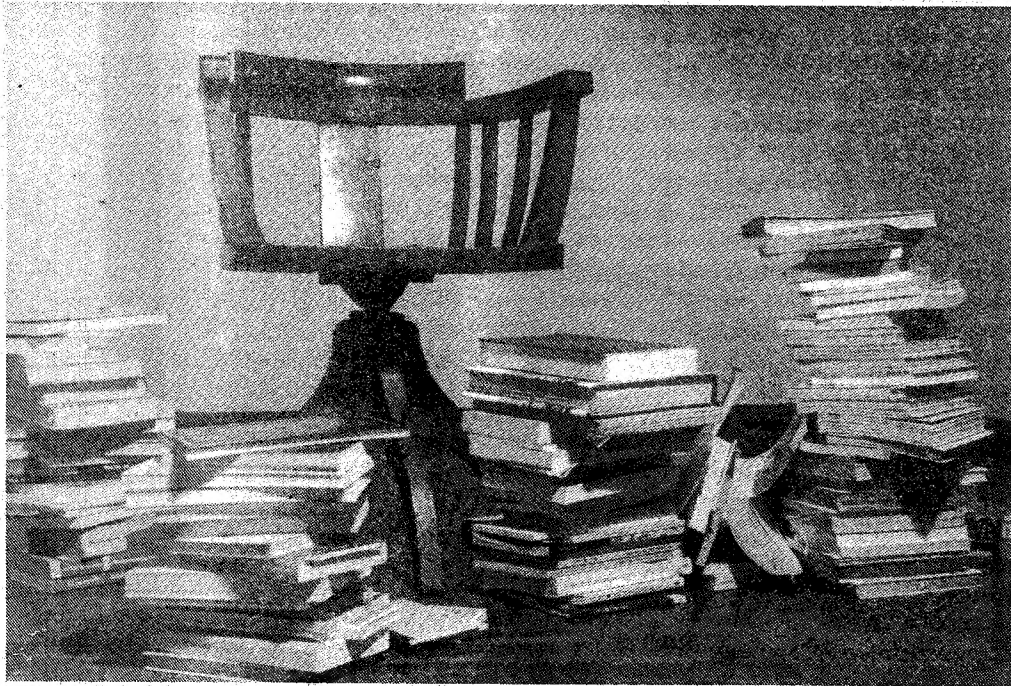
RP — Depois, tenho de resolver uma série de problemas específicos da impressão e reprodução de livros que se colocam sempre que se pretende fazer múltiplos de uma obra. Tento uma aproximação entre aquilo que é o real e a reprodução, embora não tenha ilusões de que a correspondência não é perfeita. Diria até que, em geral, o real fica favorecido!... Por isso é que Malraux afirmava, com muita razão, que os livros eram museus imaginários. O que é que eu quero dizer com isto? Penso que, normalmente, o real é enriquecido pela fixação e pela passagem a múltiplo, digamos que suplanta o real desenhado da vida de todos os dias...

«DL» — Como sabe se as capas resultam ou não?

RP — Pelas críticas, embora a referência habitual às capas seja, sempre, um pouco marginal ao texto crítico. E as pessoas escrevem-nos. É uma amostra do seu interesse, porque escrever uma carta para um editor a dizer se se gostou ou não de uma capa é um acto voluntário. Isto leva-me a pensar que, apesar de tudo, somos precisos para alguma coisa...

«DL» — Como vão as capas em Portugal?

Escolher os livros que escolhemos



Nos dias frios procuro na cidade os interiores confortáveis e quentes, as livrarias, alguns cinemas... Nas livrarias prefiro aquelas onde me posso sentar e folhear os livros, calmamente. Uma questão ocorre-me com frequência: como se escolhem os livros que lemos? Fui falar com responsáveis editoriais e encontrei homens e mulheres em gabinetes diferentes que conversaram entusiasmados sobre a escolha dos livros e um pouco amargurados sobre o futuro.

Há palavras fundamentais quando se trata da escolha de livros: linha editorial ou eixo de programação, mercado da edição, conselho de leitura,

autores, agentes literários, feiras do livro, revistas, vendas, público!

As linhas editoriais definem campos de actuação e estabelecem, por assim dizer, os propósitos das editoras. Ou, de outra maneira, a sua personalidade e linha de actividade. Por isto mesmo, condicionam a escolha e aceitação de originais e funcionam como guias na avaliação de qualquer projecto.

Decidir quais são esses princípios orientadores parece ser a opção mais complexa de todo o processo editorial: «Há diferentes maneiras de encarar a edição mas creio que existe sempre a tensão entre

desempenhar um determinado papel cultural — o que depende das pessoas que estão à frente das editoras — e a economia da edição, que é um factor muito importante na viabilização de determinada linha editorial.» (Editorial Presença)

Uma vez estabelecidos os vectores que vão orientar a actividade de cada editora, definem-se então critérios de apreciação das obras. E aqui há que relacionar as ideias de qualidade que todos parecem defender com o espaço em que cada editora se movimenta. É por isso de grande importância o conhecimento do mercado e o seu comporta-

mento.

Os originais chegam de maneira diferente às editoras. É comum os autores portugueses apresentarem os seus próprios projectos. Em primeiro lugar é analisada a sua adequação à linha editorial. Depois, de acordo com a reputação do autor e credibilidade do projecto, é imeditamente aprovado ou então submetido à apreciação de um conselho de leitura que emite um parecer de acordo com o qual a editora toma a decisão final. Este trabalho reveste-se de uma certa delicadeza: «Todos nós nos movemos num determinado padrão de gosto e de definição da qualidade tal como a aceitamos. Se não somos editores podemos simplesmente dizer gostei, ou não gostei, e ficar por aí. Como editor, além desta apreciação comum, tem de se decidir se se publica ou não. Há aqui, naturalmente, uma dificuldade suplementar. Temos critérios que procuramos fundamentados para julgar as obras que nos são apresentadas, mas, há sempre que estar muito atento sob pena de se fazer uma avaliação apressada.» (Editorial Caminho)

As vezes são as editoras que, ao tomarem conhecimento da existência de determinado projecto, contactam os autores propondo a sua publicação. Há outros editores, como é o caso da Assírio e Alvim, que se dispõem a editar a obra completa de determinado escritor: «Muitas vezes, o que se escolhe são autores. Quando, por exemplo, nos decidimos a editar a obra de Herberto Helder ou de Cesariny, é tudo o que eles fazem. Queremos agarrar autores.»

A escolha dos autores estrangeiros está relacionada com a informação disponível em revistas especializadas, feiras internacionais, contactos com agentes literários e editoras: «Se nós estamos interessados em determinado livro, escrevemos ao editor ou ao agente e pedimo-lhe a opção sobre os direitos. Esta é uma expressão importante. Durante o tempo que nos dão para apreciar o livro, não podem vender os direitos a mais nenhum editor da mesma língua. É o que isto significa. Os editores estrangeiros que já nos conhecem e sabem o tipo de livros que publicamos tomam, também, por vezes, a iniciativa de nos enviar determinada obra para apreciação, com opção sobre os direitos.» (Gradiva)

A publicação de obras estrangeiras pode ser feita tam-

bém por sugestão de portugueses que delas tomaram conhecimento em congressos, cursos, etc., sendo o caso mais frequente na área das ciências.

Otras vezes, confessam que é apenas por gosto pessoal, ou por se detectarem falhas imperdoáveis no mercado. «Normalmente, toda a gente anda com nomes na cabeça e às vezes lamentamos não existir determinado autor em português. São lacunas imensas... era espantoso como não havia o Yeats, por exemplo!» (Assírio e Alvim)

As obras são geralmente arremadas em colecções que as editoras promovem. «A ideia de colecção não é praticada por todos os países. Nós, os espanhóis e os franceses temos muito essa política. As colecções estabelecem uma linha de afinidade temática entre as obras, identificam leitores e conseguem desta forma estabelecer uma regularidade desejável.» (Editorial Presença)

Depois destas conversas parece claro e semelhante o caminho percorrido pelas editoras ou, como aprendi: escolhe-se atendendo a eixos de programação que estabelecem critérios de avaliação dos originais. Fala-se de pareceres técnicos, espaço editorial e mercado e reparo que me fica

literário



RP — Houve uma altura especialmente brilhante, foi sobretudo um fenómeno geracional. As capas da Ulisseia, da Arcádia, o Rogério de Freitas, um homem com muito bom gosto... houve, enfim, coisas muito bonitas. Depois, de repente, desapareceu tudo. Essas pessoas, se calhar, fartaram-se de ganhar pouco. Não basta estarmos a fazer coisas de que gostamos e julgamos ter algum interesse... É preciso pagar a qualidade das coisas. Há sectores da nossa vida social que estão em situação de desastre, de calamidade pública, desde sempre. Mas as pessoas só olham para algumas situações de calamidade pública, como cair muita água no Algarve ou no Ribatejo.

O problema, é o problema do país... Temos o índice de leitura mais baixo relativamente aos nossos parceiros da CEE. Mesmo assim é milagroso que haja editoras que consigam vender 7 a 10 mil exemplares de um livro.

«DL» — O que podem fazer as editoras, neste estado de coisas?

RP — Têm de se defender pela qualidade de tradução, pela revisão, pela qualidade dos acabamentos, apresentação do livro, papel... têm de tornar o livro num objecto único e só se se impuser como tal, é que tem um lugar no mercado. O nosso mercado é muito específico, e é de tal forma, que nós vendemos 80 a 90% de tudo o que fazemos em Lisboa... Isto é muito tris-

te para nós e suponho que para muitos editores. Cheguei à conclusão de que, talvez, de 5 em 5 anos, haja alguém que leia um livro da nossa editora em Bragança, em Chaves, nos Açores.

«DL» — Lê-se mais ou menos, hoje em dia?

RP — Acho que mais.

«DL» — Dizem que os mais novos não lêem...

RP — Acredito. Mas julgo que, apesar de tudo, não acaba aqui a leitura. Nesta geração mais nova, há pessoas que se interessam verdadeiramente por livros. Também não acredito que a classe etária dos 30/40, muitas vezes apontada como a classe consumidora dos livros, seja a que lê os livros todos em Portugal. Apenas, as gerações quando estão

no momento em que poderiam aderir à leitura não são ajudadas. Quando se fala disto, tem de se falar da escola. Não tenho qualquer dúvida quanto a isto. Eu, até aos 17 anos, nunca tinha lido um livro; só gostava de hóquei, de futebol... nessa altura, tive um professor com piada, comecei a ler. Ele convenceu-me que tinha de ler a «Condição Humana» do Malraux. E foi este o primeiro livro a sério que li...

Claro que lamento que grandes meios de informação se tenham alheado por completo do livro e do que o livro pode representar. É o caso da televisão. Sempre apresentou a leitura como uma actividade perfeitamente superior, realizada por criaturas etéreas em que as pessoas falavam com vozes emprestadas e não estavam cá, estavam noutra planeta... essas mensagens desses etéreos críticos redundavam num tédio absoluto.

Ler é uma actividade que exige a vontade das pessoas. Não é, propriamente, assistir a um espectáculo de televisão.

«DL» — Mas estávamos a falar das capas em Portugal.

RP — Continuando com as capas... depois desse fenómeno geracional dos anos 40/50, houve, na minha opinião, uma grande queda. Com o passar do tempo, as coisas foram-se compondo, talvez a partir dos anos 70. Os leitores também exigiam mais. Hoje, há 4 ou 5 nomes que são importantes, o Henrique Cayatte, por exemplo, é muito bom e pertence a uma geração mais

nova. O Felgueiras, da D. Quixote, o João Botelho com as suas experiências gráficas, o Zé Rodrigues.

«DL» — E quanto a si?

RP — A minha experiência decisiva foi a feira de Frankfurt. Assisti a certos colóquios onde eram abordadas, sistematicamente, estas coisas da edição: a capa nua, a capa com ilustração, só com letra... devo a estas discussões um pouco do que tenho feito em relação às capas. Não é que me sinta especialmente dotado para fazer isto. Apenas, cada um de nós tem vários dotes (não confundir com génio) que pode adaptar para certas situações, aquelas a que chamamos a nossa profissão, a maneira como muitas vezes ganhamos a vida.

«DL» — E as capas na Europa?

RP — Não estamos especialmente longe... Já temos objectos muito bonitos, embora em percentagem reduzida. Claro que, em relação a 4 ou 5 países que, neste momento, são faróis na edição europeia, nós estamos a muitos anos-luz desses países. Mas também não nos podemos esquecer que esses países têm um público leitor considerável. E nós, não temos. Este ano, por exemplo, estava em Peniche numa esplanada e comecei a olhar para aquela gente. Havia para aí umas 8 pessoas com livros na mão. E eu disse, pronto, esta malta é toda estrangeira, nem é preciso terem olhos claros e serem loiros. E, infelizmente, eram, não é uma questão de adivinhação!...

Joana Pontes

DEVIR

DESENVOLVIMENTO DE RECURSOS HUMANOS, LDA.

No âmbito do processo de organização de serviços em curso, a União de Sindicatos de Lisboa pretende admitir, com a nossa colaboração

CHEFE DE SERVIÇOS ADMINISTRATIVOS

Para superintender a área administrativa — serviços gerais, secretaria, tesouraria, apoio à acção sindical.

Pretende-se:

- Experiência profissional relevante em actividades análogas
- Formação académica de nível médio/superior
- Conhecimentos de informática na óptica do utilizador (condição de preferência)

Envie-nos o seu «curriculum» detalhado, indicando ref.ª RH/02/DL, para DEVIR — Av. Santos Dumont, 50, 1000 LISBOA



quase a mesma questão: como se escolhe ESTE ou AQUELE livro?

«Para trabalhar nisto é preciso ter uma certa preparação... é um jogo complexo e nós vamos adaptando. Temos ideias sobre o que queremos fazer, ao que devemos prestar mais atenção... Em certa medida, depende também do que se encontra, do

que vai aparecendo...» (Editorial Caminho)

«Temos de ter senso comum... depois é a experiência e uma certa intuição do editor que no fundo dita essa lei de publicar ou não.» (Gradiva)

«Tem de se ter uma certa sensibilidade e paixão. E depois, estar em contacto com o público. No nosso caso, mais do que a escolha deste ou da-

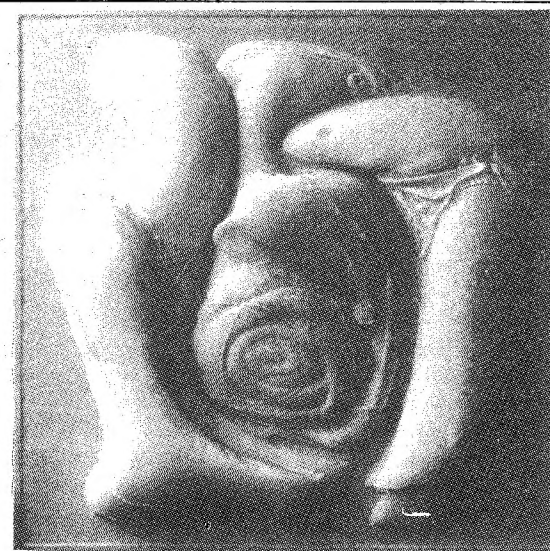
quele livro, há a estruturação daquilo que entendemos ser o mais importante, aquilo que nos agrada. Partimos do princípio que aquilo que nos agrada mais também agradará a outros. É a lógica do prazer... As editoras movimentam-se como se fossem uma locomotiva em carris. E há uma coisa que as define: é a coerência.» (Assírio e Alvim)

E não há assim tanta como isso!
(Conversas com Assírio e Alvim, Presença, Caminho e Gradiva. Correspondência com Afrontamento)

Texto de JOANA PONTES
Fotografia de MÁRIO FERREIRA MENDES

GALERIA MUNICIPAL DE EXPOSIÇÕES

Avenida Pedro Vitor 88
2600 Vila Franca de Xira
Telefones: 22031/5



EXPOSIÇÃO TAPEÇARIA E ESCULTURA GRACIETE ROSA ROSA

dia 11 de Maio a 9 de Junho
1990

CÂMARA MUNICIPAL DE VILA FRANCA DE XIRA
DEPARTAMENTO DE ACÇÃO SÓCIO-CULTURAL

LEMBRANÇA DE FIDELINO DE FIGUEIREDO

— Laika! Pois é, Laika! Bonito, lembraste! Já há muito não me vinha à memória, confesso, este nome da cadela astronauta, da primeira, a do primeiro Sputnik, cuja vida foi gloriosamente sacrificada à, então futura, sobrevivência de seres humanos em viagens espaciais. Cada vez mais pasmo, entretanto, não é com as minhas deslembanças, mas com as minhas ignorâncias. Sempre mais difícil de apanhar o tanto de novo que aparece para imprescindível saber e... ainda me vejo confrontado com a imperdoável rarefacção cultural em que fiquei, após estes trinta e tal anos de hipóteses que decorreram sobre o feito da Laika.

Lá saber da cadela, sabia; mas que Fidelino de Figueiredo lhe consagrara a memória no seu ENTRE DOIS UNIVERSOS, ignorei-o até hoje.

— Que importância tem isso?

— E queres mesmo resposta, leiamos juntos o livro. Depois conversaremos.

É tal a minha ignorância, que nem sei se ENTRE DOIS UNIVERSOS faz parte da bibliografia dos peritos em relações internacionais que nos andam a comentar os acontecimentos ultra-históricos dos últimos meses na Europa de Leste.

«E no meu isolamento pus-me a reflectir sobre o que se me afigura o máximo problema do convívio humano nos dias de hoje.

Meu velho coração, transbordante de amargura e cansaça, cumpre até ao fim o dever de chamar pela paz compreensão liberal e serena entre os seres humanos! Até à última pulsação, até rebentar — como a corda retesada sob os dedos do violinista!»



Estes «dias de hoje» têm os tais trinta e tal anos. São dos fins de cinquentas. A «última pulsação» de Mestre Fidelino, que aqui a convocou para o seu ENTRE DOIS UNIVERSOS (1959), essa veio a verificar-se oito ou nove anos mais tarde, em 20 de Março de 1967. Deste mesmo ano da sua morte nos ficou ainda mais um livro seu: PAIXÃO E RESSURREIÇÃO DO HOMEM. Para trás, entre escritos de muito diversa índole e extensão, uma bibliografia de 135 títulos, editada, ao longo de 60 anos, quer de um quer do outro lado do Atlântico. Quanto trabalho! Quanto saber!

Não te posso afirmar, como fazia aqui há pouco mais de um ano, que o nome de Fidelino de Figueiredo está completamente esquecido. Muito débil, embora, houve reabilitação, a propósito do centenário do seu nascimento (20 de Julho de 1889), deste grande vulto da cultura portuguesa do séc. XX.

Mas... e a sua obra? Quem está a lê-la dos que nunca a leram e de há muito trazem sobre si, pelas posições a que subiram, a obrigação de estudá-la?

Como é possível, por exemplo, aparecerem, neste momento, livros e mais livros sobre os problemas do ensino e da educação em Portugal e, ao folheá-los, não encontrarmos uma referência à MENOR IDADE DA INTELIGÊNCIA?

— Tu ou eu?! Não temos tempo! Precisávamos de quem previamente nos preparasse os sublinhados.

Bem queremos vencer a nossa ignorância, ignorân-

cia do que temos e somos, para tornarmos possível orientar o que seremos. E o contágio sem remédio que dela estamos fazendo às novas gerações?

Bem queremos, mas, assim, não vamos longe...

— Quem?! Não creio que não estejas a ver quem nos haveria de preparar os «sublinhados», indispensáveis a uma leitura rápida. Estão diante dos nossos olhos, nos pedestais adequados. O problema está na falta de exigência dessa mesma nossa ignorância colectiva. Por via dela sentem-se seguros e... livros de um justo apeamento. Tanta coisa inconcebível, neste País, em termos de cultura geral!

— Como vamos resolver a questão?

— Não mo perguntes. Bom era que, ao veres-me para aqui a coçar a cabeça, te pusesses a abrir, na capa cinzenta desta tarde sem sol, a nesga de azul que repondesse a essa tua própria pergunta, tão desencorajada.

Francamente, cada vez, precisamos menos de adorar ídolos e suas obras inicitáveis.

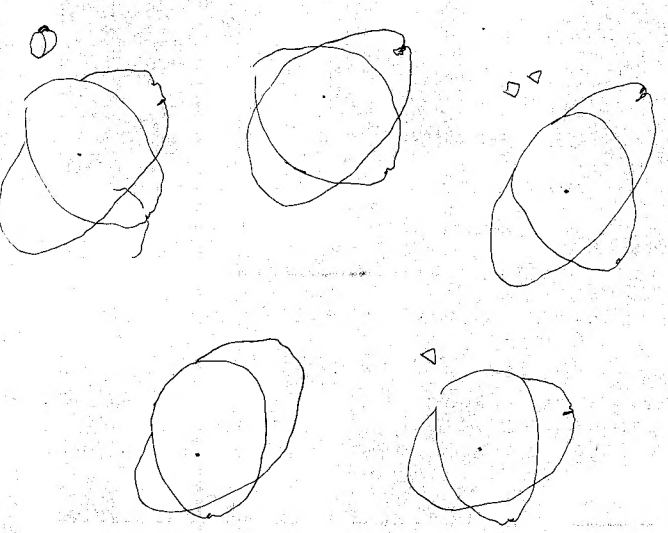
Tarde de mais para continuarmos a acatar tudo o que disse quem foi queimado pela Inquisição, só porque o foi; tanto como para deitarmos abaixo as estátuas erguidas pelo anterior regime, só porque o foram.

— E livros considerados leitura obrigatória para todo o ser pensante, quando eram proibidos?

— Hoje ninguém os lê!
— Bem ou mal?
— Bem e mal. Esquecer ídolos sem matar deuses, será possível?

Já calculava que acabaríamos com alguma tolerância. Mas, se nem o nome de uma cadela, pioneira do espaço, é conveniente ignorarmos, quanto não devermos a homens e a obras que, apesar de ultrapassadas em muitos pontos ou até tocadas por erros tão evidentes que nem são de refutar, nos entranham num nível cultural a que não poucos dos nossos mestres de momento, por mais que de bom grado os honremos, estão ainda muito longe de chegar?

Não é só Fidelino e a sua obra que é urgente reconhecer. Mas Fidelino de Figueiredo é. Seguramente!



P.S.: Cai-me agora nas mãos, ao começar deste Maio, o n.º 112 de COLÓQUIO-LETRAS, referente a Novembro-Dezembro de 1989. Irritantemente atrasado? Para nós, ou melhor, para o branco dos nossos cadernos, veio mesmo a tempo. A tempo de comprovar que o respeito por nós próprios pouco lugar nos tem dado para falarmos de Fidelino de Figueiredo, porque o direito de usar da palavra cabe, a tempo quase inteiro, a brasileiros e espanhóis. Está certo começarmos por ouvi-los, neste caso, para mais facilmente reconhecermos quem temos ignorado.

Honra seja, pois, à Imprensa Nacional-Casa da Moeda por ter encomendado a António Soares Amorim o n.º 40 da sua COLEÇÃO ESSENCIAL e, agora, também à COLÓQUIO-LETRAS por nem uma linha portuguesa nos dar sobre Mestre Fidelino neste n.º em que comemora o seu centenário.

A minha ignorância não obstava a que estivesse informado da muita conta em que brasileiros e espanhóis tinham Fidelino. Dos brasileiros, fora-me fácil entender. Dos espanhóis só quando, finalmente, cheguei a ler AS DUAS ESPANHAS. Quanto a PIRENE, onde e como encontrá-lo com acessibilidade?

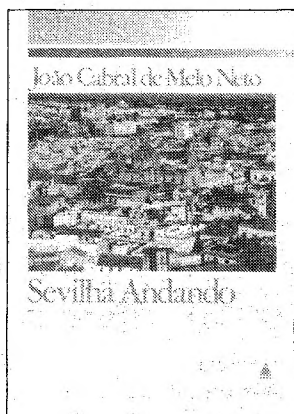
Atirando aos silêncios incompreensíveis o balbúcio em que venho, aproveito a facilidade com que se podem neste momento ter à mão os testemunhos que COLÓQUIO-LETRAS apresenta e a rapidez com que pelo volumezinho da COLEÇÃO ESSENCIAL se pode obter uma vasta informação sobre Fidelino e a sua obra, para pedir, a quantos os lerem, que façam coro neste repto a quem pode e deve:

— Já, uma edição acessível das obras completas de Fidelino de Figueiredo;

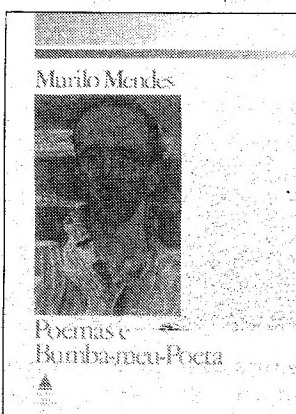
— imediatamente, uma provocação à leitura dessa obra, por actualização da polémica, através de ensaios críticos, de algumas das suas ideias cuja acuidade no presente, a mais de vinte anos da sua morte, não nos podemos dar ao luxo de ignorar.

RV

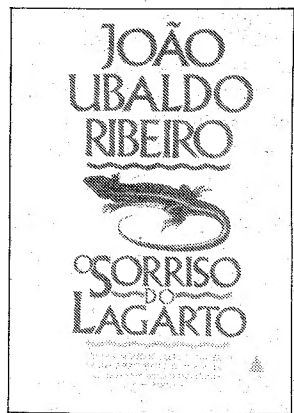
NOVIDADES DA LITERATURA BRASILEIRA



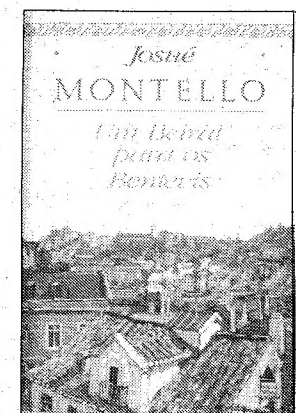
PREÇO — 1400\$00



PREÇO — 1900\$00



PREÇO — 2500\$00



PREÇO — 2800\$00

Dinalivro

A PRESENÇA DO LIVRO BRASILEIRO

Estaremos presentes na Feira do Livro, nos Stands 64, 65 e 66

Livraria
Centro Cultural Brasileiro
Largo Dr. António Sousa Macedo, 5
1200 LISBOA

Armazéns/Esritório
Travessa do Convento
de Jesus, 15-r/c
1200 LISBOA